

Daniel Valério Martins, Ruan Rocha Mesquita, Ana Carolina Fialho de Abreu e Marilete Calegari Cardoso
(Orgs.)

Cápsulas do Tempo

Avaliação Materializada em Relatos de Infâncias



Daniel Valério Martins, Ruan Rocha Mesquita, Ana Carolina Fialho de Abreu e Marilete Calegari Cardoso
(Orgs.)

Cápsulas do Tempo

Avaliação Materializada em Relatos de Infâncias



EDIÇÕES
AINPGP

Instituição:

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia – AINPGP

Diretoria:

Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (Presidente)
Acad. Kaliene Batista Ferreira (Vice-Presidenta)
Prof. Dra. Maria Luzirene Oliveira do Nascimento (Secretária)
Acad. Romário Cícero da Silva Abreu (Suplente de Secretário)
Profa. Dra. Francicleide Cesário de Oliveira (Tesoureira)
Profa. Dra. Disneylandia Maria Ribeiro (Suplente de Tesoureira)

Conselho Editorial (Nacional e Internacional):

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)
Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)
Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)
Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)
Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)
Profa. Dra. Ciclene Alves da Silva (UERN)
Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)
Profa. Dra. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)
Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)
Prof. Dr. Ernano Arraias Junior (UFERSA)
Prof. Dr. Fernando Gil Villa (USAL y ABS-USAL/Espanha)
Profa. Dra. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)
Profa. Dra. Francicleide Batista de Almeida Vieira (UFRN)
Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)
Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERN)
Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)
Profa. Dra. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCEG)
Profa. Dra. Kássia Mota de Sousa (UFCEG)
Profa. Dra. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)
Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/UNILAB/Brasil)
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFES)
Profa. Dra. Maria da Paz Cavalcante (UERN)
Profa. Dra. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)
Profa. Dra. Maria Eliete de Queiroz (UERN)
Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)
Profa. Dra. Racquel Valério Martins (ABS-USAL/Espanha)
Prof. Dr. Renato Alves Vieira de Melo (ABS-USAL/ Espanha)
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)
Profa. Dra. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)
Profa. Dra. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)
Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)

Cápsulas do tempo:
Avaliação Materializada em Relatos de Infâncias

1ª Edição Maio de 2025

Organizadores: Daniel Valério Martins, Ruan Rocha Mesquita, Ana Carolina Fialho de Abreu e Marinete Calegari Cardoso

Capa e edição: Ruan Rocha Mesquita

Ilustrações: Inteligência Artificial Microsoft Copilot

Revisão Científica: Ana Carolina Fialho de Abreu e Marilete Calegari Cardoso

Revisão Ortográfica: Simone Aparecida Fonseca Alves

Apresentação: Daniel Valério Martins

Prólogo: Lara da Silva Cardoso

Prefácio: Edjane Freitas Teixeira

Posfácio: Sara Braga de Melo Fadigas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C254

Cápsulas do tempo: avaliação materializada em relatos de infâncias [recurso eletrônico] / Organizadores: Daniel Valério Martins, Ruan Rocha Mesquita, Ana Carolina Fialho Abreu, Marilete Calegari Cardoso. Pau dos Ferros/RN: AINPGP, 2025.

223p.

Vários autores

ISBN: 978-65-87527-44-4

DOI: <https://doi.org/10.57242/AeBook00012>

1. Processo pedagógico. 2. Memórias. 3. Educação humanizada. I. Martins, Daniel Valério. II. Mesquita, Ruan Rocha. III. Abreu, Ana Carolina Fialho. IV. Cardoso, Marilete Calegari. V. Título.

CDD 370

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

Copyright © 2025 Edições AINPGP e Autores.

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito dos autores do livro.



Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n.
Populares, Cajazeiras - PB, CEP: 58900-000.

<https://ainpgp.org/edicoes-ainpgp/>

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
<i>Daniel Valério Martins</i>	
Prólogo.....	12
<i>Lara da Silva Cardoso</i>	
Prefácio	14
<i>Edjane Freitas Teixeira</i>	
Capítulo do Tempo I: Pedagogia UESB	16
Capítulo 1.1 Saudade	17
<i>Gisele Soares Pomponet dos Santos</i>	
Capítulo 1.2 O seu “eu” adulto.....	21
<i>Geovanna Pereira Santos</i>	
Capítulo 1.3 Vontade de voltar no tempo.....	27
<i>Taís Santos de Oliveira</i>	
Capítulo 1.4 Sejam crianças	30
<i>Amanda Silva Martins</i>	
Capítulo 1.5 A magia de ser criança	34
<i>Sara Alves Silva</i>	
Capítulo 1.6 A vida é curta	38
<i>Ana Bárbara Silva Nascimento</i>	
Capítulo 1.7 Cuidem do planeta	41
<i>Girlane de Jesus Santos</i>	
Capítulo 1.8 Você pode ir mais longe.....	44
<i>Karine Silva Santos</i>	
Capítulo 1.9 Nunca deixem de sonhar.....	46
<i>Anna Clara de Assis Santos</i>	
Capítulo 1.10 Sem pressa para crescer.....	49
<i>Liggya Evellyn Souza Santos</i>	
Capítulo 1.11 Valorizem a curiosidade	52
<i>Erlon Santos Brandão</i>	

Capítulo 1.12 Esperança.....	55
<i>Caroline Matos Santos</i>	
Capítulo 1.13 Eu te amo	60
<i>Luíza Vitorino dos Passos</i>	
Capítulo 1.14 Privilégio de ser criança	62
<i>Mateus Santana de Moura</i>	
Capítulo 1.15 Os sonhos se realizam	65
<i>Nádja da Silva Conceição</i>	
Capítulo 1.16 Nunca deixem de sonhar.....	67
<i>Emilly de Jesus Pereira</i>	
Capítulo 1.17 Como mudará o jogo?	71
<i>Derivania Borges dos Santos</i>	
Capítulo 1.18 Um pingo de esperança	74
<i>Tâmara Cristine Santos Bispo</i>	
Capítulo 1.19 Você é protagonista	78
<i>Lilian Pinheiro Santana</i>	
Capítulo 1.20 Respeito acima de tudo	82
<i>Rebeca Oliveira Reis</i>	
Capítulo 1.21 O olhar de saudade	84
<i>Tailane de Jesus Santos</i>	
Capítulo 1.22 As coisas simples	87
<i>Maria Gorete Andrade dos Santos</i>	
Capítulo 1.23 Princípios	92
<i>Nathalia Araujo Nascimento</i>	
Capítulo 1.24 As portas dos sonhos.....	95
<i>Raí Araújo Cardoso</i>	
Capítulo 1.25 A essência mais genuína	99
<i>Mariana Meira Santos</i>	
Capítulo 1.26 Amizades verdadeiras	105
<i>Beatriz Silva Amaral</i>	
Capítulo 1.27 Moldar o mundo.....	109
<i>Wanielly de Queiroz dos Santos</i>	

Capítulo 1.28 As verdadeiras chaves.....	112
<i>Luís Antonio dos Santos Nascimento</i>	
Capítulo 1.29 Pequenos gestos.....	114
<i>Taiala Santos Barreto</i>	
Capítulo 1.30 <i>Online versus offline</i>	118
<i>Gabriel Silva Conceição dos Santos</i>	
Capítulo 1.31 Gratidão e leveza	121
<i>Lara Reis Bittencourt</i>	
Capítulo 1.32 O que realmente fica.....	124
<i>Maurício de Assis Borges</i>	
Capítulo 1.33 O que restará de sua infância.....	127
<i>Jádila Bruna Oliveira Santos</i>	
Capítulo 1.34 Experiências	133
<i>Daniely de Oliveira Pinheiro</i>	
Capítulo 2.0 Cápsula do Tempo II: PPGE UNIMAIS.....	138
Capítulo 2.1 O futuro é brilhante	139
<i>Maria de Fátima Macedo Silva</i>	
Capítulo 2.2 O que vale mais que ouro?.....	141
<i>Maria Angélica Ferreira de Moura</i>	
Capítulo 2.3 Orgulho	144
<i>Walquiria Maria Rodrigues</i>	
Capítulo 2.4 Contato caloroso	147
<i>Lilian Paula Vieira</i>	
Capítulo 2.5 Sabedoria.....	149
<i>Maura de Oliveira Lima de Freitas</i>	
Capítulo 2.6 O que há de bom.....	151
<i>Alessandra Cabral da Silva</i>	
Capítulo 2.7 O que você escolhe?.....	152
<i>Elisângela Campos Silva Honório</i>	
Capítulo 2.8 O legado dos ancestrais	156
<i>Betânia Aparecida Gonçalves de Deus</i>	

Capítulo 2.9 Uma infância ao ar livre.....	159
<i>Fernanda de Melo Monteiro Fantini</i>	
Capítulo 2.10 Aprender com os mais velhos.....	160
<i>Flaviane Daniela Araújo Matias Lacerda</i>	
Capítulo 2.11 Etapa incrível.....	162
<i>Leandra Maria Porfírio</i>	
Capítulo 2.12 Cuidem uns dos outros.....	164
<i>Karla Janaina de Souza Brito Pires</i>	
Capítulo 2.13 Memória afetuosa.....	166
<i>Bruna Caponi Borba</i>	
Capítulo 2.14 O vento em seu rosto.....	169
<i>Waldomira Jesus do Amaral Santos</i>	
Capítulo 2.15 Viver o presente.....	173
<i>Eliney Pereira Souto</i>	
 Cápsula do Tempo III: PPGREC UESB.....	176
Capítulo 3.1 Alegria de ser criança.....	177
<i>Paula Maria da Silva Chaves</i>	
Capítulo 3.2 Diversão saudável.....	179
<i>Gabriel de Jesus das Neves</i>	
Capítulo 3.3 Momentos do passado.....	181
<i>Ivana Meira Silva de Carvalho</i>	
Capítulo 3.4 Conselhos dos mais velhos.....	185
<i>Grasiela Ramos de Oliveira</i>	
Capítulo 3.5 Desafios e maravilhas.....	187
<i>Edinalva Sandra de Jesus dos Santos</i>	
Capítulo 3.6 O que está ao redor.....	190
<i>Jessika de Oliveira Sousa</i>	
Capítulo 3.7 Realizar o extraordinário.....	192
<i>Cristiane Dias da Silva Froes</i>	
Capítulo 3.8 Cuidado com a academia.....	202
<i>Iuri Nascimento Souza</i>	

Capítulo 3.9 Ferramentas que você precisará	206
<i>Lidiane Almeida Silva</i>	
Capítulo 3.10 Viver poeticamente	209
<i>José Raimundo Carvalho</i>	
Capítulo 3.11 O quanto somos frágeis	216
<i>Agna Santos Amparo</i>	
Posfácio.....	221
<i>Sara Braga de Melo Fadigas</i>	
Sobre os(as) organizadores(as)	222

APRESENTAÇÃO

O livro “Cápsulas do Tempo: Avaliação Materializada em Relatos de Infâncias” é o resultado de uma proposta de Avaliação Materializada, que traz implícita a ideia da substituição de provas pela criação de Produtos Educacionais, em formato de textos, que os alunos levarão por toda a vida, em seus currículos, enquanto autores. Entre os conceitos de base utilizados nessa obra estão: História de Vida; Infância; Memória; Identidade; Cultura; Tempo e Temporalidades. Conceitos estes trabalhados durante algumas Disciplinas que conformam a Prática como Componente Curricular – PCC do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, quais sejam: Pesquisa em Antropologia e Processos Pedagógicos; Educação, Tecnologia da Informação e da Comunicação; Leitura e Produção de Textos; Educação Infantil e História da Educação no Brasil. Somadas às disciplinas Avaliação da Aprendizagem em Perspectiva Materializada e Relações Étnicas, Memória e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE do Centro Universitário Mais – UNIMAIS de Goiás e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC/ ODEERE da UESB respectivamente. As ilustrações que aparecem na capa e no início de cada Cápsula do Tempo foram geradas com a utilização de ferramentas de Inteligência Artificial *Microsoft Copilot* para representar as histórias contadas.

Este livro contém três Cápsulas do tempo, cada uma elaborada por uma turma distinta. A primeira foi escrita pelos alunos do Primeiro semestre do Curso de Pedagogia da UESB; a segunda foi escrita pelos alunos do PPGE do UNIMAIS de Goiás e a terceira foi escrita pelos alunos do PPGREC/ ODEERE da UESB. Esse material foi desenvolvido como espécie de relatos de vida e memórias de 60 estudantes, com uma perspectiva lúdica, tratando de questões pessoais, sociais, culturais, políticas e econômicas de maneira

simples, mas impactante e servirá de mostra de avaliações diferenciadas partindo da metodologia de Avaliação Materializada, temática discutida e trabalhada nas três turmas e instituições mencionadas.

A ideia de envolver alunos de um primeiro semestre do curso de pedagogia com alunos egressos de cursos de licenciaturas e mestrados, muitos destes que já contam com uma determinada experiência docente, foi a de comparar anseios, expectativas e as mudanças que podem ocorrer durante o período de formação inicial/profissional de nossos professores. Os alunos participaram de dinâmicas de grupo voltadas para suas histórias de vida, com base em suas fotografias quando crianças. Em seguida, cada aluno(a) foi desafiado(a) a responder três questionamentos base: Como foi sua infância? Como você vê a infância atualmente? e qual mensagem você deixa para as crianças do futuro nessa cápsula do tempo que será aberta no ano de 2050?

As respostas aos questionamentos, com seus relatos pessoais e as mensagens para as crianças do futuro foram as mais variadas possíveis. Os leitores encontrarão nos capítulos que seguem, situações de muito afeto, carinho e segurança, mas também se depararão com relatos de infâncias roubadas, violadas, negligenciadas e esquecidas por parte de seus responsáveis. A ideia do material não é a de romantizar a infância, mas sim, mostrar desde relatos e histórias reais a situação atual de nossas crianças, alunos e futuros profissionais da Educação e quiçá evidenciar a situação de vulnerabilidade que muitas se encontram na tentativa de mudanças nas realidades de outras crianças que virão.

Esperamos que essa obra “Cápsulas do Tempo: Avaliação Materializada em Relatos de Infâncias”, com a Trilogia apresentada possa contribuir com reflexões e ideias de processos pedagógicos e avaliativos outros, que venham a nos enriquecer com novas metodologias e com uma Educação humanizadora, além de reflexões sobre a preservação, o resgate

e/ou a cura das crianças que levamos dentro de cada um de nós.

Daniel Valério Martins

Professor do PPGREC – UESB

E-mail: daniel.martins@uesb.edu.br

PRÓLOGO

Era uma vez...

Era uma vez um baú mágico, guardado pelo tempo, mas repleto de histórias que sussurram ao coração. Ao destrancá-lo, somos transportados para infâncias vividas Brasil afora, entre o campo e a cidade, onde quintais de terra batida se tornavam reinos encantados e corredores de escolas abrigavam grandes aventuras. Encontramos lembranças de um mundo sem tecnologias, em que o relógio parecia pausar enquanto a imaginação tecia castelos de nuvens, rios de sonhos e florestas de possibilidades. Ali, o infinito cabia no presente, e o futuro era esboçado com giz colorido ou com os olhos fechados.

Mas esse baú também guarda relatos de desafios: os medos do escuro que pareciam engolir o mundo, os primeiros tombos que ensinaram a se reerguer, a saudade embalada em abraços que ficaram na memória e as angústias de uma infância vivida entre lutas e desigualdades. Este baú é, na verdade, este livro que agora repousa em suas mãos. Em suas páginas, estão fragmentos de memórias, cuidadosamente alinhavados por estudantes de diferentes gerações. Eles nos convidam a mergulhar nas águas cristalinas da infância, em que descobrimos que até nos gestos mais simples do cotidiano reside uma magia capaz de reacender a alegria de viver.

Cada página deste livro é um portal para um universo único, desenhado pelas vozes de estudantes do curso de Pedagogia e de cursos de Pós-Graduação. São histórias recheadas de brincadeiras de rua que transformavam calçadas em castelos, de correrias entre os quintais que escondiam tesouros e de livros que abriam mundos novos. São também narrativas de ausências, desafios e superações, que nos mostram como a infância não é apenas uma etapa da vida, mas o terreno fértil em que se plantam as sementes do que um dia nos tornaremos.

Aqui, descobrimos o riso solto das brincadeiras de pique-esconde e o som das rodas de cantigas no quintal. Sentimos a poeira das estradas rurais e o calor do abraço de avós que costumavam sonhos em retalhos de pano. Mas também nos deparamos com silêncios e cicatrizes que falam de uma infância marcada pela luta e pela resiliência.

Ao final de cada capítulo, um recado: mensagens deixadas pelas mãos que escrevem hoje para as crianças que virão amanhã. É um convite à reflexão sobre o presente, para que possamos construir um futuro em que a infância seja sempre um espaço de amor, liberdade e aprendizado.

Este livro, como uma cápsula do tempo, não é apenas um memorial; é uma celebração das diversas infâncias que nos compõem. É uma lembrança de que, mesmo nos momentos mais desafiadores, há algo de mágico em ser criança. Que ao ler estas histórias, você também possa resgatar a criança que habita em você.

Lara da Silva Cardoso
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
E-mail: lara.silva@uesb.edu.br

PREFÁCIO

A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias.

A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar.

A infância é uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós.

Mia Couto

Tradutor de chuvas. Portugal: Ed Caminho, 2015.

O livro “Cápsulas do Tempo: Avaliação Materializada em Relatos de Infâncias” é uma obra coletiva tecida por várias mãos e contém textos de professores, doutores, mestres, estudantes de graduação e pós-graduação stricto sensu na área de educação. Ao longo destas páginas acompanhamos as narrativas da infância, os tempos da meninice e outros temas que se associam ao universo infantil, buscando compreender por meio das experiências cotidianas a forma como se produz culturas infantis, o lugar da criança, seu modo de ser e viver em diferentes tempos e espaços.

Narrar a experiência de si, evocar a memória e as lembranças da infância atribuindo sentido e significado aos acontecimentos vividos, permitiu que o presente atualizasse o passado que foi lembrado, mostrando as mudanças de cunho histórico e as percepções de infância na contemporaneidade. A potência das narrativas revela que não existe uma única forma de vivenciar a infância e que fatores como situação financeira, etnia, gênero, localização geográfica, escola e religião interferem no modo de viver e ser criança. Assim, devemos falar de infâncias no plural, considerando que existem diferentes experiências e que depende do contexto em que cada pessoa está inserida.

As mensagens deixadas nas cápsulas é um convite para pensar no

futuro e refletir sobre os efeitos do tempo em nossas vidas, evidenciando a necessidade de um olhar cuidadoso para infância de modo a assegurar que a criança seja criança, respeitando seus direitos, garantindo proteção, à liberdade de crescer no tempo adequado, com políticas públicas que contemplem essa fase do desenvolvimento humano.

A proposta do trabalho interdisciplinar com foco na produção de textos e narrativas sobre as infâncias, configurou-se como uma atividade avaliativa e resultou nesta obra, fortalecendo abordagens pedagógicas mais dialógicas e emancipatórias. Ao narrar, a própria história é possível tomar consciência das relações que estabelecemos com o outro e com o mundo em um processo de reflexão que provoca transformações em nossas vidas, nos constituindo como sujeitos individual e social.

Neste ponto, ressaltamos que a memória traz de volta o que realmente importa: a infância impregnada de eternidade. Cada criança é um novo mundo que interpela o mundo estabelecido, ela produz cultura e como protagonista da história participa do seu próprio processo formativo.

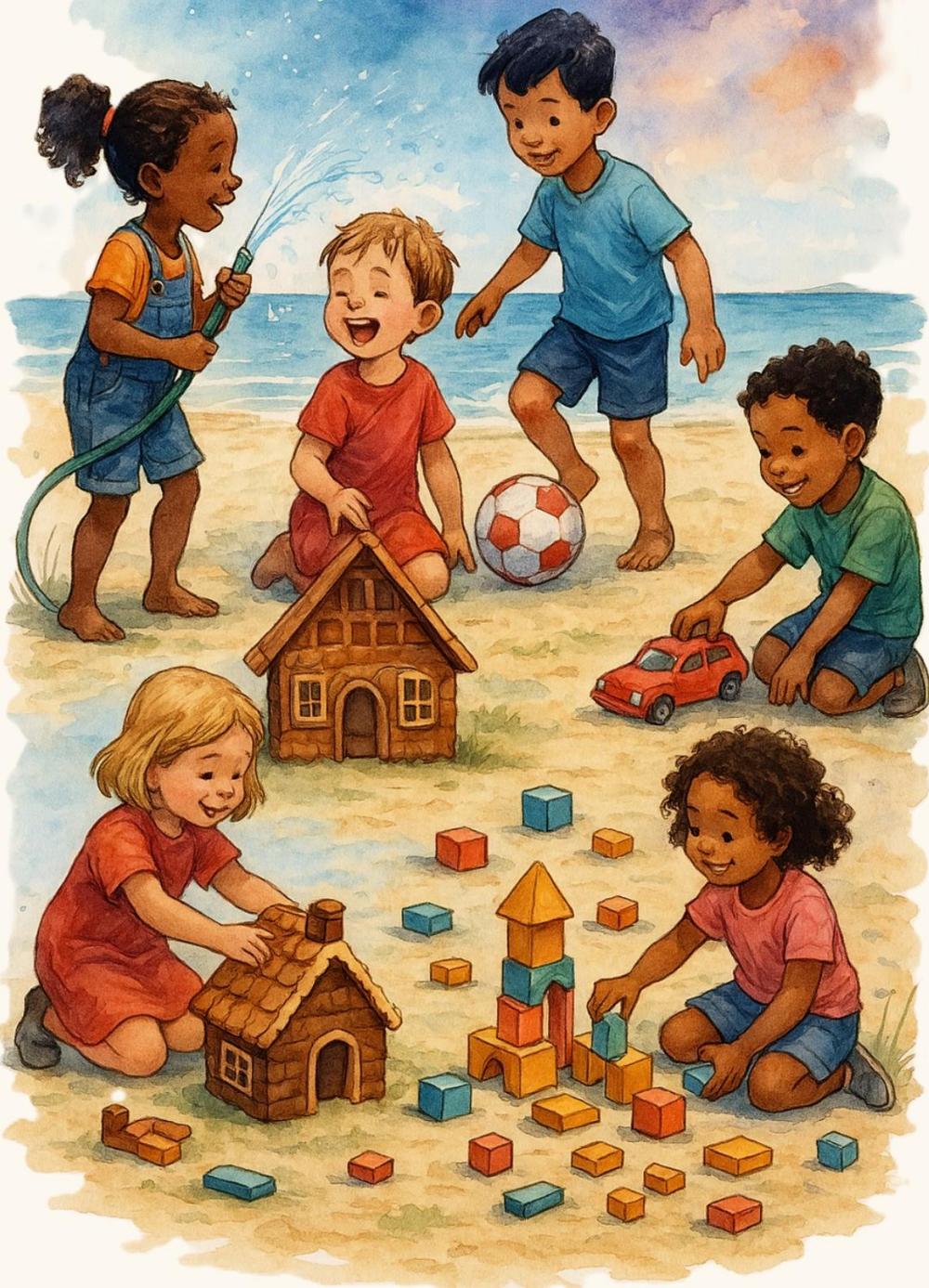
Edjane Freitas Teixeira

Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: edjane.teixeira@uesb.edu.br

Cápsula do Tempo I

Pedagogia UESB



CAPÍTULO 1.1

SAUDADE

Gisele Soares Pomponet dos Santos

E-mail para contato: pomponetgisele@gmail.com

As nossas crianças

A infância é um período importantíssimo em nossas vidas. É durante esse ciclo que começamos a despertar e idealizar desejos futuros, baseados no ambiente e nas pessoas com quem convivemos. Portanto, uma infância vivida de forma genuína, pacífica, prazerosa, livre, e respeitosa, gera, na maioria das vezes, adolescentes e adultos bem formalizados, confiantes e íntegros. Por outro lado, se vivida de forma conturbada, coagida, e limitada, gera, muitas vezes, adolescentes e adultos fragilizados, com dificuldade afetiva, inseguros, quanto a sentimentos de inferioridade, de querer superar as dificuldades outrora vividas.

Eu, Gisele, nascida em 30 de abril de 2004 (20 anos), natural de Jequié - Bahia, tive uma infância repleta de amor e muita diversão. Após completar três anos, fui presenteada com uma irmãzinha. A Emily, nascida em 11 de novembro de 2007 (17 anos).

Meus pais saíam cedo para trabalhar. Meu pai (vulgo Nêgo/motorista) saía todos os dias às 5 da manhã e minha mãe (Eliana/professora) saía às 6 da manhã, ambos com destino aos seus trabalhos. Por esse motivo, por muito tempo foram necessárias terceiras pessoas para que pudessem nos cuidar. Nesse período, senti muito a falta dos meus pais no nosso dia a dia, pois só conseguíamos encontrá-los à noite. Porém, hoje entendemos que foi necessário todo esse esforço para que pudessemos ter uma vida estabilizada e em ótimas condições financeiras. Apesar da correria rotineira, nunca nos faltou atenção e amor. Os dois sempre foram muito dedicados a nos dar o melhor deles.

Minha irmã e eu tínhamos um quarto repleto de brinquedos, livros, ursos etc. Apesar das brigas entre as irmãs, passávamos a manhã inteira brincando, sendo interrompidas apenas no momento de ir para a escola (fui inserida aos três anos de idade).

Do lado da nossa casa, tinha uma rua sem saída, onde também foi cenário de muita vivência infantil. Brincávamos com outras crianças de bicicleta, pega-pega, pique-esconde, gude etc. Brincadeiras de rua de modo geral. Na nossa sala tinha uma tevê que transmitia programas infantis a manhã toda, e essa também era uma das inúmeras coisas que divertia a nós e aos meus pais. Meus pais sempre nos proporcionaram tempos de qualidade, levava-nos para parques, restaurantes, sorveteria e, principalmente, para praia (nosso momento mais esperado do ano). Lá a gente se divertia de montão, pedíamos tudo que passavam vendendo pela nossa frente. Me sentia mil vezes mais livre.

Durante a maior parte da minha vida meu avô Bel se fez presente e marcou nossa história. Ele foi/é o cara mais doce e amoroso que conheci em toda minha vida. Ele sempre fazia nossas vontades e que, muitas das vezes, ia em contradição às da minha mãe (ele era icônico *keké*). Ele nos enchia de doces, salgadinhos, dava-nos dinheiro escondido etc., ele era um amor.

Desde pequena sempre me inspirei na mulher da minha vida (minha mãe). Ela tem um legado lindíssimo e admirável. Sempre nos contou sobre sua infância e apesar de ter sido difícil, nunca deixou de honrá-la. Ela nos relatava que começou a trabalhar desde muito novinha, dedicava-se à vida na roça, aos trabalhos na feira e também tinha que lidar com os estudos. Apesar da correria precoce, ela viveu intensamente cada momento oportuno de sua infância juntamente com seus cinco irmãos. Com meu pai também não foi diferente. Em geral, a época dos meus pais foi marcada por muito trabalho e dificuldades de toda ordem, porém, nunca deixaram o espírito acriançado morrer.

Atualmente, nessa nova geração vemos outros tipos de crianças, um novo modo de infância. Os pequenos vivem apenas dentro de casa, apegados às telas, despertando sentimentos de irritabilidade e ansiedade quando elas são retiradas de seu controle. O convívio com outras crianças também é limitado, muita das vezes tendo apenas esse contato social em ambientes escolares. São poucos os pais que têm esse cuidado de não limitar a criança em viver esse período de forma livre e ingênua. Esses casos se restringem aos pais que têm uma vida em condição financeira estável. Em contrapartida, é primordial dissertar sobre os pequenos que se encontram nos orfanatos, que apesar de ter o convívio com outras crianças, não experimentam o amor materno e paterno. São circunstâncias que desencadeiam sentimentos psicológicos negativos, a exemplo de: insegurança, solidão, e dificuldade em socialização.

Em outra perspectiva, temos aquelas famílias que necessitam da ajuda do seu filho para trazer o alimento básico para dentro de casa, quando geralmente lhe é cobrada essa responsabilidade precoce durante a fase infantil.

As crianças para a sociedade despertam um sentimento de sensibilidade, e, por muitas vezes, são utilizadas pelos seus genitores para obterem retorno financeiro em cima de suas imagens. A exemplo desses cenários estão as crianças que vivem em situação de rua. Seguindo nessa linha, é de suma importância debater sobre os pensamentos maliciosos irradiados sobre os pequenos adolescentes que tiram seus sustentos nas ruas. Eles são vistos com um olhar julgador, são tirados como marginais e, mais intensamente, para aqueles que são negros e periféricos. São ações vindas de pessoas desumanas e preconceituosas.

É essencial argumentar os impactos gerados na vida desses pequenos a longo e médio prazo. Não só basta perder sua infância e adolescência, mas também são obrigados a lidar com o preconceito alheio. Pensamentos

maldosos são destravados na mente desses adolescentes, podendo lhes desencadear posteriormente sentimento de vingança. São situações que, infelizmente, fazem-lhes perder o sentido da vida e recorrer a outros caminhos. É muito triste presenciar esse tipo de cenário, sentir o desejo de mudar essa realidade e não conseguir. Infelizmente esses pensamentos e ações estão enraizados no passado de muitas crianças, nas suas bagagens. Cabe a nós fazermos a diferença, fazer com que esse tipo de constrangimento não se propague por mais gerações para que mais crianças tenham a sorte de viver a infância que vivi.

Para as crianças do Futuro

De peito aberto, meu desejo é que todos tenham a oportunidade de viver a infância mesmo que na adolescência ou na vida adulta. Todo mundo deveria sentir um pouco desse sentimento de viver a vida de forma livre, e respeitosa como sujeitos sociais. Para as nossas crianças desejo um mundo repleto de brincadeiras, amor e diversão. E para a minha criança do passado: saudade.

CAPÍTULO 1.2

O SEU “EU” ADULTO

Geovanna Pereira Santos

E-mail para contato: geovannasantospereira2@gmail.com

A Infância de Geovanna

Na noite calorosa do dia 12 de novembro de 2004, no Hospital Geral Prado Valadares, às 21h15, em Jequié - Bahia, nasceu Geovanna Pereira Santos. Filha de Adriana Santos Pereira e Valmir Jesus Santos, Geovanna morou em Jequié com seus pais durante sua primeira infância até completar seus oito anos de idade.

Em janeiro de 2013, com sua família mudou-se para uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, de nome Itinga e situada no Vale do Jequitinhonha, onde morou por seis anos, passando pela transição entre infância e adolescência.

Em julho de 2019 aos 14 anos, mais uma vez mudaram-se para cidade de Massapê - Ceará, onde morou brevemente por dez meses. Em junho de 2020, devido à pandemia da COVID-19, Geovanna e seus pais retornaram à sua cidade natal onde residem até os dias atuais.

Jequié

Aos três anos de idade, Geovanna ingressa na escola Turma Da Mônica onde estudou até o 3º ano do ensino fundamental, localizada próximo a sua residência no bairro Espírito Santo. Nessa escola, foi aluna de uma professora que lhe despertou o amor por ensinar. Ainda pequena, amava pegar suas bonecas e ursos e colocá-los em fileiras imitando uma sala de aula como a da sua professora, usando um pequeno quadro de brinquedo, imaginando estar dando aulas para seus alunos.

Suas melhores amigas da escola eram Luiza, Samira e Petra com as

quais passava todo o recreio brincando de pega-pega, esconde-esconde e de bonecas quando lhes era permitido. No Dia das Crianças a escola costumava levar os alunos para um passeio no sítio, lá passavam o dia com brincadeiras que envolviam banho de piscina, mangueira ou chuveiro, futebol no gramado, vôlei e parquinhos com balanço, escorregador, pula-pula e gangorra. Com suas amigas, gostava de tomar banho de mangueira, usava maiô rosa e se refrescava com sucos de frutas.

Durante o período em que estava em casa, deitada em seu sofá amarelo, gostava de assistir desenhos nos canais SBT, TV Futura, TV Cultura, Disney e TV Globinho. Desenhos como Os Sete Monstrinhos, Barbie, As Trigêmeas, Madeline, Angelina Bailarina, Cocoricó, Três Espiãs Demais, Quintal da Cultura, Igarapé, Historinhas de Dragões, Os Amigos de Miss Spider, As Aventuras de Piggley Winks e Shaun, O Carneiro. Durante esse tempo, observava sua mãe nos afazeres domésticos, muitas vezes ao som das bandas Calcinha Preta, Silvano Sales, Asas Livres, Mala sem Alça e Pablo.

No período fora das telas, brincava com suas vizinhas Brenda, Rafaela, Julia, Lara e Daleth, mas especialmente, amava estar com sua prima Larissa. Com ela, as brincadeiras eram desafiadoras, pois a diferença de idade entre elas são sete anos, porém, estar em sua companhia tornava tudo divertido. A imaginação e criatividade dominavam suas artes, faziam bolo de areia, bicicleta se transformar em roda gigante para as bonecas e folhas de plantas serem dinheiro.

No quintal de sua avó Maria Aurelina, Geovanna e Larissa brincavam de balanço e muitas vezes destruíram as plantações, ali também havia um fogão à lenha, onde elas pegavam carvão para usar como giz e escrever nas paredes. Com as tecnologias, utilizavam a internet para assistir a vídeos de seus cantores favoritos: Luan Santana e Manu Gavassi. Eram horas e horas repetindo a música Garoto Errado e Meteoro, pois eram as suas preferidas. Certa vez, aos cinco anos, enquanto estava no balanço, Larissa balançou

Geovanna descuidadamente, fazendo-a cair, quebrando a perna esquerda. Nos parques presentes tradicionalmente durante o Festejo de Santo Antônio, padroeiro da cidade, elas gostavam do carrossel feito de carros, porém, pelo tamanho, embora Larissa ficasse desconfortável por ter mais altura, mesmo assim, continuava no brinquedo para não deixar que a prima fosse sozinha.

Na roça de seus avós Osvaldo e Maura, localizada no Cajueiro, especificamente no km17, sua diversão era entrar na mata cercada de cacau, correr na frente da casa e tomar banho na bica que fora feita diante de um pequeno córrego que passava no quintal. Sua tristeza chegava quando era a hora de subir a imensa ladeira para chegar até a casa na fazenda, por ser íngreme, no período de chuva era de difícil acesso. Certa vez, durante a chuva em alguma data de dezembro, ao estar descendo a ladeira para ir embora, no intuito de lhe ajudar, seu tio apelidado carinhosamente de “Tio Dei” decidiu levá-la pendurada em sua coluna. Porém, ao fazer isso acabou escorregando na lama e caíram os dois.

Em seus aniversários, a família de Geovanna costumava fazer festas, que, por mais que fossem simples e humildes, ficaram registradas em sua memória. Nas festas era tradição um grande bolo quadrado confeitado com glacê, balões de diversas cores, balas de coco enroladas em papel com tirinhas, brigadeiro, cachorro-quente, chapéu de papel em formato de triângulo, painel com fotos, toalhas de mesas com tecido TNT e decorações em papel crepom. A cor, sempre sua preferida, era rosa. Todas as crianças da rua eram convidadas, embora algumas aparecessem de penetra.

Itinga

Apesar de ser baiana por nascença, uma parte de seu coração pertence a Minas Gerais. Aos oito anos, quando se mudou para Itinga, sentiu um misto de emoções e sentimentos como o medo de experimentar algo novo, e também sentiu saudade de sua família, de suas amigas e de sua casa

aconchegante que ficaram em Jequié. Ao chegar, deparou-se com uma pequena cidade completamente diferente do que estava acostumada. Era menor em extensão, as pessoas possuíam um modo de falar engraçado em sua visão, porém, tinham o talento de serem hospitaleiras e receptivas. Os prédios do centro eram todos históricos, havia um imenso rio que para transpô-lo era necessário passar por uma ponte, que ela temia, e o pôr do sol era o mais incrível que vira em sua vida.

Na escola, sentiu dificuldades para fazer amizades novas, pois era tímida. Ao passar do tempo, criou laços amistosos Pamela e Jaqueline, amigas que estudavam na mesma sala e se aproximaram a fim de acolhê-la. Nos intervalos, juntas comiam bolachas recheadas ou pacotes de biscoitos salgados e adoravam brincar de pega-pega e esconde-esconde. Nas aulas de Educação Física, brincavam de peteca e queimada, porém, às vezes fugiam da aula para brincar pelo pátio.

No seu tempo livre em casa, assistia a desenhos como Frozen, Super Choque, X-Men, Meninas Super Poderosas, Pica-Pau, Monster High, Kim Possible, Rugrats: Os Anjinhos, Doug, As Aventuras do Pequeno Urso, Caio, O Clube da Luluzinha e Coragem, O Cão Covarde. Ao assisti-los, ela acreditava em um mundo de fantasias, onde nada no mundo poderia afetá-la. Era seu passatempo favorito.

A rua de sua casa, mesmo sem calçamento e com muita terra, se tornava palco para o entretenimento das crianças que ali moravam, especialmente suas vizinhas e melhores amigas, Hemilly e Camile, entre outras que ao avistar a turma, logo se juntavam para se divertirem também. A criatividade para criar brincadeiras era admirável: rouba-bandeira, pular corda, queimada, bobo-da-rua, amarelinha, futebol, bicicleta e pular com elásticos proporcionavam-lhes alegria, assim, era notável a felicidade que elas possuíam ao estarem ali, mesmo que ao final do dia seus joelhos estivessem ralados.

Quando estavam em casa, as meninas brincavam com bonecas Barbie e assistiam a filmes. A amizade era de tal tamanho que ao saírem para passear, os seus pais sempre levavam as três para que não se separassem e, quando chegavam as férias, ao visitar Jequié, Geovanna sentia uma grande saudade, fazendo-lhe contar os dias para retornar à Itinga e brincar novamente com suas queridas amigas. Como era intensa a relação entre elas, inseparáveis desde o momento em que brincaram pela primeira vez. O amor de irmãs foi selado e permanece até os dias atuais.

A infância de Geovanna foi, de certa forma, fascinante. Embora contendo tristezas e dificuldades, como bullying e racismo, soube tudo isso superar e seguir em frente. Por diversas vezes, descreditou que contos de fadas existissem e precisou se recolher ao seu mundo individual. Todavia, seu coração feito de inocência e generosidade jamais renunciou a acreditar que a bondade um dia estará em todos.

A infância traz acontecimentos que impactam o futuro de quem a vive, seja o seu caráter ou identidade. Essa é a fase em que a imaginação e aprendizado são importantes, fazendo com que cada experiência positiva ou negativa, que a criança vivenciou, contribua para a construção do seu “eu” adulto.

Portanto, ao investir em uma criança, tanto na sua educação, quanto em seus valores, é importante ressaltar que um dia, ela crescerá e terá suas próprias ideologias, fazendo com que a história de seu passado a influencie, sendo a sua base comportamental na fase adulta. Por fim, ao saber que sua geração será o futuro, ao lidar com uma criança, reflita: qual futuro você gostaria de ver?

Para as crianças do futuro,

que vocês vivam e sintam a emoção dessa fase. Façam com que a magia, as brincadeiras, o brilho no olhar, a curiosidade e a criatividade estejam sempre

Cápsulas do Tempo

presentes no dia a dia. Divirtam-se, amem sua família, usem a imaginação, sonhem com seus futuros. Sejam crianças, o mundo necessita da bondade e do amor que somente são achados em vocês.

CAPÍTULO 1.3

VONTADE DE VOLTAR NO TEMPO

Taís Santos de Oliveira

E-mail para contato: tays23oliveira@hotmail.com

Minha infância foi marcada por muitas dificuldades financeiras, ao mesmo tempo também fui muito feliz convivendo com minha família e meus parentes. A nossa situação financeira não era fácil, mas meus pais sempre se esforçaram para me dar o melhor que eles podiam naquela época, então, deram-me estudo. Quando eu tinha quatro anos de idade, meus pais me colocaram para estudar a alfabetização, naquela época, o material didático era chamado de cartilha, e morando na zona rural de Valentim, no interior da Bahia, não havia divisão de turmas, estudávamos juntos aos adultos. Lá aprendi a conhecer as letras e a soletrá-las. Quando estava com seis anos, meus pais decidiram ir morar na cidade, foi então que viemos para Jequié, também interior da Bahia. Ingressei na escola pública e lá então comecei a ler e a escrever.

Os meios de comunicação eram as cartas, por elas mandávamos mensagens para quem morava longe lhe dando notícias, logo depois, os orelhões (telefones públicos), facilitaram a vida de todos. Apesar de não ter telas em casa, eu me divertia muito com os primos e amigos da rua, todas as noites nós nos sentávamos para contar histórias, todas elas tiradas da nossa imaginação. Histórias do lobisomem, das onças pintadas, do “velho da serra” dentre outras. Aproveitávamos do jeito que dava e com o que tínhamos. As brincadeiras a gente inventava, colocávamos uma corda e pulávamos, fazíamos telefone sem fio, pegávamos uma bola e brincávamos de baleado. Tudo isso era divertido e fazia parte do nosso cotidiano. Chegava em casa suada de tanto correr na rua, e isso era bom.

No outro dia, costumava acordar cedo e voltava à escola, lugar onde

a gente aprendia, mas também brincava; era divertido. Contudo, a vida não era só diversão, meus pais trabalhavam muito e recebiam pouco. Assim tiveram que fazer um sacrifício ainda maior para me garantir o sustento. Sempre me deixavam com minha tia e os dois acordavam cedo e seguiam para o trabalho. Nesse período, eu ficava a manhã na escola e, à tarde, com minha tia. Meus pais só chegavam à noite, tudo era difícil, não tinham linha de crédito e eles tinham que comprar fiado em uma vendinha, a vendinha do seu Zé, que ficava na rua de nossa casa. Dessa forma, sem muito luxo e com muito esforço, a gente se apegava um ao outro para seguir na estrada da vida, porque o que nos fortalecia era o amor.

Tenho muitas memórias positivas da minha infância. Fazendo um paralelo com a atualidade, percebo a diferença de como o acesso à leitura e à educação se tornou muito mais fácil e prático. Lembro-me de que, naquela época, ir à biblioteca para se adquirir um livro era uma verdadeira aventura. Além do prazer de adquirir conhecimento, o caminho até lá transformava-se em uma brincadeira por si só. As ruas, os amigos e as brincadeiras, durante o trajeto, tornavam o momento em algo ainda mais especial, misturando aprendizado e diversão. Era uma experiência completa, pois cada ida à biblioteca não se resumia somente nos livros que traríamos conosco, mas também sobre a liberdade de brincar, explorar e aproveitar o ambiente. Essas memórias mostram como a simplicidade do cotidiano poderia trazer tanta felicidade e significado à nossa infância.

Já com mais ou menos oito anos de idade, na escola em que eu frequentava, os alunos geralmente contavam com intervalos longos, quando podiam se reunir para jogar bola, conversar e se divertir. Era comum ver grupos de crianças montando brincadeiras, compartilhando lanche, ou, simplesmente, explorando a natureza ao redor da escola. Em sala de aula, as atividades eram muitas vezes dinâmicas e envolventes, utilizando materiais simples como papel, lápis e tintas, permitindo que as crianças expressassem

sua criatividade.

No final de cada ano letivo, sempre reuníamos professor e alunos, e cada um levava um lanche a ser compartilhado com muita alegria, dança e diversão. Sinto saudade do tempo em que minha única preocupação era estudar e brincar, porque apesar da dificuldade financeira que enfrentamos, isso não era um peso para mim, porque, como já foi dito, tínhamos o amor que aquecia nossos corações.

Infância atualmente

As crianças dos dias atuais não conhecem a forma fácil, prática e sem exigências que tínhamos ao brincar. Explorar tudo o que podíamos era uma experiência única. As brincadeiras e a imaginação estão mais informatizadas, com acesso rápido a jogos online, celulares e tablets nas mãos, o que faz com que deixem de lado a imaginação, os contos e as histórias irreais, inventadas na nossa cabeça para contar aos amigos da rua.

Criança do futuro

Para as crianças do futuro digo-lhes que devem aproveitar mais o que têm ao seu redor e explorar, da melhor forma, o que têm de acesso à tecnologia. Entretanto, é fundamental viver sempre sua realidade, sem se importar muito com as condições financeiras. Cuidar do meio ambiente, zelar pelos mais velhos, serem obediente aos pais.

Aproveitem! Brinquem! Dançam! Cantem! Permitam-se!

O tempo não volta mais, o que volta é a vontade de voltar ao tempo.

CAPÍTULO 1.4

SEJAM CRIANÇAS

Amanda Silva Martins

E-mail para contato: amandasilvamartins2002@gmail.com

Meu eu criança

Meu nome é Amanda Silva Martins, tenho 21 anos e nasci no dia 7 de dezembro de 2002, em Praia Grande-SP. Minha mãe conheceu meu genitor em Jequié-BA. Quando eles se relacionaram, ela estava apenas de passagem pela cidade e, logo após, retornou a São Paulo. Algum tempo depois, descobriu que estava grávida. Naquela época, ela não tinha contato com meu pai, então ele nunca soube da minha existência.

Minha mãe ficou em São Paulo até eu completar sete ou oito meses; não lembro ao certo. Voltamos a Jequié, onde minha mãe foi procurar meu genitor, mas ele negou ser meu pai e não quis saber de mim. Minha mãe decidiu não insistir no assunto e me criou sozinha, sem a ajuda dele. Ela foi morar e trabalhar na casa de uma prima, onde conheci meus pais de consideração, que me adotaram como filha.

Não tenho lembranças claras dos meus primeiros anos, mas me recordo de estar sempre na praia. Eu sempre amei o mar, e ele esteve presente em minha vida desde cedo. Quando eu tinha quatro anos, perdi-me na praia de Ilhéus-BA, e foi uma loucura. Meus pais contam que, em questão de segundos, eu desapareci, e que todos na praia se mobilizaram para me encontrar. Sendo a primeira e única filha da minha mãe biológica e a caçula dos meus pais de consideração, eu era muito mimada, cheia de brinquedos e de atenção.

Entrei na escola aos três anos de idade. Não me lembro de muitas coisas, mas tenho memórias específicas: professora que ensinou uma música para esperar na hora de fazer xixi (“Segura o tchan, amarra o tchan, segura o

tchan, tchan, tchan”), um colega que sempre levava sonho de goiabada no lanche, as fantasias nos dias festivos e a quadrilha de São João, quando surgiu minha paixão por festas juninas.

Quando eu tinha quatro anos, minha mãe conheceu o pai do meu irmão. Pouco antes de eu completar cinco anos, ela descobriu que estava grávida. Saímos da casa dos meus pais de consideração e fomos morar com o pai do meu irmão. Troquei de escola, e a única lembrança que tenho dessa época é de uma piscina. No entanto, foi um período de evolução, pois fiz amizades fora da escola. Quando meu irmão nasceu, nós nos mudamos novamente, dessa vez para perto da casa dos avós dele, para que minha mãe pudesse ter mais apoio.

Aos seis anos, mudei de escola mais uma vez, mas, dessa vez, as lembranças são ruins. Sofri bullying e tive um acidente que deixou cicatrizes que carregou até hoje. Minha mãe decidiu me retirar dessa escola, e fiquei sem estudar por cerca de dois meses. Quando meu irmão tinha cinco meses, minha mãe voltou a trabalhar e nos mudamos de novo, para um bairro mais próximo do trabalho dela. Passamos a ficar sob os cuidados de uma amiga da minha mãe, e eu fui matriculada em uma escola próxima à nossa nova casa.

Esse período foi um dos melhores da minha infância. Brincava na rua com as crianças da vizinhança, jogava bola, brincava de pega-pega, pique-alto, esconde-esconde, elástico, pula-corda, baleado e muitas outras brincadeiras. Nos finais de semana, íamos ao rio tomar banho. Eu era muito feliz. Porém, a amiga da minha mãe não pôde continuar cuidando de nós, e a partir daí, começou uma fase difícil.

Por causa do trabalho e da falta de alguém para nos cuidar, minha mãe tomou a decisão de nos enviar para a casa dos nossos avós. Meu irmão foi morar com os pais do pai dele em Jequié, enquanto eu fui morar com os pais da minha mãe, em uma fazenda no povoado de Maracás-BA.

Eu sofri muito com a ausência da minha mãe, pois nunca havia

ficado tanto tempo longe dela. Aos poucos, o tempo me trouxe consolo. Tinha uma prima que me tratava como irmã mais nova, o que foi meu alívio. Entrei para a escola da fazenda e conheci muitos primos que não sabia que existiam. Aprendi novas brincadeiras, como “sete caquinhos”, e minha imaginação floresceu. Eu e minhas primas sempre subíamos nos pés de umbu e fingíamos que eram nossas casas, criando universos onde podíamos dominar o ar, a água, a terra e o tempo.

Fiquei muito apegada à professora e mantenho por ela esse carinho até hoje. Após três anos, minha mãe conseguiu se estabilizar em Jequié, e voltamos a morar com ela. Entrei em uma escola municipal e conheci pessoas que mantêm amizade comigo até hoje. No início, havia uma pessoa que nos levava à escola, mas depois assumi essa responsabilidade.

Morávamos de aluguel, mas fomos abençoados com uma casa própria que o governo estava disponibilizando. Era no mesmo bairro, então não houve grandes mudanças. Terminei os anos iniciais do ensino fundamental e mudei para uma escola estadual no mesmo bairro, onde conheci novas pessoas e fortaleci as amizades antigas.

Na pré-adolescência, aprontei bastante e acabei repetindo de série. Por conta disso, minha mãe e meus pais de consideração decidiram que eu iria morar com eles novamente. Mudei de bairro e de escola, e foi uma ótima experiência. Conheci pessoas incríveis e fiz amizades que levo para a vida. Comecei o ensino médio ainda morando com meus pais de consideração, e essa foi a melhor fase: cheia de experiências novas e memórias inesquecíveis.

A Amanda de hoje olha para a Amanda criança com muito orgulho e gratidão por ter sido tão feliz, apesar das dificuldades e dores. Eu não mudaria nada do que aconteceu, pois cada experiência me trouxe ao melhor momento da minha vida.

A infância, atualmente, está tão diferente. A realidade das crianças mudou, elas estão mais conectadas tecnologicamente, e as brincadeiras e os

brinquedos são diferentes e mais evoluídos. Porém, perderam muito da cultura das crianças do passado, deixando de viver experiências que lhes farão falta no futuro. Os traços da infância estão se perdendo rapidamente.

Para as crianças do futuro:

Sejam crianças e apreciem suas infâncias sem pressa de crescer. Tudo na vida é uma fase, e ela chega e vai embora muito rápido. A infância é uma das melhores etapas da vida. Aproveitem, brinquem, divirtam-se, inventem brincadeiras e histórias, usem a imaginação e vivam como se o amanhã não fosse chegar. Tenham experiências maravilhosas, arrisquem-se em aventuras, para que, quando essa fase passar, vocês não se arrependam de não terem aproveitado mais.

CAPÍTULO 1.5

A MAGIA DE SER CRIANÇA

Sara Alves Silva

E-mail para contato: saraalvesj42@gmail.com

Infância de Sara Alves

Prazer, chamo-me Sara Alves Silva e hoje sou uma “criança” de 22 anos. Minha infância foi um momento mágico, que nunca irei esquecer. Minha infância foi uma fase bem vivida. Fui uma criança que aproveitou e brincou muito, visto que, na época, a tecnologia não era avançada e o acesso a ela era difícil. Vim de uma família com condições financeiras bem baixas; minha mãe, Flávia, e meu pai, Genivaldo, desde o momento em que descobriram a gravidez de minha mãe, dedicaram-se a construir um bom futuro para mim, dentro das condições que tinham.

Até os meus três anos, morei na zona rural em Ibirataia. Não me lembro muito dessa época, mas depois viemos para Itagibá, cidade onde moro até hoje. Em Itagibá, morei em uma rua chamada Juvenal Almeida Sampaio, perto da casa onde moro atualmente. Não fui uma criança com muitos brinquedos, mas a brincadeira na rua era garantida. Na minha rua, morávamos eu, meu irmão Marcos e muitas crianças: Débora, minha melhor amiga na época, que, por algum motivo, chamávamos de Kelly; Bianca; Gabriela; Geovana e Joabe, meu amigo que teve sua infância interrompida depois de ser acometido por dengue.

Nós brincávamos todos os dias e fantasiávamos nosso mundo mágico. Lembro-me de uma conversa, em frente ao passeio, com um dos meus amigos, falando sobre o quão bom seria se a gente tivesse uma casa toda feita de chocolate e pudesse comer o quanto quisesse. Mas tinha que ter um botão que, ao apertar, fazia tudo voltar ao normal, e assim ficaria um ciclo sem fim. Nessa mesma rua, aprendi a andar de bicicleta depois de ter caído e

me machucado muito. Em uma tarde qualquer, eu simplesmente fui, e parecia que andar de bicicleta sem rodinhas nunca tinha sido um monstro de sete cabeças. Nem parecia que, segundos antes, eu não fazia a mínima ideia de como me equilibrar. Minha rua nunca foi muito movimentada; por ela passavam poucos carros, mas era cheia de crianças, brincando de escolinha, de bicicleta, de pega-pega, esconde-esconde. Todos os dias, estávamos em um quintal diferente, e a brincadeira era sempre gostosa. Todas as casas tinham quintal, e as mães ou avós não se importavam em ver a casa cheia. Na minha casa, o quintal era enorme. Era uma casa alugada, e eu amava brincar lá. Um dia, nas nossas brincadeiras — dessa vez no meu quintal, que tinha uma parte de cimento e outra de terra, além de um pé de coqueiro enorme e outro de banana — estávamos brincando de investigador e achamos uma moeda de um centavo.

Nosso espírito investigativo nunca tinha estado tão aflorado! Fomos logo ver que moeda era aquela que nunca tínhamos achado, e nossos pais nos disseram que era uma moeda antiga, que não se usava mais. A gente só pensava que, na época em que ela era usada, para se ter dez centavos, eram necessárias dez moedas daquela. Muito dinheiro! Ficamos empolgados e torcemos para achar mais coisas por ali. Infelizmente, não achamos. Quando ganhávamos dois reais, era como se tivéssemos ganhado na loteria; melhor ainda seria se viesse em moedas, porque, quanto mais moedas nós tivéssemos, mais ricos nós nos sentíamos. Às vezes, o valor era menor, mas, se fossem várias moedas... Como minhas dez moedas poderiam valer menos do que uma cédula de papel? Jamais! Fico com minhas moedas, pensávamos. Tivemos que mudar de casa. Fomos para nossa casa própria, bem distante da minha antiga. Lá era perfeito.

Eu e meu irmão Marcos tínhamos um quarto juntos, mas era mágico: meu pai pintou metade de rosa e metade de azul. O quarto tinha umas ondas no tom mais escuro, e na minha parte havia um desenho de coração enorme

para colocar fotos. Essa rua também era cheia de crianças, mas eu sempre ia para a casa das minhas amigas Letícia e Adrini. Essa minha nova casa era perto das minhas escolas favoritas: Agostinho Pinheiro e, a melhor de todas, José Fernandes. Lembro também que na minha infância, uma das minhas professoras nos deu um caderno de histórias, que nós mesmos íamos atrás das histórias. Meu pai, Genivaldo, viajou comigo nesse mundo de histórias, contou-me várias delas e o caderno, aos poucos, foi ficando cheio. Uma delas, ele demorou vários dias para contar, eu sempre dormia nos braços dele, enquanto ele a contava. A história se chamava Os três conselhos.

Hoje, sendo uma jovem de 22 anos em um mundo completamente diferente do antigo, vejo o quanto a infância e o encanto que apenas essa fase possui, perdeu-se neste novo mundo, onde a tecnologia ocupou o lugar das brincadeiras na rua, os jogos online ocuparam as relações interpessoais e as amizades presenciais. Antes, todos da rua se conheciam, e a rua sempre era cheia de crianças, correndo, sorrindo e, às vezes, chorando. Hoje, a maioria das ruas estão vazias e a infância tem sido cada vez mais roubada de nossas crianças. A infância é a parte que nunca morre dentro de nós, mas a falta dela traz consequências graves.

A infância precisa ser vivida e aproveitada a cada segundo, não temos como voltar no tempo e vivê-la novamente, mas, com certeza, os vestígios de uma infância roubada ou mal vivida perpetuarão durante toda a juventude e o resto da vida. Hoje, vejo que minha infância formou quem sou hoje e a minha maneira de enxergar o mundo. As histórias que vivi continuam vivas em minha memória, como preciosas lembranças de uma fase cheia de magia, inocência e alegria, quando cada dia era uma nova aventura e as preocupações mal tinham espaço para existir.

Queridas crianças do futuro,

lembrem-se de que a infância é o tesouro mais precioso que vocês possuem. É um tempo para sonhar, brincar, e criar memórias que iluminarão seus dias

quando crescerem. Não troquem as brincadeiras ao ar livre, as risadas com os amigos e a alegria de explorar o mundo ao seu redor por telas e distrações passageiras. A magia de ser criança está em aproveitar cada instante com coração leve e olhos curiosos. Vivam intensamente esse momento único, porque ele será a base que sustentará as histórias mais bonitas da vida de vocês.

CAPÍTULO 1.6

A VIDA É CURTA

Ana Bárbara Silva Nascimento

E-mail para contato: silvanascimentoana2005@gmail.com

Infância de Ana Bárbara

Olá! Eu me chamo Ana Barbara Silva Nascimento e tenho 18 anos. Filha de Roberto Ponciano e Alíria Francisca, nasci na cidade de Jequié-Ba, no dia 4 de dezembro de 2005. Meu nome foi escolhido por uma das minhas irmãs em homenagem a Santa Bárbara, visto que nasci no dia em que os católicos promovem a festa em homenagem à mesma.

Além de mim, meus pais tiveram mais dez filhos, todos mais velhos que eu e, dos quais, dois faleceram. Parte dos meus irmãos não concluíram o ensino fundamental nem tampouco o ensino médio, e nenhum deles obteve o diploma de ensino superior. Sou a primeira da família a concluir todas as etapas do ensino-aprendizagem e entrar para a universidade.

E, embora eu seja a caçula dentre eles, não tive tantos privilégios como as pessoas imaginam. Pelo contrário, fui criada como quase todos os outros, sem muito carinho e com a plena consciência de que, se eu quisesse algo, eu teria que “ralar” muito para conseguir. Isso foi bom para a minha formação enquanto pessoa e mulher.

Minha infância e grande parte da minha adolescência foram vividas na roça, em uma região chamada Feto, localizada no município de Jitaúna, local onde resido atualmente. Nesse lugar, criei memórias boas e ruins, das quais jamais irei me esquecer.

Lembro-me das aventuras que eu e alguns dos meus irmãos vivenciamos, sendo elas: as idas aos riachos, onde passávamos por pastos cheio de bois e vacas, sempre com um galho na mão, que nos servia para afugentar qualquer animal que de nós se aproximasse; as idas aos pés de jaca, manga e caju; e o longo trajeto que fazíamos, de vez em quando, para chegar

até a casa de uma das nossas irmãs, situada em uma região vizinha. Todos esses trajetos se tornavam curtos, pois aproveitávamos esse tempo para falar da vida alheia, cantar e comer as frutas que dispúnhamos durante o caminho.

Também vale ressaltar as cantigas de roda que cantávamos, as brincadeiras de pula corda, pega-pega, polícia e ladrão, pique-gelo, amarelinha, bobinho, casinha e, é claro, as descidas dentro de pneus ou e cima de tábuas pela ladeira que havia lá em casa. Era tudo grandiosamente incrível e se tornava ainda mais, porque tínhamos as pessoas certas ao nosso lado.

Minha infância é diferente da infância da maioria das crianças que tiveram a presença de suas mães durante essa fase, parte ou quase toda a sua vida; infelizmente, eu não fui agraciada com essa dádiva, porque no dia 06 de julho de 2009, quando eu ainda tinha três anos de idade, a minha mãe faleceu. Por muito tempo não pensei nisso; passei, brinquei e me diverti muito, mas não tinha noção da grandeza daquele fato, de como era viver sem a presença materna. Algo que só mudou quando eu tinha entre doze e treze anos, pois foi só naquela época que tive consciência de tudo que tinha acontecido, da dor e da falta que a minha “Mainha” fazia.

E, por mais que anos tenham se passado, ainda carrego comigo o vazio que ela deixou em mim, a culpa por não me lembrar dela e a dificuldade em falar sobre sua morte. Contudo, venho trabalhando incessantemente para conseguir ressignificar todo esse ocorrido, tornar-me uma pessoa ainda melhor e conseguir conquistar as minhas metas para que ela se sinta orgulhosa de onde estiver.

Infância atualmente

A infância das crianças do passado e a de hoje em dia são completamente diferentes. Atualmente, a infância de outrora vem perdendo o seu valor, visto que se vive em um contexto tecnológico, que faz com que

as crianças tenham acesso ainda mais cedo a esses meios. Conseqüentemente, essas crianças deixam de experimentar novas vivências e brincadeiras, além de também socializar com outros indivíduos, resultando em uma perda histórica.

Para as crianças do futuro:

Olá, meus (ínhas) lindos(as)! Como vocês estão? Espero que estejam bem.

A infância é uma fase única na vida de qualquer indivíduo. É quando a magia, o faz de conta e a disposição tomam conta de nós. Por esse e vários outros motivos, gostaria de pedir a vocês, meus pequenos e minhas pequenas, que não deixem de viver esse momento mágico. Aproveitem cada segundo, façam amizades, amem as pessoas que os amam, pois é nessa fase da vida que o amor é ainda mais demonstrado, e isso precisa acontecer.

E, por favor, não se desesperem com o futuro. Vivam o presente sem medo de serem felizes ou de serem julgados. A vida é curta, e o arrependimento só vem depois. Sejam felizes, fortes e corajosos, pequenos e grandes jovens!

CAPÍTULO 1.7

CUIDEM DO PLANETA

Girlane de Jesus Santos

E-mail para contato: Girlandedejesus786@gmail.com

A Infância de Girlane Santos

Olá! Eu me chamo Girlane de Jesus Santos, nasci no ano de 1989. Cresci na cidade de Jequié-BA e sempre morei com meus pais e meus avós paternos. No total, éramos em oito irmãos, mas, com apenas seis anos de idade, uma das minhas irmãs faleceu devido a uma anemia grave; agora somos quatro mulheres e três homens.

Lembro-me, como se fosse hoje, da minha infância: sempre fui uma menina obediente aos meus pais e aos meus avós. Tive uma infância muito simples e com poucos brinquedos, mas com muitas brincadeiras improvisadas na rua com as crianças que moravam na mesma rua que eu. Quando era época de férias, minha mãe sempre nos levava para cidade de Itagi, onde moravam meus avós maternos, lá encontrávamos nossos primos e era só brincadeira e diversão. Quando estava fazendo sol, íamos sempre para o rio acompanhar minha tia e minha mãe a lavar roupa.

Minha avó paterna costurava cobertores de retalhos e sempre me chamava para buscar pedaços de retalho em uma fábrica de pano que existia em minha cidade. Logo que chegávamos em casa, ela ia costurar. Lembro-me de ficar sentada no chão, enquanto ela estava na cadeira, e eu ficava vendo-a costurar. Até que um dia, ela me ensinou a costurar e a fazer boneca de pano. Eu fazia as bonequinhas todas tortinhas, mas era uma felicidade e tanto; fazia as roupas e cobertores da boneca.

Uma das minhas brincadeiras favoritas era dançar. Todas as noites, eu e algumas amigas de infância colocávamos um som portátil na porta de casa e dançávamos juntas, fazendo coreografias e sonhávamos em ser dançarinas um dia. Outra brincadeira favorita era pular elástico; sempre que

eu vencia a prova, era uma grande comemoração.

Lembro que minha mãe arrumou um trabalho em uma casa de família, e, como eu era pequena, ela sempre me levava com ela. Chegando lá, ela pedia para eu descascar verdura e dar comidas às tartarugas que haviam lá. Eu gostava muito de ir com minha mãe.

Comecei a estudar na Escola Jornalista Fernando Barreto e cursava o pré-escolar. Estudei com uma professora chamada Ednair, da qual sempre me lembrarei. Ela me ensinou as primeiras palavras e tinha muito carinho por meus colegas de sala. Lembro que, toda vez que a aula acabava, enquanto esperava minha mãe me buscar, eu ficava mexendo no cabelo da professora, que era muito carinhosa e atenciosa. Recordo-me de que, quando eu ia para a escola, minha mãe sempre me fazia penteados com cachinhos, e que, às vezes, eu chorava por não gostar do penteado, mas, quando chegava à escola, a professora sempre dizia que eu estava linda.

Na minha época não existia *Wi-Fi* e, todas às vezes que queríamos entrar em nossas redes sociais, tínhamos as *lan house*, onde pagávamos para acessar a internet por hora, para que pudéssemos fazer pesquisa e trabalhos escolares.

Minha mãe gostava muito de comprar para mim e meus irmãos conjuntos de roupa, pois ela falava que eram bonitos e práticos para vestir e que combinavam.

Tínhamos sempre as roupas separadas: as que eram de vestir no meio da semana, e as melhores roupas que minha mãe sempre falava que eram roupas para usarmos aos domingos, feriados ou para irmos a alguma festa.

A infância de hoje

A infância, hoje em dia, é marcada por uma grande influência da tecnologia, com acesso a dispositivos digitais e redes sociais. Isso pode oferecer oportunidades de aprendizagem e socialização, mas também traz

desafios, como a exposição a conteúdos inadequados e a comparação social.

As brincadeiras tradicionais ainda continuam, mas muitas vezes dividem espaços com jogos digitais.

Para as crianças do futuro

Acreditem em seus sonhos, cuidem do planeta, da sua saúde mental, sejam gentis uns com os outros. E lembrem-se de que os seus futuros são construídos por suas ações.

CAPÍTULO 1.8

VOCÊ PODE IR MAIS LONGE

Karine Silva Santos

E-mail para contato: karinessantos1125@gmail.com

O cuidado único da infância

O cuidado único da minha avó materna foi um grande marco para a minha infância. Cresci em uma família grande e unida por uma única mulher. As brincadeiras na rua eram essenciais para o meu desenvolvimento social, mas as brincadeiras utilizando a minha imaginação eram as minhas preferidas.

Ao longo do meu desenvolvimento, reconheci três mulheres marcantes na minha infância, e que me fizeram a adulta que hoje sou. Não me lembro do meu primeiro dia de aula, mas tenho a absoluta certeza de que, ao menos uma delas, esteve comigo.

Ao me lembrar da minha infância admito que a escola foi muito importante para formar a cidadã que sou. A escola era meu lugar favorito, por ser rodeada de conhecimento e imaginação; era, na verdade, o meu segundo lugar favorito, porque o primeiro era o colo da minha avó.

Pude viver uma infância tranquila e saudável. Não tinha celular e, às vezes, a tevê chamava a minha atenção, mas não tomava meu tempo, pois as brincadeiras que, costumávamos fazer na rua, eram mais divertidas: envolviam corridas, pedaladas, bolas e muita bagunça. As brincadeiras que a minha imaginação criava eram cheias de aventuras, nas quais eu era o personagem principal, defendendo meu lar e desbravando lugares nunca visitados. Crescer me deu capacitação para ler e escrever essas aventuras.

Ter uma infância em uma sociedade que não via a criança como ator social, fez-me perceber que a capacidade de participar das brincadeiras na rua era fundamental. Nessa interação entre as crianças, ocorria uma troca de culturas, ao mesmo tempo em que uma nova forma de cultura era produzida. Houve também a criminalização enfrentada por essas crianças, muitas delas

foram julgadas por adultos. No entanto, o contexto social demonstra que, não importa em qual situação as crianças se encontrem, pois elas sempre se desenvolverão e alcançarão a maturidade.

Para resumir minha infância, gostaria de poder chamá-la de produtora e reprodutora de cultura. Ao longo da vida, as mudanças que ocorreram nas pessoas que conheci, as pessoas que se foram e as pessoas que ficaram, juntamente com toda a imaginação por mim utilizada e todas as coisas que já me aconteceram foram fundamentais. Produzir e reproduzir o que me foi ensinado, é o que mais define a minha infância.

Trabalho com crianças há mais ou menos dois anos, e observá-las me mostra a mudança que ocorrem no mundo. A educação que recebi é diferente da que percebo no meu convívio atual. Durante a minha infância, meus pais protegeram o meu lazer e meu tempo de ser criança. Isso me faz questionar: o que faz com que minha infância e a da minha irmã, por exemplo, sejam diferentes? Os avanços que o mundo teve podem ser uma explicação. De qualquer modo, ao olhar para a infância da qual faço parte, espanta-me a normalidade da adultização das crianças. Contudo, consigo enxergar particularidades da infância que ainda se mostram genuínas. Para a criança que fui só tenho a agradecer. Para as crianças que estão crescendo e sendo expostas a experiências tão eloquentes, deixo a mensagem de que a infância é o momento em que nos formamos, então não se culpem mesmo que um adulto o faça; ainda é cedo para assumir responsabilidades.

Para a Cápsula do Tempo, deixo a memória da minha avó sorrindo enquanto eu rodopiava pela sala com o vestido que ela costurou para mim. E para o futuro que me aguarda, eu deixo a seguinte mensagem: “Você pode ir mais longe, garota”.

CAPÍTULO 1.9

NUNCA DEIXEM DE SONHAR

Anna Clara de Assis Santos

E-mail para contato: annaclaraassissantos24@gmail.com

Infância de Anna Clara

Acredito que a infância, para muitos, é algo para ser lembrado com muito amor e carinho, e eu faço isso com grande entusiasmo, até porque minha infância me moldou a ser quem sou hoje. Cada ocasião e vivência contribuíram para formar um aspecto da minha personalidade, e que eu possa transmitir boas experiências para que cada criança que passar por minhas mãos possa se lembrar de mim no futuro como uma boa memória da infância. No dia 09 de fevereiro de 2005 nasci na maternidade de Jaguaquara-BA, sendo a filha caçula dos meus pais, que já tinham o meu irmão mais velho. Minha mãe costumava dizer que eu cheguei num momento escuro para trazer luz, por isso escolheu meu nome, Anna Clara, que significa “cheia de graça” ou “iluminada”. Cresci morando com meus pais e meu irmão em uma casa situada no quintal da minha avó, tenho um carinho enorme pelo lar onde cresci e sinto muita falta daquele lugar. Durante minha infância, brincava muito com as crianças do meu bairro, com meus primos e meu irmão, mas a maioria das crianças com quem eu brincava eram meninos. Cresci tendo muita dificuldade de me adaptar ao padrão de comportamento feminino, algo que me fazia ser repreendida, com frequência, por minha mãe, que vivia dizendo: “Você tem que se comportar como uma moça”. Contudo, isso nunca me impediu de aproveitar a minha infância da maneira que eu acreditava ser a mais adequada. Desde muito nova, sempre tive acesso às telas, gostava muito de assistir a desenhos como Barbie, filmes da Disney, Peixonauta, Turma do Scooby-Doo, os DVD’s da Xuxa, Patati-Patata e várias outras programações, porém nunca fiz questão de ficar assistindo à

tevé o tempo inteiro, pois preferia brincar na rua com meus amigos ou, até mesmo, sozinha com meus brinquedos. Sempre fui uma criança com muita imaginação, gostava de inventar brincadeiras diferentes das normais, de criar músicas, de dançar e, principalmente, de desenhar, atividade que, até hoje, é um dos meus *hobbies*.

Fora da escola nunca tive dificuldade em fazer amizade. Gostava de brincar com minha turma da rua, com meus primos e, uma vez ou outra, meu irmão me deixava brincar com os meninos mais velhos, mas eu sempre era “café com leite”. Tinha muitas brincadeiras das quais eu gostava; as minhas favoritas eram: esconde-esconde, pega-pega, pique altinho, chicotinho queimado, pega gelinho, sete cacos, baleado, bonecas, brincar de poder, e também as brincadeiras que eu e meus amigos inventamos, que eram: assassinos, baleado no escuro, show de talentos e muitas outras que já nem me lembro mais. Atualmente, não é tão comum ver crianças brincando na rua como antigamente. Acredito que elas estão perdendo a real essência do que é ser criança e de experimentar a infância: sujar-se, ralar-se e aprender através dos erros. No entanto, as crianças passam os dias somente assistindo à tevê ou jogando jogos digitais e quando tentam brincar fora de casa, estão cercadas de adultos lhes dizendo que tudo é perigoso e que não vale a pena, pois vão se sujar e dificultar a lavagem das roupas. Penso que roupas e corpos sujos podem ser lavados, mas as crianças nunca vão passar pela infância novamente, e é direito delas aproveitar intensamente essa fase da vida.

Ao deixar uma mensagem para as crianças do futuro eu lhes digo:

Aproveitem cada segundo, pois a infância é mágica e especial, mesmo tendo momentos difíceis. Ninguém deveria lhes tirar essa fase da vida, pois é na infância que nos descobrimos como seres humanos, como parte da sociedade e começamos a moldar o indivíduo que vamos ser. E lembrem-se de que a educação tem a capacidade de transformar as suas vidas

Cápsulas do Tempo

e ajudá-los a alcançar seus sonhos, então estudem, sejam educados e nunca deixem de sonhar.

CAPÍTULO 1.10

SEM PRESSA PARA CRESCER

Liggya Evellyn Souza Santos

E-mail para contato: annaclaraassissantos24@gmail.com

A minha infância foi marcada por momentos especiais. Nasci em Jequié, mas até certa idade morei na zona rural, perto dos meus avós maternos e paternos. Sempre fui muito ligada a eles, principalmente à mãe do meu pai, a qual também sempre foi muito apegada a mim por eu ser a primeira neta dela.

Nessa fase, eu brincava muito com os meus primos e a minha tia. Com os meus primos eu brincava de jogar de bola, balanço. Adorávamos também correr. Com a minha tia, que tem a idade próxima da minha, nós brincávamos de casinha, professora e aluna, entre muitas outras coisas. Mas, a nossa parte preferida era nadar no rio que ficava logo embaixo da casa da minha vó. Essas interações marcaram muito a minha infância.

Cresci em um ambiente amoroso, cercado pela minha família de ambos os lados. Aos cinco anos, mudei-me para Jequié, pois o meu pai precisava trabalhar. Não demorou muito para que a minha vó, mãe dele, viesse também junto com o meu avô e os meus tios. Um tempo depois, nasceu a minha primeira irmã.

As férias da escola ficaram marcadas com viagens para casa da minha vó e da minha tia, a qual eu tinha como uma segunda mãe. Ela sempre se fez muito presente na minha criação, e sempre me recebia de braços abertos durante 20/30 dias, duas vezes por ano. Bolos, biscoitos e carinho nunca faltavam na casa dela.

Sempre gostei de brincar na rua com as minhas vizinhas e a minha tia. Adorava brincadeiras que afloravam a minha criatividade, como desenhar, fazer trabalhos a mão, tudo sempre muito decorado. Sempre fui também

muito vaidosa, adorava me maquiar e calçar os sapatos da minha mãe e andar pela casa. Nunca fui muito de telas, mas adorava também assistir aos desenhos em momentos específicos

A minha mãe era professora na região em que morávamos, o que incentivou os meus estudos com antecedência. Aos três anos, eu já sabia ler e escrever. Isso ajudou para que eu evoluísse academicamente e sempre fosse a mais avançada da turma no período dos anos iniciais do ensino fundamental. Com seis anos, eu já estava na segunda série, mas eu mudei de escola e a professora me considerou muito avançada, fazendo com que eu cursasse duas vezes a primeira série. O colégio foi algo que marcou a minha vida. Nessa fase, conheci pessoas novas, fiz amizades incríveis, tive experiências únicas e aprendi a interagir com outras pessoas.

Quando eu tinha seis anos, a minha mãe engravidou novamente de uma menina. Por ter sido por muito tempo a única filha e neta, veio também um pouco de ciúme, mas que logo se resolveu.

De acordo com o meu crescimento e a separação dos meus pais, foram surgindo algumas responsabilidades para mim. Comecei a ter algumas obrigações, como dar conta dos itens da minha irmã, e também ajudar nas tarefas de casa, o que é comum já que eu sou a irmã mais velha.

Meu pai se casou novamente com uma moça que já tinha uma filha, e quando eu estava perto de completar 13 anos, eles tiveram outra menina. E por eu já estar maior, a minha reação foi completamente diferente. Ajudei de perto o meu pai e a minha madrasta a cuidarem da minha irmã, sendo inclusive a primeira a vê-la engatinhando e a dar os primeiros passos dela. As minhas irmãs são tudo para mim.

Ao analisar sobre a história de representação da criança, é imprescindível perceber que a minha experiência se encaixa em mais de uma das concepções apontadas nos textos discutidos durante as aulas. Fui, de modo geral, uma “criança sujeito”, a qual aproveitou a infância de forma

lúdica e saudável.

Entretanto, em alguns momentos, fui também uma “adulta miniatura”, pois tive que assumir muito cedo responsabilidades que não eram compatíveis com a minha idade. E isso acabou afetando negativamente meu futuro, pois eu estava sempre à frente da minha idade para muitas coisas.

De modo geral, a minha infância foi algo saudável e feliz. Apesar de ter amadurecido antes da idade, vivi muitos momentos de experiências significativas. Sempre brinquei bastante com meus primos e amigos, e de uma forma boa, tive experiências que, com certeza, influenciaram-me positivamente na mulher adulta que sou hoje.

É notória a diferença entre a infância de hoje e a de 15 anos atrás. As crianças de hoje possuem uma infância de poucas brincadeiras ao ar livre e mais contato com a tecnologia. Contudo, isso não as faz menos crianças, afinal, os tempos são outros e estamos evoluindo junto com os avanços tecnológicos. Até as escolas estão se adaptando a essa realidade com o objetivo de acolher seus alunos efetivamente.

Para as crianças do futuro,

Que vocês aproveitem a infância sem pressa de crescer. Brinquem, corram, andem de bicicleta, joguem bola, pulem amarelinha. Vocês estão na melhor fase, aproveitem cada dia da melhor forma possível e usem a tecnologia de forma saudável e a seu favor.

CAPÍTULO 1.11

VALORIZEM A CURIOSIDADE

Erlon Santos Brandão

E-mail para contato: erlonbrandao31@gmail.com

A Infância de Erlon Brandão

Minha infância foi humilde e simples, mas cheia de diversão. Sendo sincero, lembro-me muito pouco dos meus primeiros anos, daquela fase dos quatro e cinco anos, mas tenho melhores recordações dos oito e nove anos.

Cresci e vivi em um ambiente de muita liberdade, alegria e afeto, onde a convivência com a família, amigos, primos era o âmago dos dias. As brincadeiras na rua, as histórias que ouvi dos mais velhos, as amizades e parcerias que tive na escola, o carinho e o cuidado de meus pais, são fatos que marcaram essa fase incrível da minha vida.

Quando penso na criança que fui, vejo alguém que era reservado, mas cheio de imaginação. Eu era observador, mas também era ativo nas brincadeiras; sentia-me mais confortável em pequenos grupos. Muitas vezes as palavras me escapavam, mas meu mundo interno era rico, cheio de sonhos e histórias. Essa reserva me ensinou a valorizar momentos de reflexão e a apreciar a profundidade das conexões significativas.

Como uma criança mais reservada, eu costumava observar tudo à minha volta, e isso me fez valorizar momentos de introspecção. A dificuldade de me comunicar em grupo me ensinou a importância da escuta. Ao lembrar essas experiências, percebo que essa parte de mim trouxe-me uma sensibilidade que ainda carrego, ajudando-me a entender melhor os outros e a buscar conexões significativas. Essa avaliação mostra como minha infância moldou minha forma de ser e de me comportar hoje.

Eu gostava muito de brincar na rua. Lembro-me dos dias em que corria com os amigos descalços pela rua, jogando bola e explorando cada

canto do bairro. Às idas aos finais de semana à casa de minha tia, as noites de filme, as pegadinhas na hora de dormir, as histórias contadas, as amizades sinceras e as risadas que ecoavam das brincadeiras marcaram aqueles anos.

Lembro-me de que gostava muito de jogar bola com os amigos. Ao voltar do colégio, passávamos a tarde inteira em uma quadra, que tinha no bairro, jogando e brincando. Gostava muito das brincadeiras como pega-pega, esconde-esconde, pique no alto, peão. Aos domingos, costumava ir ao rio com a família e os amigos. Também lembro-me dos torneios em que participei e de como gostava de ir assistir aos jogos com meu pai. Foi um tempo de muita alegria e diversão.

Comecei a ir à escola cedo; aos três anos de idade estava matriculado na creche. Gostava de brincar com os brinquedos e de correr na hora do recreio; o recreio era o que eu mais gostava na escola. Lembro-me das brincadeiras na área verde e dos momentos em que me sentia tímido ao me juntar a grupos.

Com oito ou nove anos, gostava muito de jogar futebol com os colegas no colégio. O futebol foi uma parte essencial da minha infância. Eu participava de um projeto, que havia em minha cidade chamado de “Meninos da Bola”, treinava duas vezes por semana e buscava melhorar minhas habilidades. Participei de alguns campeonatos, tanto em minha cidade quanto em cidades vizinhas. Foram experiências emocionantes nas quais fiz amizades e vivi momentos incríveis.

Ao refletir sobre a representação da criança, percebo que fui uma criança retratada por algumas concepções que foram apresentadas nos textos estudados. Por exemplo, houve momentos em que fui uma criança “glamourizada”, quando a infância é vista como uma fase cheia de proteção, carinho e cuidado.

Mas também houve momentos em que a visão de “criança negligenciada” prevaleceu, pois senti que minhas necessidades emocionais

não eram atendidas, o que me deixou inseguro.

Também houve situações em que a visão de “adulto miniatura” aconteceu, quando as expectativas em relação ao comportamento e à responsabilidade eram altas para minha idade. Essas visões diferentes refletem a complexidade da infância e a maneira como ela é percebida pela sociedade.

Em resumo, tive uma infância rica e marcante. E ao recordar as lembranças, posso ver como a criança ocupa diferentes papéis e visões na sociedade, e como essas percepções impactam nossa formação e desenvolvimento. Ao olharmos para o passado, vejo a importância de cada etapa e como cada experiência influencia no que sou hoje.

A infância de hoje

A infância de hoje é marcada por uma forte presença da tecnologia. As crianças estão cada vez mais conectadas a dispositivos como *smartphones*, *tablets* e videogames, o que influencia sua maneira de brincar, aprender e se comunicar. Além disso, a educação e a socialização estão mudando. As escolas estão adotando métodos de ensino digital, e muitas crianças passam mais tempo em ambientes *online*, interagindo com amigos em redes sociais e jogando jogos digitais, o que altera a forma como constroem suas amizades. Embora ainda haja espaço para brincadeiras tradicionais, o mundo virtual predomina na vida das crianças de hoje.

Mensagem para as crianças do futuro

Crianças, respeitem uns aos outros e valorizem a curiosidade e o aprendizado. Aproveitem a tecnologia com sabedoria, mas nunca esqueçam a importância de brincar, de estar em contato com a natureza e criar laços verdadeiros com as pessoas. Vocês são o futuro, e suas ações moldarão o mundo de amanhã.

CAPÍTULO 1.12

ESPERANÇA

Caroline Matos Santos

E-mail para contato: caroline.santos010116@gmail.com

Meus primeiros passos: A Infância de Caroline

A infância é um capítulo fundamental em nossas vidas; são os primeiros passos para conhecer o mundo e construir nossa identidade. Neste memorial, viajaremos através das recordações e experiências que definiram esse período tão importante para o nosso desenvolvimento. Através de cada lembrança, irei explorar e reconhecer como os momentos e as lições possuem um impacto duradouro que ecoam em cada cenário de nossas vidas.

Nasci em Jequié, no Hospital Geral Prado Valadares, em 12 de março de 2004, filha de Anderson Pereira Santos e Daniela Marlene de Matos Baltazar, primogênita por parte de pai e segundo filho por parte de mãe. Depois de nascida, fui morar com meus pais na casa dos meus avós paternos, Florisbela e Esmeraldo, juntamente com Felipe, meu irmão mais velho e Luzia, avó materna. Nos meus primeiros anos de vida, fui cuidada por uma babá, Cleia, por quem tenho um carinho até hoje.

No casamento da minha tia Léia, irmã do pai, em julho de 2005, com apenas um ano e três meses de idade, começaram as minhas participações como dama de honra, que ao total ultrapassam quinze casamentos. Eram eventos em que eu participava porque gostava, chegando até a participar de casamentos de desconhecidos que viam minhas fotos na loja de aluguel de vestidos de noiva da minha avó e solicitavam a minha presença. Nesse período, vejo-me como uma criança “paparicada”, que mesmo possuindo o direito de escolha, era vista como uma criança “engraçadinha”, inocente, que acompanhava eventos de adultos.

Voltando à dinâmica familiar, moramos todos juntos até 2006 quando meus pais se separaram e minha mãe precisou se mudar, levando meu

irmão e minha avó materna. Eu continuei morando no mesmo lugar, onde vivo até hoje, com meus avós paternos e meu pai. Após esse período de separação, era levada, de 15 em 15 dias, para passar os finais de semana com minha mãe na casa da minha bisavó materna.

Em 2007, próxima de fazer três anos, entrei na minha primeira escola, Escola Primeiros Passos, uma escola simples, “de bairro”, que, com apenas duas salas, abrigava três turmas, mas que me trouxe conhecimentos que trago comigo até hoje. Lá, aprendi os números, lembro-me das muitas listas que escrevi de 0 a 300, que fazia apenas porque gostava muito de números gosto esse que ainda levo comigo. Matemática é uma área que estará sempre em meu coração. Aprendi as letras, a assinar o meu nome. Cada aluno tinha uma faixa com seu próprio nome que ficávamos repetindo a escrita dele até que não precisasse mais do auxílio da faixa. E, assim, iniciou-se meu processo de alfabetização com a “Pró” Carla, a minha primeira professora que homenageio neste memorial e que guardo no coração.

No ano de 2010, mudei-me para uma escola que atendia ao ensino fundamental, o SESC, escola custeada por empresários do comércio. Quando eu estudava lá, não se pagava mensalidade, nem livros nem fardas, além de ganhar kits de material escolar. Ali fiz amigos para a vida inteira, ri muito durante os dias de aula e chorei em cada despedida que se passava. Fui alfabetizada, aprendi cálculos, estudei história, geografia, filosofia e ciências, tive aulas de música, educação física, teatro, desenvolvi a colaboração e o respeito. Guardo com muito amor cada professor que me lecionou, entre eles destaco: Professora Laiana, Professora Siliana, Professora Giza, Professora Salete, Professora Taiala, Professora Ana, Professora Lorena e Professor Léo. Eles me ensinaram não apenas conteúdos escolares, mas também que é possível ensinar com amor, respeito e paciência. Sou muito grata pelas experiências positivas que tive enquanto aluna e as carrego como motivação para me tornar uma profissional como eles.

Na rua de casa, sempre com muitas crianças, haviam brincadeiras sem hora para acabar. Do brincar de casinha ao baleado, elástico, pega-pega, esconde-esconde, patins, bicicleta, elefante colorido, mamãe mandou, apertar a campainha e sair correndo, entre muitas outras brincadeiras. Sempre rodeada de amigos dispostos a brincar do fim da tarde até o horário que o responsável chamasse para entrar. Tempos bons que ficam na memória.

Em casa, quase sempre sozinha, sem a companhia de outras crianças, gostava muito de assistir a desenhos, como: Dora Aventureira, Pica-pau, Smilinguido, Angelina Ballerina, Peixonautas, Madeline, Chaves, além do DVD da gravação do casamento da minha tia, que eu sempre chorava quando via meu irmão na filmagem, mesmo o vendo pessoalmente sempre que podia. Quando chegou um computador na minha casa, foi meu primeiro contato com esse tipo de tecnologia, logo aprendi a jogar, e os jogos eram sempre de vestir bonecas ou decorar casas.

Desde muito pequena, ainda quando era bebê de colo, tive muitos problemas de respiração, quase sempre sufocava à noite enquanto dormia. Meus avós relatam que eu ficava roxa por tentar respirar e não conseguir. Consigo imaginar o desespero que isso causava; eu tinha o problema da “carne no nariz”, cientificamente conhecido como adenoides inchadas, além de um problema na amígdala. Precisei ser submetida a uma cirurgia de amigdalectomia e adenoidectomia em 2009, aos cinco anos de idade, no Hospital São Vicente. Após a cirurgia, fiquei internada por um ou dois dias sendo acompanhada pela minha mãe e tomando muitas coisas geladas para uma melhor recuperação. Havia o risco do retorno dessa adenoide inchada, porém, felizmente, até hoje vivo tranquila sem sentir nenhum incômodo em relação a esse problema.

Logo cedo fui apresentada à igreja e a Deus, e foi um momento importante para moldar a minha percepção de vida e o dever para com o mundo: de amar e cuidar das pessoas, assim poderemos viver melhor. Hoje

eu agradeço a todos que me apresentaram esse amor incondicional, que pretendo apresentar a quem estiver disposto a conhecê-lo.

Finalizo esse memorial refletindo como essas histórias, lições e pessoas contribuíram para me tornar quem sou hoje. Fui uma criança muito amada e cuidada pela minha família, uma criança livre para brincar na rua ao máximo, uma criança curiosa e disposta a aprender, uma criança que gostava de estudar e ficava feliz pela recompensa de uma boa nota após todo esforço, não porque era forçada a ser boa, mas sim porque gostava de ser vista como orgulho das pessoas ao meu redor, uma criança sujeito social, cujas opiniões eram ouvidas e compreendidas. Meus primeiros passos foram celebrados com alegria e são inspiração para os próximos caminhos que trilharei.

A infância atualmente:

Atualmente, entendo que a infância pode ser vista pela ótica de diversos cenários. Observando as crianças que estão ao meu redor, vejo como elas ainda entendem a importância do brincar de forma livre, na rua e em contato com outras crianças, coisa que em muitos cenários já foi deixado de lado.

Por outro lado, elas já nasceram em contato com a tecnologia, são os chamados “nativos tecnológicos”, isso as torna mais adeptas ao uso de celulares, *tablets* e computadores, que, se utilizados da forma correta, podem auxiliar na educação e na aprendizagem delas. Porém, como tudo ao nosso redor, precisa ser usado com sabedoria, muitas crianças têm usado as telas em excesso e isso vem atrapalhando o desenvolvimento intelectual e social da criança.

Sendo assim, a infância hoje em dia pode e deve ser aproveitada com equilíbrio, entre o contato presencial e *online*, brincando e desenvolvendo habilidades.

Uma mensagem para as crianças do futuro na cápsula que será aberta

em 2050.

Crianças do futuro

Meu conselho é que vocês aproveitem ao máximo cada momento dessa fase, pois a infância é uma fase muito rica de aprendizados, não tenham pressa para crescer. Nunca deixem de sonhar e acreditar que seus sonhos são possíveis, a vida nem sempre caminha para a direção que gostaríamos, mas vocês são fortes para superar cada problema. Eu acredito em vocês. Respeitem uns aos outros, sejam gentis com o próximo, cuidem da natureza, ajudem a tornar o nosso mundo um lugar melhor. Essa é a minha esperança!

CAPÍTULO 1.13

EU TE AMO

Luíza Vitorino dos Passos

E-mail para contato: luizapassos564@gmail.com

Minha nostálgica e tão amada infância.

Era uma vez uma menina carinhosa que sempre sonhava em crescer e se tornar uma bela professora, capaz de levar a aprendizagem e o conhecimento para todos os lugares possíveis e impossíveis. Nada para ela era e é impossível. Essa inocente criança amava colecionar livros, laços para cabelo e, principalmente, andar de bicicleta. Luíza via na bicicleta uma maneira de sentir a liberdade e o vento em seu rosto; cada queda e cicatriz eram formas de deixar, eternamente, marcadas as lembranças inesquecíveis dessa época. O pai dessa menina Luíza se chama Eloisio Ricardo, foi ele quem lhe ensinou a andar de bicicleta, a pentear o cabelo, a se vestir, a passar batom e, principalmente, ensinou a ela todos os valores e aprendizados que, com toda a certeza do mundo, ficarão guardados eternamente com ela.

Luíza, ou Mocofó, como é chamada carinhosamente pelo seu pai, sempre amou brincar de todos os tipos de brincadeiras, como pular corda, sete caco, esconde-esconde, queimada, porém o seu maior hobby naquela época era chamar todos os amigos do bairro para pegar manga no quintal dos vizinhos. Ela tinha a missão de subir no pé, já que foi ela quem inventou essa travessura.

Essa moça nasceu no dia 22 de agosto de 2004, em uma manhã de domingo. Ela nasceu uma semana antes do previsto; desde a barriga já era uma criança apressada. Luíza cresceu sem a presença materna, porque a sua genitora não fazia questão de criá-la e muito menos de vê-la crescer. Contudo, o seu grande pai Eloisio, sempre esteve ali para ver a pequena Luíza enquanto ela crescia e desenvolvia habilidades incríveis. Ele sempre foi a pessoa que

mais a apoiou em seus sonhos e a única pessoa que sempre esteve ao lado dela nos momentos bons e ruins, por isso ela é muito grata a ele por lhe proporcionar momentos incríveis e uma infância feliz e cheia de aventuras. Essa pequena, hoje em dia, tornou-se uma moça incrível e faz a tão sonhada faculdade de Licenciatura em Pedagogia. No ambiente acadêmico, ela teve o prazer de conhecer pessoas extraordinárias que, com certeza, levará para a vida.

Olá, tudo bem? Prazer, Luíza! Sou a protagonista da história narrada acima. Eu vejo a infância hoje como uma etapa fundamental e importante na vida de uma criança; é nela que desenvolvemos habilidades e novos conhecimentos sobre o mundo da forma mais inexplicável e extraordinária possível. Ser criança é simplesmente maravilhoso; viver cada etapa, uma de cada vez, é importante.

A mensagem que eu e essa pequena da história deixamos para as crianças do futuro é: expressem seus sentimentos sem medo de serem julgadas, deem muito valor a cada fase da vida de vocês, abracem, digam “eu te amo”, escrevam e falem para o mundo o quão extraordinários vocês são, sejam gentis com os outros e, principalmente, com si mesmos. Por favor, coloquem-se em primeiro lugar sempre. Vocês, crianças, sempre serão fantásticas aos olhos da pequena Luíza.

CAPÍTULO 1.14

PRIVILÉGIO DE SER CRIANÇA

Mateus Santana de Moura

E-mail para contato: mateussantana00714@gmail.com

A infância é uma fase mágica na vida de todos nós, repleta de bons momentos e de aprendizados que serão lembrados pelo resto de nossas vidas, ou por boa parte delas. Hoje, venho comentar um pouco sobre minha infância, da qual até os dias atuais ainda sinto tanta saudade.

Durante a minha infância, tive uma família acolhedora e que sempre me tratou bem, proporcionando-me um ambiente confortável e saudável, onde pude crescer e me desenvolver como criança. Além disso, no ambiente escolar, também vivi muitos momentos felizes, mantendo uma boa relação com os colegas e os professores, brincando até cansar nos recreios e jogando muita conversa fora, apesar da timidez, que era algo tão presente nessa fase da minha vida. Foram bons cenários da minha infância, principalmente no âmbito escolar, que me proporcionou amizades que carrego comigo até hoje.

Atualmente, vejo que, no passado, fui uma criança alegre, brincalhona, repleta de muitos bons amigos, de bons momentos para contar e para dar risadas. Uma criança criativa, sem vergonha de ser feliz e de se divertir a todo instante, que mal via a hora de “descansar o almoço” para poder voltar a brincar com os colegas pelas ruas do bairro e sem hora para acabar. Sem sombra de dúvidas, fui uma criança da qual atualmente me orgulho.

Além disso, vejo que, no passado, fui uma “criança sujeito”, influenciada pelo âmbito familiar e escolar, tendo uma personalidade moldada a partir disso ao viver no meio social.

Nessa fase da infância, uma das coisas que mais gostava de fazer, quando não estava, pelas ruas, brincando com os amigos, era ver muito

desenho animado assim que chegava da escola. Era quando eu corria para o quarto da minha mãe e ficava em frente à tevê até que todos os desenhos da emissora terminassem, sempre acompanhado do lanche da tarde, enquanto eu perdia as horas rindo com filmes e desenhos animados dos quais me recordo até os dias de hoje. Além disso, também frequentei a pré-escola, o que, com certeza, contribuiu muito para enriquecer ainda mais a minha infância. Inclusive, atualmente, tenho muitos amigos próximos que conheço desde essa época da pré-escola, amigos que marcaram e marcam a minha vida até hoje.

Na escola, havia muitos momentos de que eu gostava muito, mas, com certeza, a minha parte favorita era o recreio. Era nesse momento que eu podia conversar, brincar, rir e compartilhar momentos com os meus colegas de classe, aproximando-me deles e fortalecendo os laços de amizade, que sempre foram tão valiosos e especiais para mim. Também gostava muito dos momentos descontraídos com os professores, que era quando eu os enxergava além de um profissional, vendo neles também um amigo. Atualmente, olhando o passado, consigo ver como esses anos iniciais na escola foram fundamentais para meu amadurecimento, ajudando-me a evoluir como criança e a aprender cada vez mais.

Além disso, ao refletir sobre a minha história de infância, tenho como recordação os momentos com as minhas tias, quando eu acompanhava as rodas de conversa e nem via o tempo passar, entretido com os assuntos mais variados que tanto me faziam rir. Também tenho como recordação os finais de semana, que era quando eu não precisava me preocupar em acordar cedo para ir para a escola e podia ficar até tarde me distraindo com jogos e desenhos, ou ficar até um pouco mais tarde brincando com os amigos na rua.

Em meio a tantas lembranças boas, também não me esqueço de como era bom dormir na casa da minha tia, onde eu chamava de “segunda casa”. Às vezes, meu primo e eu quase virávamos o dia em disputas de

videogame ou nos empanturrávamos com os lanches que a minha tia preparava para nós. Era sempre bom passar a semana toda com aquela “ansiedade saudável” enquanto o final de semana não chegava, esperando para poder ir passar um tempo lá.

Por fim, parando para pensar em todo esse meu percurso enquanto criança, percebo que tive uma infância muito boa, “tradicional”, enquadrando-me muito bem em um perfil de “criança sujeito”. Foram momentos maravilhosos e repletos de boas lembranças que sempre guardarei comigo.

E para as crianças do futuro

Para as crianças do futuro, eu desejo, de todo o coração, que elas possam aproveitar as suas infâncias da melhor maneira possível. Brincando, fazendo novos amigos e usufruindo cada vez mais dos privilégios de ser criança e que vivam intensamente essa fase tão boa e leve de nossas vidas.

CAPÍTULO 1.15

OS SONHOS SE REALIZAM

Nádja da Silva Conceição

E-mail para contato: nadjasilva103@gmail.com

Quando nasci, meus pais eram muito jovens. Minha mãe parou de frequentar a escola, pois tinha vergonha dos colegas por estar grávida. Meu pai, desde muito jovem, já trabalhava, por isso só estudou até a 4ª série. Apesar de não ter dado continuidade aos estudos, é um homem muito inteligente. Recordo-me de minha mãe, uma mulher responsável e cuidadosa com os filhos, trocando a fralda do meu irmão e eu a observando sentada em uma cadeirinha. Morávamos em uma casa pequena de taipa muito simples, sem luxo ou conforto. Não tinha muitos brinquedos quando criança, porém me lembro de que meu pai me presenteou com um bambolê que, ao rodá-lo, fazia um barulhinho que não sei ao certo se tinha pedrinhas ou arroz dentro dele; sei que era divertido, e que, para mim, era o melhor brinquedo do mundo.

Comecei a frequentar a escola com quatro anos de idade, época em que ingressei na pré-escola. Eu gostava muito de ir à escola e também das atividades criativas como desenho, pinturas e de fazer figuras com massa de modelar. A hora do recreio era a mais esperada, pois eu brincava com as outras crianças e também era hora de comer o lanche. Fiz alfabetização e comecei a ler e a escrever. A matéria de que eu mais gostava era português e estudos sociais, e a de que menos eu gostava era matemática. Amava ler livros de história infantil e gibis da Turma da Mônica e Chico Bento.

Na rua onde morava, havia muitas crianças. Enquanto os adultos conversavam nas portas de suas casas, as crianças brincavam com diversos tipos de brincadeiras como: pega-pega, esconde-esconde, de roda, pula-corda, amarelinha, baleado, chicotinho queimado etc. Foi uma fase bem

marcante em minha, pois vivi intensamente a fase de criança.

Quando ia para casa de minha tia, divertia-me muito subindo na goiabeira junto com minhas primas e primos, ficávamos sentados nos galhos arrancando e comendo goiaba. Gostava quando as primas e os primos se reuniam na casa de nossa avó materna para comer guloseimas e brincar. Hoje, infelizmente, ela não está mais conosco; o que ficou foi a saudade. Ela era uma mulher guerreira, generosa, bondosa e tinha muitas outras qualidades, por exemplo, gostava de ajudar as pessoas.

Ao olhar para a criança que fui, vejo que fui uma criança respeitosa com as pessoas, tímida, alegre e cheia de energia para conhecer e explorar o mundo. Naquela época, fui exatamente como uma criança tem que ser: somente e apenas criança.

Vejo as crianças de hoje usando muita a tecnologia e com muito mais informações. Elas passaram a ensinar os adultos a como usar o celular. São crianças inteligentíssimas, já nascem em frente a uma tela. Contudo, a parte ruim é que não brincam tanto na rua junto com outras crianças como fizemos na infância passada. Talvez fiquem fechadas em casa por causa da violência que cresce a cada dia.

Uma mensagem que eu deixo para as crianças do futuro:

Crianças, vivam de maneira plena essa fase que é linda e passageira. Brinquem, divirtam-se, pulem, cantem, sorriam e, acima de tudo, obedçam aos seus pais e também respeitem todas as pessoas. Apliquem-se nos estudos e sonhem, pois os sonhos se realizam.

CAPÍTULO 1.16

NUNCA DEIXEM DE SONHAR

Emilly de Jesus Pereira

E-mail para contato: emilly.pereira2005@gmail.com

A mágica e adorável infância

Hoje em dia, poucas crianças têm a oportunidade de viver a infância como eu vivi a minha. A infância é um momento mágico quando se tem liberdade para viver a fantasia e desfrutar da pureza da vida. Trago comigo momentos incríveis que vivi, aprendizados que formaram quem hoje sou e muita gratidão a todos que, de alguma forma, marcaram essa fase tão importante da minha vida.

Tive uma infância muito prazerosa, cheia de cor e fantasia, da qual eu me orgulho. Sempre estudei de manhã, então o resto do dia era brincadeira na rua até escurecer: sete caquinhos, esconde-esconde, baleado, pular corda, entre várias outras brincadeiras que fizeram minha infância muito feliz. Sempre tive muitos brinquedos que meus pais e familiares me davam, mas o que eu mais gostava era criar os brinquedos na hora de brincar, como, por exemplo, brinquedos de garrafa PET, carrinhos feitos de latinha de sardinha com rodas de Havaianas, móveis diferentes para a casa das bonecas, roupinhas que eu mesma costurava, entre outros.

Eu nasci e cresci em Jaguaquara, morei até os três anos na zona rural e a maior parte foi num bairro que ainda estava sendo construído quando nos mudamos para a cidade. Eu costumo falar que minha infância não seria tão especial se não tivesse sido naquele lugar. Naquela época, havia muitas crianças que também moravam ali, e todos brincávamos juntos. Eu cresci junto com minha irmã, que é um ano mais velha que eu, e com meus primos, então sempre tive muita gente para brincar. Eu amava brincar de boneca com minha irmã; era mágico. Tínhamos duas personagens quando crianças (Binha

e Betty), ela era Binha e eu era a Betty. E sempre que brincávamos de casinha, dávamos vida a essas personagens, como num passe de mágica.

Eu sempre fui uma criança muito conversadeira e risonha. Lembro que minha tia me chamava de “risadinha da estrela”. Adorava brincar com coisas radicais, brincadeiras de “moleque”, como diziam o povo. Apesar de gostar de boneca, comidinha e coisas do tipo, era explorar o que realmente despertava a fantasia da infância para mim. Lembro que, no caminho de onde eu morava, perto de onde meu primo morava, havia vários barrancos e adorávamos escalá-los.

Na escola, eu sempre fui uma aluna muito participativa; todo tipo de apresentação eu estava; queria participar de tudo mesmo. Tinha um projeto chamado Mais Educação, no qual a criança passava o dia todo na escola, e eu amava; nem me preocupava em ter que passar o dia inteiro ali. Como já dito, eu amava as apresentações, e, principalmente, as de Natal. Lembro que eu ficava viciada em todas as músicas e cantava o tempo todo. Até hoje, quando escuto canções como “Então é Natal”, “Vem Chegando o Natal” e “Natal Todo Dia”, bate uma nostalgia como se eu tivesse voltado no tempo. Os gorrinhos do Papai Noel, as decorações de Natal e as risadas dos meus amigos preenchem o ar. Era um momento extraordinário, quando a alegria era contagiante. Essas lembranças aquecem meu coração e me fazem querer reviver aquelas manhãs.

A estação do ano de que eu mais gostava era o verão, porque era nela que ocorriam as mais diversas e incríveis aventuras, como, por exemplo, andar de bicicleta, soltar pipa, criar carrinhos de rolimã, banho de mangueira e jogar bola.

Recordo-me de que eu, minha irmã e meus primos adorávamos ir para a casa dos nossos avós, pois era um lugar onde nos sentíamos muito à vontade. Como diz o ditado: “Os avós são pais com açúcar”. Era muito divertido; pois era lá que todos os primos se reuniam. Lembro que amávamos

jogar videogame juntos, jogos como Mortal Kombat, Super Mário, Corrida de Carros, Sonic, entre vários outros que prendiam nossa atenção. Também jogávamos no notebook em sites como a Friv, que era a diversão da criança na época.

Sabe aquela época do ano que você considera a melhor? Essa época, para mim, quando criança, era o São João. Tínhamos um vizinho que, todo ano, fazia fogueira e ficávamos até tarde soltando bombas, comendo milho assado, amendoim e correndo pela rua, enquanto nossos pais conversavam. E até mesmo, no outro dia, ainda tínhamos bombas para soltar com a brasa da fogueira que tinha restado.

Uma lembrança muito marcante da minha infância eram os parques de diversões que vinham para Jaguaquara, já que aqui não havia. Quando eles chegavam, ficávamos ansiosos para ir, e, em todas as vezes, meus pais levavam minha irmã e eu. Tinha um tobogã inflável (chamávamos de castelo) que era a nossa diversão; queríamos ir várias vezes seguidas nele, mesmo que nossos pais falassem: “Vai em outro brinquedo, tem tanta opção”. Mas achávamos o castelo emocionante, porque era meio que um desafio descer escorregando nele. A sensação do vento no rosto e os risos altos criavam um clima mágico que tornavam cada descida uma aventura inesquecível.

Concluindo, minha infância foi muito bem aproveitada e vivida; dela, tiro aprendizados que carrego comigo em cada etapa da vida. Minha infância moldou quem sou hoje e acredito que os grandes protagonistas dessa fase da minha vida foram meus pais, que me educaram e me guiaram da melhor forma. Minha irmã, primos, tias, avós e amigos tornaram cada dia mais alegre e divertido. As risadas compartilhadas, as histórias contadas e os momentos simples, como brincar na rua, tornaram-se tesouros guardados na minha memória, dos quais nunca vou me esquecer.

Hoje em dia, pouco se vê a infância como antigamente, cheia de brincadeira na rua, risadas altas e diversão de sobra. Atualmente, é mais

comum ver as crianças conectadas e imersas em um fluxo constante de informações. O celular, que antes era dado às crianças a partir dos 13 anos, agora está disponível para elas desde muito cedo e na maior parte do tempo. Acredito que a infância de hoje tem menos interação, menos troca de afeto e sorrisos, menos histórias para contar com os amigos, menos cor e fantasia. Isso é consequência desse novo mundo virtual, que influencia a forma como a criança vive e interage com o mundo.

Para as queridas crianças do futuro, um pedido

Vivam essa fase da melhor forma possível, aproveitem todas as fantasias e aventuras, pois ela é a mais fantástica e encantadora parte da vida. Deixem suas imaginações levarem-nas a caminhos incríveis e nunca deixem de sonhar. Amem e respeitem seus pais, saibam que eles são os heróis de suas vidas. Aproveitem tudo com coragem e diversão. Brinquem muito, sem medo de sujar a roupa ou ganhar um machucado, afinal, isso faz parte. Façam novos amigos e aproveitem cada pequeno momento, pois são eles que deixarão as maiores saudades. Eu desejo de todo o meu coração que o mundo de vocês seja cheio de amor, alegria e esperança, e que a infância de cada um seja tão mágica e adorável quanto foi a minha.

CAPÍTULO 1.17

COMO MUDARÁ O JOGO?

Derivania Borges dos Santos

E-mail para contato: vaniaborges0607@gmail.com

Minha infância

Eu me chamo Derivania Borges dos Santos, nome escolhido por minha mãe. Nasci em 29 de agosto de 1975, em uma sexta-feira às 15:00 horas, no Hospital Prado Valadares em Jequié. Sou filha de Edilson de Oliveira Santos e Izabel Borges Santos, e neta de João e Laudemira (avós paternos) e José Paulo e Josefa (avós maternos). Fui uma filha esperada por dez anos. Quando minha mãe já estava desesperançosa, adotou meu irmão Jackson, e, depois da adoção, eu cheguei. Era um bebê muito pequeno com apenas 2,100 kg, mas muito amada e esperada por todos. Meu avô me apelidou de “musquitinho” por ser tão pequena, e muitos que iam me visitar, falavam que eu não iria sobreviver.

Depois de quinze dias de nascida, meus pais resolveram deixar a casa do meu avô e ir para nossa casa, situada na Barragem de Pedra. Fomos de canoa, e no momento da travessia, começou um temporal muito forte que nos pegou de surpresa. Depois de algumas horas lutando contra o temporal, meu pai finalmente conseguiu nos tirar daquele local. E devido a esse acontecimento, fiquei com reumatismo.

Sou de família humilde, meu avô era feirante e minha avó, lavadeira. Meu pai era pescador e minha mãe, dona de casa. Foi com a pescaria que eu fui criada. Aos meus dois anos de idade, viemos morar na cidade, no bairro do Joaquim Romão, quando comecei a estudar aos sete anos em uma escola privada, mas que não era registrada. Nessa escola, fui alfabetizada pela professora Maria e sua irmã Silvana. Minha vida era tão humilde que uma mochila era dividida com todos os meus irmãos. Estudava pela manhã, e, à tarde, saía com meu irmão mais velho para vender peixe de porta em porta

no bairro. Não tínhamos água encanada em casa, buscávamos água na vizinhança e a roupa era lavada no rio. Essa era a parte de que eu mais gostava, pois era uma diversão tomar banho no rio.

Em 1985, por falta de escola pública próxima à minha residência, fui morar em outro bairro na casa da minha tia, onde eu passava a semana, e, no fim de semana, retornava para a minha casa. Estudava na escola Franz Gedeon, onde fiz todo primário. Gostava muito das brincadeiras: pega-pega, ciranda, esconde-esconde, cai no poço, desfile, pé de lata, guiador, anelzinho e, sem contar, as bonecas para as quais fazíamos roupas. Apesar de ser uma infância humilde, foi muito divertida.

As saídas escondidas à noite para brincar na rua era uma diversão, pois meu pai não me deixava sair. Cresci ouvindo Jovem Guarda, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Ronnie Von, entre outros. Nas férias, meus tios sempre vinham de São Paulo para passar o fim de ano, e íamos para a Barragem de Pedra para buscar umbu. Lembro-me de que, nas viagens para Simões Filho, para casa da minha tia, era uma festa; íamos para praia com meus primos e em uma fábrica de biscoito recheado.

Relembrar minha infância me faz perceber a importância das lições que aprendi. Sou grata a cada momento e a cada pessoa que fez parte dessa fase. Essas memórias moldaram a minha identidade e me impulsionaram a buscar um futuro repleto de significados, em que eu possa sempre valorizar essas lições e transmiti-las adiante.

As crianças atualmente

As crianças de hoje estão inseridas em um ambiente digital que é muito mais presente do que nas gerações anteriores. Assim, a criança atual é adaptada a um mundo dinâmico, mas ainda possui as mesmas necessidades de cuidado, afeto e orientação que sempre existiram.

Para as crianças do futuro...

Deixo aqui alguns conselhos e desejos: sejam curiosos e explorem o mundo ao seu redor, nunca parem de aprender, protejam o nosso planeta, sejam gentis, respeitem as diferenças, acreditem nos seus sonhos e nunca desistam deles. Fico aqui, ansiosa, para saber como será o seu mundo e como você mudará o jogo!

CAPÍTULO 1.18

UM PINGO DE ESPERANÇA

Tâmara Cristine Santos Bispo

E-mail para contato: tamarasantossantos11@gmail.com

Meu nome é Tâmara, nasci no dia 18 de janeiro de 2002, em Jequié/BA, filha caçula, criada em Apuarema/BA, negligenciada desde sempre pelo genitor.

Infância, impossível falar dela sem falar do meu irmão Michell; acredito que boa parte deste texto o citará. Quando eu tinha sete anos, estávamos arrumados para ir à igreja e decidimos brincar de mágica, falei que ele iria se transformar em sapo, e ele falou que meu pé começaria a doer. Num simples passe de mágica, meu pé realmente começou a doer muito; comecei a chorar horrores. Minha mãe saiu desesperada do banheiro e tirou a bota que eu estava usando, dentro dela havia uma aranha caranguejeira. Tive que ir para o hospital e fiquei internada por dois dias. Sempre que me lembro desse acontecimento, acho-o engraçado, mas, no dia, foi desesperador.

Meu irmão, que eu chamava carinhosamente de “Pi”, ensinou-me a ler quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Na época, ele já estudava, e eu não, pois a única escola que havia, só aceitava crianças a partir de seis anos. Vê-lo indo à escola, e eu ficando em casa, deixava-me muito triste. No lugar em que morávamos, não havia crianças por perto, então eu tinha que me contentar em brincar sozinha. Para me alegrar, ele me disse que tudo o que aprendesse na escola, ele me ensinaria quando chegasse em casa, e assim ele fez. Com cinco anos aprendi a ler e a escrever sem sequer ter pisado em uma escola.

Brinquei muito; tenho pernas e braços marcados por uma infância raiz. Brinquei de baleado, sete cacos, vôlei com uma rede imaginária, liso, polícia e ladrão, esconde-esconde. Bebia água na casa das vizinhas, pois sabia

que, se fosse à minha casa, minha mãe não me deixaria voltar para a rua. Indo nas loucuras do meu irmão, já furei minha cabeça com um prego, já me joguei no meio da piscina sem saber nadar, já desci uma ladeira de bicicleta sem saber andar, já desloquei o dedo duas vezes brincando de futebol e já cortei meu braço inteiro em um arame farpado. Um fato interessante sobre minha infância: eu parecia um menino, sempre foi meu irmão e eu. Quando nos mudamos, havia outras crianças, três meninas (incluindo eu) e muitos meninos, muitos mesmos, então as meninas brincavam muito com os meninos, e parecíamos moleques sujos.

Fui criada em berço evangélico, eu amava cantar na igreja, amava frequentá-la. Lembro que quando eu não ia, ficava com febre emocional e chorava horrores. Com o tempo, todo esse amor acabou se esfriando, fui me afastando de pouquinho a pouquinho por conta da pressão da minha mãe. Chegou um tempo que eu era obrigada a ir, era forçada; ia à igreja, mas não prestava atenção em nada. Muitas coisas aconteceram na igreja que frequentávamos. Aos 16 anos, consegui um trabalho no período da noite e não precisei mais frequentá-la. Isso tudo criou “um triplex” na minha cabeça: a igreja nem sempre é lar, é proteção, é um lugar de paz e calma.

Acho muito difícil, quase impossível, falar da minha infância e não falar sobre a negligência do meu genitor. Foi casado com minha mãe por sete anos e teve dois filhos fora do casamento. Depois da separação deles, o indivíduo nunca nos deu uma assistência maior que R\$100,00 por mês. Não tive pai presente, não tive figura paterna. Creio que nada é perfeito, então a minha infância não seria diferente. Aos 12 anos fui molestada, invadida, machucada e, por fim, negligenciada por toda família. Tios, avós, irmãos, pais, pastores, todos culpando uma criança de 12 anos e passando pano em uma situação de barbárie.

Avalio minha infância como uma infância negligenciada. Sinto que nunca recebi o devido amor, a devida proteção que uma família deve dar a

uma criança. Já apanhei sem ter feito nada; minha mãe sempre preferiu dar razão aos outros sem ao menos ouvir minha versão. Já apanhei pelo simples fato de o marido de minha mãe falar que eu deveria apanhar. Sempre fui uma pessoa insegura, não consigo saber se sou amada de verdade e não sei se consigo demonstrar, de fato, o meu amor pelas pessoas.

Me senti rejeitada pela própria família e tinha pensamentos obscuros e assustadores. Ainda criança, já tentei tirar minha vida, já me mutiliei, já gritei por ajuda e ninguém me deu atenção; ninguém sequer pensou no meu lado. Sofrer por sete anos pela negligência dos que deveriam nos proteger não é brincadeira, é doloroso, é frustrante demais, principalmente para uma criança. Ter seus sonhos e planos frustrados, afastar-se de pessoas por medo, calar-se mesmo estando com razão, clamar por ser ouvida e enxergada, é, de longe, a dor mais dolorosa que eu já senti na minha vida. Contudo, ter superado tudo isso é glorificante. Hoje tenho uma relação boa com minha mãe e convivo muito bem com as pessoas. Obviamente que os traumas ficam, as cicatrizes não desaparecem, mas você consegue se erguer e perceber que a vida não se resume apenas a momentos ruins. Você consegue perceber que o choro pode durar uma noite inteira, mas que a alegria virá pela manhã.

Apesar das idas e vindas, foi a partir da minha infância que eu aprendi a ser forte, a ser perseverante, a não olhar para trás. Infância que, por boa parte foi ótima, e, por outra, foi dolorida, trouxe-me ensinamentos que levarei para o resto da minha vida. Compreender que a vida não se resume a momentos ruins não é tão fácil assim; enxergar vida depois de tanta dor é muito difícil, mas, a partir do momento em que você tem um pingão de esperança, tudo começa a ganhar um rumo, basta ter fé e perseverança; basta acreditar que dias melhores virão e que tudo acontece no seu determinado tempo. Infelizmente sofrer faz parte da vida, todos nós sofremos de certa forma, mas não podemos deixar que esse sofrimento nos limite e nos impeça de fazer o que queremos fazer. Uma lição eu aprendi: tenho certeza de que a

Tâmara de sete anos teria orgulho da garra da Tâmara de hoje.

“Não me lembro de nenhuma necessidade da infância tão grande quanto a necessidade da proteção de um pai”. Sigmund Freud, (1856–1939)¹

Infância atualmente

Infelizmente as crianças não brincam mais nas ruas, não vão às casas dos seus amigos. Atualmente, as crianças vivem em um mundo tecnológico onde o brincar foi esquecido, a socialização foi esquecida.

Para as crianças do futuro

Aproveitem cada momento como se fosse único, a infância passa rápido demais.

¹ Fonte: <https://citacoes.in/citacoes/600651-sigmund-freud-nao-me-lembro-de-nenhuma-necessidade-da-infancia-t/>

CAPÍTULO 1.19

VOCÊ É PROTAGONISTA

Lilian Pinheiro Santana

E-mail para contato: lilisantana982@gmail.com

A infância é uma etapa que todos deveriam ter o direito de vivenciar. É uma fase fundamental em que a imaginação ganha vida e todas as experiências que passamos nela nos moldam como pessoa. Sendo assim, desejo contar um pouco sobre a minha própria infância, relembando as memórias mais marcantes - tanto boas quanto as desafiadoras -, as pessoas que me inspiraram e inspiram e os lugares que fizeram parte dessa jornada.

Eu nasci e ainda resido em uma cidade chamada Jaguaquara, localizada no interior da Bahia, estado que amo muito. Minha cidade é abundante em água e possui diversos rios e cachoeiras. Quando eu ia à casa dos meus avós, na roça, ficava a maior parte do tempo tomando banhos de rio e entrando na mata com meus primos inventando histórias que a gente desbravava o mundo.

Meus pais tiveram quatro filhos; eu sou a do meio. Antes do meu irmão caçula nascer, eu teria uma irmã que, infelizmente, nasceu morta. Até os sete anos, meu constante companheiro era meu irmão mais velho, que, após muitas consultas médicas, recebeu o diagnóstico de autismo. Infelizmente, devido a seu comportamento agressivo, eu acabei sofrendo muito com isso. Meu irmão costumava quebrar meus brinquedos, o que me impedia de aproveitá-los. No entanto, nunca cheguei a odiá-lo.

Desde pequena, meus pais me explicavam as razões por trás do seu comportamento, e eu sempre o entendia e perdoava, evitando revidar suas agressões.

Na minha rua, geralmente havia crianças para brincar, mas eu tinha dificuldade em fazer amizades. As poucas que conseguia não duravam muito

tempo ou logo se mudavam dali. Além disso, meus pais não me deixavam ir à casa dos vizinhos ou ficar fora até tarde. Eu brincava com outras crianças, principalmente na escola ou durante as visitas aos meus avós na zona rural, onde havia primos da mesma faixa etária que eu.

Durante toda a minha infância, brinquei muito sozinha, pela dificuldade em fazer amizade e pela falta de companhia. Lembro que eu brincava muito de pular corda, amarelinha, balanço, adorava fazer bolhas de sabão, imaginava que o chão era lava, inventava mil história na minha cabeça e me via como um dos personagens que desbravava o mundo com diversas emoções. Às vezes quando batia uma certa solidão, tentava criar um amigo imaginário para brincar comigo, mas eu nunca acreditei nisso, e, então, as tentativas eram em vão.

Entrei na escola aos cinco anos de idade e adorava participar das atividades, especialmente desenhar. O ambiente escolar me permitia ter contato com outras crianças, mas, mesmo assim, sentia-me deslocada. No recreio e na volta para casa, brincava bastante de esconde-esconde, amarelinha, pique-pega e outras brincadeiras tradicionais da época. Na infância, eu assistia muito à tevê também, assistia desde jornais até novelas e séries. Eu era uma criança curiosa, interessava-me muito por leitura, mas não tinha acesso a livros de literatura e contos, então eu folheava muitos os livros didáticos.

Adorava ir à casa dos meus avós na zona rural, onde estava próxima aos meus primos, com quem eu podia brincar, e perto da natureza. Eu subia em árvores, tomava banho de rio, colhia frutas direto do pé, brincava de ciranda e interagia com os animais. Acordava com o canto dos pássaros e jogava milho para as galinhas com meu avô. Eram tantas coisas para fazer e eu me divertia muito.

Uma das minhas maiores saudades dessa época é do meu avô. Ele tinha uma das almas mais lindas que já vi na Terra. Quando ele sorria, a alma

dele reluzia. Eu amava a risada dele; era tão linda! Não havia uma só pessoa que ele não conseguisse cativar. Meu avô adorava os animais e a natureza, assim como eu. Acho que éramos muito parecidos. Sempre digo que, quando ele se foi, levou o encanto daquele lugar e nada ficou como antes. Desde então, as memórias da roça e dos momentos ao seu lado se tornaram preciosas, mas também carregadas de saudade.

Minha infância é marcada por várias boas memórias, apesar de alguns percalços pelo caminho. Vivi e aprendi muito com tudo que passei e, por vezes, reflito que poderia ter tido uma infância menos problemática. Atualmente, ao lembrar essa fase da minha vida, busco sempre focar nas lembranças que me causam sentimentos bons. Apesar de algumas experiências ruins, minha infância foi marcada por momentos valiosos que sempre irei guardar comigo. As memórias de brincadeira com meus primos e os momentos na casa dos meus avós me trazem alegria, e penso que não devo alimentar minha alma somente com lembranças negativas.

Acredito que hoje há muito mais possibilidades de se aproveitar o período da infância, especialmente com o uso da tecnologia, que oferece diversos recursos educativos e de entretenimento. No entanto, também vejo que essa tecnologia pode estar tomando um tempo precioso que não volta mais. O uso excessivo de telas está substituindo momentos valiosos que poderiam ser aproveitados com os pais. Além disso, a correria dos tempos atuais e a necessidade de trabalhar intensamente para obter o básico estão substituindo momentos importantíssimos na vida das crianças e no lazer dos pais com elas. É fundamental buscar um equilíbrio entre o uso da tecnologia e o tempo de qualidade em família.

E a mensagem que deixo para as crianças futuro

Aproveitem cada segundo, pois o tempo passa muito rápido. Brinquem, divirtam-se e compartilhem momentos com os outros, pois a vida

se torna mais feliz, emocionante e leve quando compartilhada. Tenham coragem de serem vocês mesmos, pois só temos uma vida e ela merece ser vivida plenamente. Abracem a simplicidade, encontrem alegria nas pequenas coisas e também não deixem ninguém delimitar seus sonhos, você é protagonista da sua própria vida.

CAPÍTULO 1.20

RESPEITO ACIMA DE TUDO

Rebeca Oliveira Reis

E-mail para contato: rebecaoliveirareis@hotmail.com

Olá, meu nome é Rebeca. Nasci em Itiruçu, uma pequena cidade no interior da Bahia, e cresci na companhia dos meus pais, da minha irmã gêmea e dos meus avós. Minha infância foi marcada por várias memórias na casa dos meus avós maternos, onde morei até meus quatro anos.

Era uma criança tímida, mas carinhosa e alegre. Tive uma infância bem divertida com minha irmã gêmea, mesmo ela sendo deficiente visual e autista, morando em uma casa aconchegante e cheia de amor. Tive vários brinquedos, mas sempre me interessei pela tecnologia, lembro que eu amava ver a televisão, as cores das imagens me fascinavam. Aos cinco anos, mudei para outra casa com minha irmã e meus pais.

Minha família sempre foi unida, minha mãe, em especial, é uma figura muito importante para mim. Desde cedo, ela sempre me ensinou a andar no caminho certo com caráter e verdade. Seus ensinamentos foram fundamentais para a Rebeca criança e a Rebeca adulta de hoje.

Lembro que, todos os anos, minha família e eu íamos à praia. Eu ficava contando os meses para chegar o dia da viagem. Sempre amei a praia e adorava visitar as lojas de artesanato. Essas viagens eram momentos especiais que eu aguardava com muita alegria.

Comecei a frequentar a escola por volta dos quatro anos de idade. Lembro que umas das minhas brincadeiras favoritas era jogar no computador com minha amiga de colégio. Sempre colocávamos jogos *multiplayer*.

Ao olhar para a criança que fui, enxergo alguém divertida, carinhosa, tímida e curiosa com novas mudanças. Isso ajudou a enfrentar os desafios e a aproveitar cada momento da minha infância.

As crianças atualmente

A infância de hoje está muito ligada à tecnologia. As crianças estão focadas em seus celulares desde cedo, o que mudou a forma como brincam e interagem com as outras crianças. A criatividade, que antes florescia como um passe de mágica nas brincadeiras, muitas vezes é esquecida por causa das telas. Embora a tecnologia traga muitas vantagens, como acesso fácil ao conhecimento, é importante encontrar um equilíbrio, evitando o seu excesso.

Para as crianças do futuro...

Nunca desistam dos seus sonhos, protejam a natureza e os animais e nunca percam a criatividade e o respeito acima de tudo.

CAPÍTULO 1.21

O OLHAR DE SAUDADE

Tailane de Jesus Santos

E-mail para contato: tailanebinha123@gmail.com

Meu nome é Tailane de Jesus Santos, tenho 18 anos. Nasci em Jequié, Bahia, em 2005, mas fui criada em Lafaiete Coutinho, uma pequena cidade de pouco mais de quatro mil habitantes.

Sou filha de Edvania Pereira de Jesus e Roque Souza dos Santos. Tenho uma família grande, com sete irmãos, sendo cinco por parte de mãe e dois por parte de pai.

Meu pai é um homem muito trabalhador, exerce a profissão de boiadeiro. Ele é um paizão, sempre me apoiou em tudo. Simples e criado na roça, ele não concluiu o ensino fundamental, mas o que aprendeu, ele nos passa com muita sabedoria, através de seus valores e caráter.

Já minha mãe, não há palavras que descrevam tudo o que sinto por ela. Entre todos os filhos, sou a mais apegada a ela. Ela trabalha como TRABALHADORA DOMÉSTICA. Talvez você se pergunte: “Você não tem vergonha de falar isso?” E a resposta é: não! Como dizia William Shakespeare: “Para o trabalho que gostamos, levantamo-nos cedo e fazemos com alegria.” E é exatamente isso que minha mãe faz. Ela sempre disse que não queria que eu e minhas irmãs seguissemos o mesmo caminho, porque, na época em que ela cresceu, as oportunidades eram escassas. Era tudo muito difícil, e o único jeito de se sustentar era através dos trabalhos que ela conseguia quando havia a chance.

Minha mãe sempre me incentivou a estudar para que eu tivesse um futuro brilhante, tanto profissional quanto pessoal. Apesar de trabalhar em duas casas, à noite ela estuda e, atualmente, está no 1º ano do ensino médio, o que me enche de orgulho.

Desde criança, SOU EXTROVERTIDA, sensível e cheia de energia. Vivi dias inesquecíveis na infância, mas também enfrentei experiências difíceis que me ensinaram a persistir. Minha infância foi marcada pela fé, pois fui criada na igreja e fiz meu compromisso com Cristo aos sete anos. Aos 15, me batizei, consolidando minha jornada espiritual.

Tive muitos amigos, tanto na creche quanto na escola, onde aprendi a importância de compartilhar momentos e de valorizar o que é simples. Contudo, sofri bullying por usar óculos desde cedo, e meu sotaque baiano também foi alvo de preconceitos quando morei em São Paulo. Enfrentei a indiferença de cor e o peso de estereótipos, mas esses desafios me fortaleceram.

Minha infância me marcou profundamente. Brincar de mãe e filha, fazer bolos de terra no quintal, ouvir histórias nos dias de chuva e correr pelas ruas com amigos em brincadeiras como pega-pega e esconde-esconde me ensinaram que o simples é suficiente. Se pudesse voltar no tempo, não mudaria os desafios, mas reviveria o extraordinário das amizades e a inocência das pequenas alegrias.

Ao lembrar minha infância e comparar com as infâncias de hoje, vejo uma diferença muito grande. Antes, cada momento era uma aventura ao ar livre, e nossas brincadeiras eram simples, mas cheias de significado. Eu corria nas ruas, inventava histórias, fazia bolos de terra e, muitas vezes, chorava para não ter que entrar em casa, querendo aproveitar ao máximo o tempo com os amigos. Aqueles momentos, sem tecnologia, ensinaram-me a valorizar o contato humano, a imaginação e as pequenas alegrias.

Hoje, percebo que as crianças têm uma infância muito diferente. Muitas vezes, estão cercadas por telas e distrações digitais desde cedo. A tecnologia trouxe vantagens, mas também criou um distanciamento das brincadeiras simples e do contato direto com a natureza e com outras crianças. Elas têm menos oportunidades de experimentar aquela liberdade

que tínhamos para correr, explorar e criar amizades no “olho no olho”.

Sinto que as infâncias atuais são mais conectadas ao mundo virtual, mas, ao mesmo tempo, perdem parte do encanto da convivência presencial e das brincadeiras que desenvolvem o afeto, a criatividade e a resiliência. Acredito que, mesmo em um mundo tão digital, é importante que as crianças possam ter experiências reais, como as que eu tive, pois são essas memórias e aprendizados que formam quem somos e que carregamos para a vida toda.

Uma mensagem para as crianças do futuro.

Muitos adultos hoje, como meus pais, gostariam de voltar no tempo e viver a infância de forma mais intensa. Eles não puderam aproveitar ao máximo essa fase, porque, em vez de brincar e viver a alegria da infância, precisaram trabalhar desde cedo para ajudar meus avós a não passarem fome. A vida deles foi marcada por dificuldades, e o tempo parecia mais apertado. Hoje, as coisas estão mais fáceis, e há mais oportunidades para aproveitar.

Por isso, crianças do futuro, dediquem-se nos estudos e esforcem-se para aprender, porque o conhecimento abre portas e constrói um futuro melhor. Mas, não se esqueçam: vivam a infância de forma alegre e com intensidade. Divirtam-se, brinquem muito e aproveitem cada momento, pois a infância é um tempo único e precioso que nunca volta. A vida vai passar rápido, e é importante que, quando vocês se tornarem adultos e olharem para trás, façam-no com o olhar de saudade, querendo reviver aqueles momentos e sabendo que aproveitaram cada fase e momento. Não olhem para trás com saudade de algo que não viveram, com a sensação de que se privaram de ser felizes quando podiam. Aproveitem enquanto podem!

CAPÍTULO 1.22

AS COISAS SIMPLES

Maria Gorete Andrade dos Santos

E-mail para contato: mariasantosanrade65@gmail.com

Uma doce infância

Minha infância parece estar longe agora, como uma lembrança que vai ficando mais apagada com o tempo. Ainda assim, de vez em quando, um cheiro ou um som familiar traz tudo de volta, quase como se estivesse acontecendo de novo. Consigo ver-me correndo descalça pelas ruas de terra, sentindo o sol quente nas costas e a poeira subindo enquanto eu brincava com as outras crianças da vizinhança. Naquela época, o mundo era simples, mas enorme ao mesmo tempo. Coisas que hoje parecem comuns, como o som de uma porta abrindo ou o cheiro do café da manhã, tinham algo de mágico. Cada dia era uma aventura nova, como se houvesse sempre algo novo para descobrir.

Eu me lembro das manhãs que começavam antes do sol nascer, com a casa ainda quieta, exceto pelo barulho da minha mãe na cozinha. O cheiro do café enchia o ar, e eu sabia que logo o dia iria começar. Havia algo especial nesse momento de calma, antes que tudo ficasse agitado, quando eu ainda podia sonhar com os amigos que veria e as brincadeiras que faríamos.

À tarde, passávamos o tempo debaixo das árvores, sentindo o vento suave balançando as folhas e criando sombras no chão. Às vezes, ficávamos apenas deitados olhando para o céu e tentando ver formas nas nuvens. Outras vezes, as brincadeiras viravam batalhas, em que éramos guerreiros prontos para defender nossos reinos imaginários. A imaginação não tinha limites, e qualquer coisa, como um galho ou uma poça d'água, virava o que precisássemos para a nossa aventura.

Naquela época, eu achava que tudo sempre seria assim, que essa sensação de liberdade nunca iria embora. Mas, com o tempo, as

responsabilidades foram aparecendo, os dias ficaram mais curtos e a vida mais séria. Mesmo assim, quando paro para lembrar, sou levada de volta a esses momentos em que o tempo parecia andar devagar e cada dia durava para sempre.

Agora, olhando para trás, percebo que foram esses pequenos momentos que realmente me moldaram. Eles me ensinaram a importância de valorizar as coisas simples e de encontrar alegria nos detalhes do dia a dia. Essas lembranças me lembram que, às vezes, é preciso parar, respirar e apenas aproveitar o momento. Afinal, a vida é feita de memórias como essas, que juntas formam o que chamamos de passado.

Falar da minha infância traz um aconchego no coração e, ao mesmo tempo, uma angústia por já ter passado e não poder reviver tudo de novo. Todas às vezes que vasculho a minha memória e volto para a minha infância, uma das coisas que mais me marca é o quanto aproveitei a minha fase de criança. Hoje, eu tenho 24 anos e parece que foi há um século. Eu cresci em Ipiaú, uma cidade pequena, e não queria ter crescido em outro lugar. Passei uma parte da minha infância com os meus pais, como qualquer família tradicional. Não estudei em creches, meus pais sempre foram contra. Eu e meu irmão aprendemos a ler e a escrever em casa, meu pai nos ensinou e ele era ótimo nisso.

Inclusive, eu não lembro com quantos anos fui para a escola. Quando meus pais ainda eram casados, moramos boa parte dessa época em uma casa bem simples, mas com um quintal enorme, várias árvores e um rio no fundo. Era libertador morar ali, eu não me sentia “presa”. Fui muito feliz. Lembro que eu e meu irmão corríamos aquilo tudo brincando, tomávamos banho de rio, e brigávamos muito também. Ele é quatro anos mais velho que eu, mas a gente se divertia bastante, apesar das brigas. Tenho mais três irmãos por parte de pai, e às vezes eles iam para nossa casa. Aí a bagunça estava feita, e essa é uma das minhas memórias mais felizes.

Uma memória que me marcou bastante também, mas que não é feliz, foi quando eu tinha entre cinco e seis anos e sofri um acidente. Lembro muito pouco, mas o suficiente para ter traumas até hoje. Eu estava na casa dos meus avós quando minha mãe se distraiu por um momento. Nesse meio tempo, uma amiguinha minha, do outro lado da rua, chamou-me para brincar. Eu, inocente, simplesmente corri. Foi quando a moto me atropelou. Daí, não lembro mais nada, só lembro que acordei no hospital com meus pais olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas. Ali, eu já tinha passado por uma cirurgia e estava bem. Fiquei três meses internada. Não entendia direito o que estava acontecendo na época, mas lembro nitidamente do cuidado e da preocupação dos meus pais.

Um tempo depois, meus pais se separaram, e fui morar com meus avós junto com minha mãe. Eu não sofri com a separação deles, mas sofri bastante por ter que ficar longe do meu irmão. Ele ficou com o meu pai, pois minha mãe não tinha condições de ficar com dois, e ela sofreu muito com isso.

Nessa época, em que morei com meus avós, eu também aproveitei muito. Na rua em que a gente morava, havia muitas crianças. À noite, todo mundo ia para a rua brincar e as nossas mães ficavam na porta conversando. Brincávamos de sete cacos, polícia e ladrão, esconde-esconde e várias outras brincadeiras. Éramos bem humildes financeiramente, mas muito felizes. Lembro que minha avó ia para o rio lavar roupa porque lá faltava água e ela me levava junto. Eu ficava brincando na água com outras crianças, era bem divertido.

A gente sujava a água brincando e minha avó brigava, mas não ligávamos. Lembro que nessa época eu já estava na escola, mas não me lembro ao certo quantos anos tinha. Acredito que tinha entre nove e dez anos. Eu não era uma criança que gostava de estudar, confesso que conversava muito nas aulas, mas eu gostava da escola porque tinha vários

amigos lá. Nessa época, passávamos certa dificuldade. Minha mãe não tinha um trabalho fixo, só quem trabalhava em casa era meu avô, e meu pai não tinha condições de pagar uma pensão com um valor bom. Eu não tinha luxo, mas as coisas importantes nunca faltaram.

Minha infância foi basicamente isso: brinquei muito. Não fui uma criança que cresceu com telas, então eu tinha muita criatividade. Como minha família não tinha muita condição de comprar brinquedos, eu usava a imaginação. Fazia sofá para minhas bonecas com pedaços de bloco, televisão com caixinha de fósforo, e minha avó costurava bonecas de pano com retalhos para eu brincar. Eu achava o máximo. Minha infância foi muito gostosa e leve.

Reviver essas memórias me traz um turbilhão de sentimentos. Jurei que não ia chorar, mas cá estou eu emocionada. Perdi meus pais há nove anos, então é muito doloroso escrever sobre essas lembranças. Devo tudo a eles e, graças a eles, tive uma infância maravilhosa. Eles sempre fizeram questão de que eu aproveitasse cada fase da minha infância, e hoje vejo o quanto isso foi importante.

Com tudo isso, percebo o quão difícil é, hoje em dia, para as crianças terem a infância que eu tive, principalmente nas cidades. As crianças estão aproveitando cada vez menos a sua infância e não criando memórias. Entendo que a violência e a marginalidade aumentaram muito e os tempos não são mais os mesmos. Por isso, é mais difícil ver crianças brincando nas ruas, porque é perigoso. Mas as telas também têm um papel nisso. Com esse mundo tecnológico, os pais deixam as crianças muito no celular ou na frente da televisão e não brincam mais com seus filhos, e isso é preocupante.

Eu vejo que a criança que fui teria muito orgulho da mulher que me tornei e continuo me tornando por ter essa visão. A criança que fui era muito amada, aproveitou sua inocência e foi muito doce, jamais imaginando o que iria passar no futuro.

Refletir sobre a minha infância e reviver essas memórias, ao longo desse memorial, fez-me perceber ainda mais a profundidade e a importância dessa fase. A infância não é apenas um período de descobertas e aprendizagens, mas também uma etapa que marca profundamente quem nos tornamos.

Queria deixar aqui uma mensagem para as crianças do futuro:

Que vocês nunca percam a curiosidade e a capacidade de se maravilhar com as coisas simples. Brinquem, inventem, imaginem e aproveitem cada momento como se fosse único. Se puderem, corram descalços, subam em árvores e olhem para o céu para descobrir formas nas nuvens. Aprendam a valorizar o tempo com a família e os amigos, porque são esses momentos que ficarão guardados no coração para sempre. Mesmo com a tecnologia, não deixem que ela substitua a magia do contato humano e da criatividade. Lembrem-se: o amor e o cuidado são os maiores presentes que podemos dar uns aos outros, e é isso que torna a vida verdadeiramente especial.

Finalizo aqui dedicando este texto aos meus pais, que me proporcionaram a melhor infância que eu poderia ter. Não teve luxo, mas teve muito amor e cuidado.

Em memória de Adriana Andrade e Otaciano dos Santos, cuja presença e ensinamentos continuam a me inspirar todos os dias.

CAPÍTULO 1.23

PRINCÍPIOS

Nathalia Araujo Nascimento

E-mail para contato: nascimento8712@gmail.com

Minha infância

Minhas memórias de infância são recordações que abrangem um misto de brincadeiras, descobertas e aprendizado. Cresci em uma vida simples, mas também cercada de muito amor e carinho. A cada dia, eram construídas novas lembranças, essas, percorridas desde as ocasiões de lazer e brincadeiras na rua com os amigos, até os momentos em família, formando memórias afetivas cheias de significados que moldaram a pessoa que sou hoje.

Embora não tenha tido uma figura paterna presente desde meu nascimento, fui muito amada e amparada por minha mãe e minha avó materna, que se tornaram meus pilares e exemplos de força. Nasci e cresci em Jequié/BA, mais conhecida como “Cidade Sol”. Minha família, embora parte tenha se mudado para São Paulo, sempre foi muito unida. Sempre fui muito alegre, característica adquirida, sem sombra de dúvidas, da minha mãe, ela que é a alegria da casa, independente das circunstâncias, ela está sempre considerando o lado bom das coisas e das pessoas. Modéstia à parte, também recebi esse dom. Já minha avó é um tanto mais rígida, resultado das marcas que o tempo lhe trouxe através de vivências passadas. Sinônimo de resistência, sempre trabalhou desde muito cedo e só ela sabe tudo que passou. Não desfrutou da sua infância, contudo, sempre fez o possível e o impossível para prover as necessidades dos filhos, zelar e cuidar deles. Eu sempre me mantive ao seu lado, em meio aos fuxicos que costurava, pedaços de retalho e linhas pelo quarto que me entrelaçavam, ora em panos, ora em histórias de vida que ela muito me contava e, felizmente, conta-me até hoje. Por último,

meu irmão este chegou cinco anos depois de mim. Apesar de muitos o acharem pequeno por ter nascido prematuro, hoje está enorme e completa o quarteto base da minha família.

Havia um filme chamado “O Menino Maluquinho”, criado a partir de uma história em quadrinhos. Assim como ele, eu também mantinha, poucas vezes, uma panela na cabeça, uma imaginação gigante, vários sonhos, várias curiosidades e muita vontade de aprender. Sempre me mantive assim: para alguns “curiosa”; mas para mim – interessada – em praticamente tudo que pudesse proporcionar conhecimento.

A fase das perguntas é sempre empolgante, crianças tendem a ser curiosas e comigo não era diferente: o que é isso? Para que serve aquilo? De onde vem? Por que veio? Uma sequência de “porquês” infinitos que abriam as portas para o novo, para o nunca visto, e até então desconhecido. Através de perguntas e respostas, fui entendendo como o mundo funcionava, e, aos poucos, esse conhecimento foi se ampliando. Minha infância foi marcada por curiosidades, diversão e muitos desenhos. Inclusive, os DVD’s 6 em 1 comprados por minha mãe na barraquinha da feira era uma alegria sem tamanho, registros e memórias guardadas para sempre em minha mente e coração.

Atualmente, tenho percebido uma grande perda da essência das crianças. Pouco se vê das brincadeiras de rua, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, sete caquinhos, momentos estes que vão além do brincar, pois proporcionam cumplicidade, protagonismo, confiança, interação e muitas outras características que estão sendo perdidas entre as crianças. Desse modo, essas brincadeiras estão sendo substituídas por telas. Não há mais o olho no olho, o ar livre tornou-se menos propenso à diversão, e hoje o mundo é virtual. Um bebê é influenciado pelos pais a assistir ao celular ou à tevê para ficar quieto, indicando assim a dependência das redes sociais.

A vocês crianças do futuro

Desejo uma infância baseada em princípios. Sei que a tendência tecnológica futura é muito maior e certamente estará mais frequente na vida de vocês. Ainda assim, não deixem de aproveitar cada segundo desse período incrível da vida chamado infância, que passará tão rápido deixando saudades. Brinquem, subam em árvores, dancem na chuva, não muito, sorriam, chorem, perguntem, pois, existe um ditado “Quem tem boca vai a Roma” isso significa que, com boa comunicação você pode chegar a qualquer lugar. E para haver comunicação, necessariamente, não se esqueçam: estudem! O conhecimento e a educação podem levá-los a lugares incríveis.

CAPÍTULO 1.24

AS PORTAS DOS SONHOS

Rai Araújo Cardoso

E-mail para contato: cardoso.raiaraujo@gmail.com

Minha infância foi um período simples, mas cheio de significados. Tive experiências que moldaram quem sou hoje e me conectaram com o mundo ao meu redor. Essas memórias, que guardo com carinho, ajudam-me a entender minha identidade. Cresci em uma fazenda, na casa da minha avó, onde também moravam minha mãe, meu irmão e meu tio. Amava morar lá. Acordava cedo para alimentar os animais, colher os ovos das galinhas, soltar as ovelhas, tirar leite, dar ração às vacas e levá-las para o pasto. Caminhava com minha mãe e meu irmão, molhava a horta pela manhã e, à tarde, passava o tempo assistindo a desenhos. Adorava pescar também; quase todo fim de semana estávamos na represa, e, quase sempre, voltávamos com muitos peixes. Não tinha muitos amigos; havia alguns vizinhos, mas não tínhamos proximidade.

Brincávamos de vez em quando, mas, na maior parte do tempo, eu passava o dia sozinho, brincando e assistindo à tevê. Não me sentia mal por isso, mas sentia falta. Às vezes, ia para a casa da minha tia; minha mãe não gostava que eu fosse sozinho, pois precisava atravessar uma estrada movimentada. O fim do mês era sempre muito aguardado, pois minha mãe ia à cidade e me levava. Eu esperava ansiosamente por esse dia. Quando não era possível de me levar, ficava curioso para saber o que ela tinha trazido para mim e meu irmão; ao chegar, íamos correndo ao seu encontro. Todo início de mês quando minha avó fazia compras, ela sempre trazia um docinho ou outra coisa para mim e meu irmão.

Como minha mãe trabalhava quase o dia todo, e eu já havia crescido um pouco mais, estando nos meus nove ou dez anos, eu já ajudava nos

afazeres de casa, auxiliando minha avó, que já era idosa. Cozinhava, limpava a casa e, às vezes, pegava carona para ir ao povoado próximo, onde ia pagar contas, comprar algo ou levar recados da minha mãe ou da minha avó.

Havia momentos em que era preciso trabalhar na roça, capinando, fazendo cercas, e, à tarde, quando voltava da escola, ia ao pasto buscar as vacas para apartar os bezerros e tirar leite no dia seguinte. Eu não sabia tirar o leite, mas ajudava meu irmão segurando o laço.

Com 13 anos, nos mudamos para a cidade, onde moro até hoje. Minha avó passou a ter Alzheimer, e era necessário que eu cuidasse dela enquanto minha mãe resolvia as coisas fora de casa. À noite, quando ela não queria dormir, eu ficava cuidando dela.

Comecei a frequentar a escola aos quatro anos. Lembro-me das brincadeiras, da hora da leitura e de muitos momentos de aprendizado. Guardava tudo isso com carinho; estava sempre empolgado para aprender coisas novas e participar das brincadeiras. Mesmo com essas responsabilidades, nunca deixei de estudar e ser criança; sempre arrumava um jeito de desenhar, pintar, inventar histórias na minha cabeça e explorar cada cantinho daquela fazenda.

Recordo-me do tempo de chuva. Perto de minha casa, havia uma lagoa com muitos tanques feitos pelo meu bisavô. Quando chovia e tudo se enchia, meu irmão, eu e meus vizinhos passávamos horas lá; ao voltar da escola, era certo que iríamos. No tempo da seca, também passava bastante tempo lá, pastando as vacas e levando-as para beber água. Às vezes, era só eu e meu irmão, ou eu e minha mãe; eu gostava muito disso; era minha diversão.

Eu adorava andar a cavalo. Sempre que ia à casa de algum vizinho, ou quando minha avó ou minha mãe pediam um favor, eu ia a cavalo. Aprendi a andar de bicicleta por volta dos 11 anos. Em três dias de treino, já estava craque; andava para todo lado, embora, nos primeiros dias, caísse e batesse nas cercas.

Quando penso na minha família, não consigo deixar de me lembrar dos almoços de domingo, das histórias que minha avó contava e dos passeios com ela, visitando seus tios, cunhadas e irmãs. Amava ir com ela; considerava-a uma segunda mãe, uma vez que foi ela quem ajudou minha mãe a me criar. Também me recordo de meu tio, cuja perda foi enorme para a família; sempre foi muito querido por todos. Quando ele faleceu, foi um momento de grande tristeza, uma morte repentina e dolorosa para nós, mas sempre o lembramos com aquele sorriso, suas brincadeiras e sua bondade. Já faz 10 anos que ele se foi, mas continua vivo em nossos corações.

Ao refletir sobre minha infância, percebo que, às vezes, fui um “adulto em miniatura”, com responsabilidades desde cedo; em outras, fui uma criança “glamourizada”. Mesmo com essas responsabilidades, em muitos momentos queria ser criança, mas tinha que agir como adulto. Contudo, também fui uma criança que se fazia ouvir.

Em resumo, minha infância foi marcada pela simplicidade e por responsabilidades precoces. Foi um período repleto de aprendizados e emoções. As memórias da vida no campo e das relações familiares formaram a base do que sou hoje. Embora a vida adulta traga desafios, a saudade daquela época inocente continua a habitar meu coração, lembrando-me da importância de valorizar cada momento vivido. Isso reforça minha ideia de que a criança deve ser criança, brincar, descobrir e exercitar a criatividade. Essas reflexões não apenas me conectam ao meu passado, mas também me inspiram a buscar um equilíbrio entre as lições da infância e as demandas do presente.

Ao revisitar essas memórias, descubro que a verdadeira riqueza da vida reside nas experiências e nos laços que construímos. A simplicidade pode ser a chave para uma vida plena e significativa, e espero sempre mantê-la viva em meu cotidiano.

Queridas crianças do futuro

Eu sei que o mundo está mudando muito e que vocês podem enfrentar desafios que ainda nem conseguimos imaginar. Mas quero que saibam de algo muito importante: estudar e aprender são as chaves para abrir as portas dos seus sonhos. Mesmo quando as coisas parecerem difíceis, lembrem-se de que cada passo que vocês dão no aprendizado, é um passo mais perto de se tornarem quem vocês querem ser.

Lembrem-se de que, mais do que saber fazer contas ou ler livros, o mais importante é ser curioso, sempre querer entender o mundo ao seu redor, e nunca ter medo de errar, porque errando é que vocês vão aprender ainda mais!

O futuro de vocês é cheio de possibilidades, e tudo que vocês precisarem para alcançá-las já está dentro de vocês. Sigam sempre em frente, com coragem e esperança e nunca parem de aprender. O mundo precisa de pessoas como vocês, dispostas a transformar tudo ao seu redor para melhor.

Com muito carinho, alguém que acredita em vocês!

CAPÍTULO 1.25

A ESSÊNCIA MAIS GENUÍNA

Mariana Meira Santos

E-mail para contato: marianameirasantos@gmail.com

Coisas que vivem na minha lembrança

Visitar o passado é compreender as escolhas feitas no presente e suas implicações para o futuro. Neste memorial, busco reviver minhas memórias, relembro momentos em família, vivências e gostos da infância. As experiências estão organizadas em ordem cronológica, começando pela infância, uma fase de descobertas e aprendizagens, e avançando para os anos escolares, que também foram marcados por novas descobertas, desafios e lições. Aqui, procuro destacar todos os momentos que contribuíram para a minha formação pessoal, meu crescimento e desenvolvimento de opinião, assim como os altos e baixos dessa jornada. Todas as situações mencionadas moldaram a minha experiência atual.

Nasci em 7 de agosto de 2001, às 13h:55, no Hospital Geral Prado Valadares, em Jequié, Bahia. Uma terça-feira quente, fugindo dos padrões do mês de agosto, como relata minha mãe. O nome dela? Fatima, mas eu gosto mesmo é de chamá-la de “mainha”, como uma baiana raiz que sou. Os dias seguintes, seguindo ainda o relato de “mainha”, fez muito frio. As meias nos meus pés, ao raiar do dia, estavam sempre com os pares trocados, troca feita por minha avó Lita no escuro e com pressa para o tempo das trocas durante as madrugadas de frio.

Os anos subsequentes foram de muito amor. É difícil lembrar dessa fase inicial, que vai de um a dois anos, mas a forma de falar dos meus pais, as fotos, os sentimentos de laços e os relatos de parentes me permitem sentir tudo isso até hoje.

Montando o roteiro da minha vida, início com meu pai, Antônio. Ele

é um “pai babão”, dedicado e cuidadoso. Nunca demonstrou amor com palavras, mas eu o compreendia, recebia-o por meio das suas atitudes. E, falando em painho, todos os presentes dele eram exclusivamente na cor rosa. Minha avó Lita e meu avô José (apelidado de Zelão ou Zê) possuem o título de “avós nota 10”. Ele, impaciente e animado; ela, amorosa, cuidadosa e permissiva formam uma das minhas duplas favoritas. Tia Vilma e tia Célia, os meus tios Jorge e Mário, por eu ser a segunda sobrinha, sempre foram muito atenciosos e amorosos comigo. Aqui, posso me intitular de uma criança “glamourizada”, todos os atos, falas e comportamentos eram vistos como algo surpreendente. Uma pose diferente para foto já era motivo de elogio entre os meus, como se aquilo me tornasse diferente das demais crianças.

Com a família do meu pai, eu tive pouco contato por eles morarem em outras cidades.

Nos anos iniciais da minha fase de criança, os meus cuidados ficaram com minha tia Vilma, enquanto a minha mãe trabalhava na casa da minha madrinha e o meu pai trabalhava na Ambev. Passava as tardes na casa da vovó, na mesma rua da minha casa. Residia no bairro Cansação em Jequié. Passava a tarde na companhia da minha prima mais velha Martha, apelidada por Bia. As tardes com elas eram boas; muitas risadas, brincadeiras no quintal com terra, folhas e acerola do pé que nasceu ali. À noite, retornava para casa com os meus pais.

No início do ano de 2005, com três anos, entrei na pré-escola, na escola Joia de Cristo, onde já iniciei com atividades educativas, aprendi as letras, números e cores. Com certeza foi um grande passo no processo de alfabetização. Lembro-me das atividades em volta de uma pequena mesa, onde todos sentavam juntos, e a professora Marli, em volta das mesas, auxiliando-nos nas tarefas. Nesses anos minhas atividades favoritas, na escola, eram as brincadeiras com massinhas, as fantasias das épocas festivas,

e, principalmente, as tarefas com pinturas com o tema de São João ou Natal. Eu devo uma porcentagem ao carinho que tenho por essas datas devido a essas atividades escolares. Nessa escola, consolidei a primeira amizade fora da família, uma também vizinha chamada Rebeca.

Na escola Joia de Cristo, concluí o ano letivo da alfabetização com auxílio da professora Roseni, a qual tenho um carinho gigante. Lembro-me dos episódios que a professora me incentivava a arrancar os dentes, era assustador tentar longe da minha mãe. No período da infância até os anos iniciais da adolescência, sofri de um medo horrível de sangue. Qualquer gotícula já estava desmaiando.

No ano seguinte, comecei o primeiro ano do ensino fundamental na escola Mundo Colorido, bem próxima à antiga escola. No começo me sentia muito sozinha, a turma atual foi formada há alguns anos, todos com afinidades. Seguindo o processo e com ajuda da professora Sheila, em algumas semanas, consegui me adaptar. Na nova escola, conheci novas matérias como o inglês e as artes. A escola era maior, mais assistida de brinquedos, um espaço amplo, onde o horário do intervalo nos permitia correr e desenvolver brincadeiras em grupos. O horário do intervalo se tornava mais legal porque a escola possuía uma cantina, minha mãe não permitia comprar lanches todos os dias, mas quando eu recebia um sim acompanhado de uma nota de dois reais e algumas moedas do meu pai, era motivo para festa e ansiedade para hora do lanche.

Falando em escola nova, essa possuía a tradição da formatura do quarto ano. Assim, em uma possibilidade de participar do evento que minha mãe acreditava ser lindo e importante, participei antecipadamente da formatura do quarto ano, mesmo estando cursando o primeiro ano do ensino fundamental. No ano em que concluí o quarto ano, não participei. É engraçada a falta de paciência dela; identifico-me sempre (Escrevo com uma risada boa as últimas frases).

Com quase seis anos, ganhei uma irmã, o meu presente favorito. Desejava muito ter uma irmã. Geovana é uma benção em minha vida, com suas brincadeiras e leveza.

Nessa época, as tardes, após o colégio, eram em companhia da minha mãe e irmã. Todos os dias uma programação: filmes, novelas e pipoca. No final da tarde, realizava as tarefas escolares e depois assistia ao programa do “Chaves” com os meus pais e irmã. Aos sábados, frequentava a catequese; aos domingos, almoço em família, brincadeiras de casinha e Barbie; muitos filmes com pipoca e refrigerante, e findava o domingo com a missa.

Ao final do ano letivo, viajava para casa da minha avó Lita, em companhia das minhas primas. A roça dela foi cenário de muita farrá infantil. O horário de acordar era antes das oito da manhã, seguido pelo café da manhã. Logo após começavam às brincadeiras no “terreiro” da casa, debaixo de uma grande aroeira das muitas que se encontravam ali. As brincadeiras eram as mais diversas, até mesmo nos currais. Em um final de ano, aprendi a andar de bicicleta sozinha, uma bicicleta sem os freios.

Contando essa história me recordo de quando ganhei a primeira e única bicicleta. Depois de muitos pedidos e de muita insistência, por coincidência ou destino, meu pai ganhou uma bicicleta em um sorteio da empresa em que trabalhava; era azul e bem maior do que eu conseguiria dominar, mas eu estava feliz demais porque era minha.

Nossa vida era básica. Nunca faltou um prato de comida ou uma roupa nova nas datas festivas do ano. Algo que me marcou, e que carrego comigo, é o modelo de organização financeira do meu pai, sempre cuidadoso, prevenido e organizado. Não sobrava muito, mas por causa de sua organização, não passávamos vontades. Na geração que gera uma dívida atrás da outra, eu não participo graças aos ensinamentos familiares.

Minha infância foi muito feliz. Conseguir ser criança. Criança como todas as crianças deveriam ser: com momentos para brincar, estudar, tempo

em família, comportamentos e vontades de um ser em desenvolvimento, com trajes que garantam proteção, com alimentos e acesso à saúde. Sou muito feliz e grata em poder crescer de forma feliz e saudável, com meus pais e, principalmente, sem o bombardeio de tecnologias. Poderia contar todas as dezenas de histórias engraçadas e empolgantes da infância, mas contengo o meu espírito falante por aqui.

A infância na atualidade

Nos últimos anos, as crianças têm enfrentado um bombardeio de informações, exposição às altas tecnologias, poucas brincadeiras e menos interação com outras crianças. Muitas acabam se tornando sedentárias e perdem o interesse por brincadeiras calorosas. Para nós, que fomos crianças no início dos anos 2000, é estranho perceber o quanto as brincadeiras e interações atuais se limitam às telas dos dispositivos eletrônicos. Além disso, há uma tendência preocupante de transformar crianças em “miniadultos”, que se vestem e se comportam como tal. Em contrapartida, observamos um movimento de muitos pais que estão na “luta contra a tecnologia”, buscando limitar o uso das telas e incentivar e intensificar as relações interpessoais.

Para as crianças do futuro

Crianças, provavelmente, eu vou me lembrar para sempre deste projeto do meu Professor Daniel. Participando deste memorial, pude reviver, vibrar e matar um pouquinho de saudades do meu “eu” como criança. Como citei no meu memorial, eu fui criança, como todas as crianças devem ser. Nunca tive ótimas condições financeiras, mas nunca me faltaram boas roupas, comida na mesa, atenção e o amor dos meus pais, laços firmes com minha família, abraços e sorrisos com meus primos e amigos, e longas horas de brincadeiras. As mais diversas e divertidas.

É pelo menos um pouquinho disso tudo que desejo, de todo meu

coração, a vocês. Que a geração de crianças que venha a ter acesso a esse conteúdo, tenha uma infância em sua essência mais genuína, que o amor, a saúde e a educação sejam pilares da infância de vocês.

CAPÍTULO 1.26

AMIZADES VERDADEIRAS

Beatriz Silva Amaral

E-mail para contato: beatrizamaral08@outlook.com

Minha infância foi marcada por muitas lembranças afetivas e experiências que moldaram quem eu sou hoje. Cresci em uma família que me deu muito carinho e apoio, mas também vivenciamos conflitos que me fizeram amadurecer cedo. No núcleo familiar, havia momentos de alegria e proximidade, mas também algumas dificuldades, como a separação dos meus pais, o que foi um grande marco para mim. Diante desse fato, como minha mãe era jovem, eu cresci sendo criada pela minha avó, e continuei a viver com ela até meus 22 anos, que foi quando ela faleceu. Porém sempre tive contato com meus pais e meus irmãos.

É impossível falar sobre a minha infância sem mencionar a figura central que foi minha avó. Desde o momento em que nasci, ela me acolheu como se fosse sua própria filha, exercendo um papel de grande importância na minha criação. Minha avó chamada Rosa carregava um nome que eu sempre admirei por sua associação à delicadeza e beleza de uma flor.

Ao longo da minha vida, ela sempre se dedicou ao meu bem-estar, mesmo diante das inevitáveis divergências familiares. Foi ela quem me guiou, zelando tanto pela minha saúde e educação quanto pelas necessidades mais cotidianas. Sua força e determinação a tornavam uma mulher guerreira, uma fonte de inspiração constante. Sua presença era tão fundamental que, por muito tempo, jamais imaginei que um dia poderia perdê-la.

Na infância, fui uma criança cercada de afeto. Todos os anos, minha avó fazia questão de comemorar meu aniversário, buscando sempre me agradar da melhor forma possível.

Minhas brincadeiras eram variadas, tanto dentro de casa quanto ao ar livre, e me proporcionavam momentos de alegria, quer eu estivesse

sozinha, quer estivesse na companhia de amigos.

Na escola, vivi momentos importantes. Lembro-me de professores que marcaram minha trajetória escolar por suas palavras de incentivo, e de outros que nem sempre compreendiam as individualidades das crianças. As aulas de arte e educação física eram as minhas favoritas. Também adorava brincar no recreio com os amigos, principalmente de totó e pingue-pongue. Um fato marcante na escola foi que os amigos que eu fiz desde o jardim da infância são os mesmos amigos que mantenho até hoje. Sou muito grata por tê-los, e mais grata ainda pela minha avó ter me proporcionado a experiência única de crescer com amizades boas e verdadeiras.

Hoje, olhando para a criança que eu fui, percebo que, apesar de ter sido um período de descobertas e aprendizagens, também carreguei preocupações que muitas vezes não são associadas à infância. Fui uma criança sensível, sempre atenta às emoções ao meu redor e preocupada em agradar a todos. No entanto, vejo essa criança com ternura, pois, apesar dos momentos difíceis, ela tinha uma curiosidade imensa pelo mundo, o que me impulsionou a ser quem sou hoje: alguém sempre disposto a viver o que há de melhor na vida.

Minha concepção de criança durante a infância era muito baseada na ideia de que éramos crianças com um espaço e tempo próprios, e não adultos em miniatura. Tive uma infância normal; fui tratada como uma criança comum, com momentos de brincar e aprender, sem que houvesse uma cobrança para amadurecer cedo demais.

Durante minha infância, tive o privilégio de viver experiências que marcaram de maneira significativa essa fase. Uma das minhas atividades favoritas era brincar na rua, especialmente de bicicleta e patins. Essas brincadeiras ao ar livre, junto com os amigos que sempre me rodeavam, traziam uma sensação de liberdade e alegria. Além disso, eu nutria uma paixão por gibis, e me orgulhava de possuir uma grande coleção, passando horas

envolvida na leitura.

Apesar de estar sempre cercada por amigos, eu também valorizava muito meus momentos de solidude. Gostava de estar sozinha, refletindo e explorando meus próprios interesses. Outro aspecto que enriqueceu minha infância foram os encontros familiares na roça do meu avô. Esses momentos eram especiais, pois reuniam primos e outros parentes. Lá, brincávamos no rio, corríamos pelo campo e interagíamos com os animais, vivenciando uma conexão única com a natureza.

Em relação à educação infantil, comecei a frequentar a creche com dois anos de idade e segui assim até completar a escola. Lembro-me bem de como a escola era um lugar de descobertas, aprender a escrever o próprio nome, reconhecer as letras e números foi uma sensação incrível. O que mais gostava na escola era o ambiente de interação com os outros coleguinhas. As brincadeiras no parquinho, as aulas de educação física e os momentos do soninho eram para mim, os pontos altos do dia escolar, já que sempre gostei muito de dormir.

A escola, para mim, era um lugar de segurança e exploração, e as experiências dessa época me ensinaram o valor do aprendizado, da socialização e da criatividade. Assim, posso dizer que, apesar dos desafios enfrentados ao longo da minha infância, tanto no âmbito familiar quanto escolar, esse período foi crucial para o meu desenvolvimento e para a construção dos valores que carrego até hoje.

Em resumo, minha infância foi um período de profundas aprendizagens, tanto nas relações familiares quanto nas experiências escolares. Marcada pelo afeto da minha família, principalmente da minha avó Rosa e pelas amizades sinceras que mantenho até hoje. Essa fase da minha vida moldou não apenas minha identidade, mas também os valores e a visão de mundo que carrego. Embora tenha enfrentado alguns desafios, fui uma criança que vivenciou o equilíbrio entre a liberdade de brincar e as

responsabilidades que a vida me apresentou. Ao olhar para trás, reconheço, com gratidão, a importância desses momentos na minha formação enquanto ser humano.

Hoje em dia, a infância é bem diferente de uns anos atrás. As crianças estão cada vez mais conectadas, e o “brincar na rua” foi substituído, muitas vezes, por telas. É celular, *tablet*, videogame... tudo isso virou parte do dia a dia. Ao invés de correr na rua com os amigos ou brincar de pique-esconde, elas jogam *online* com pessoas do outro lado do mundo.

A escola também está cheia de mudanças. As crianças já crescem sabendo mexer em computador, aprendem programação cedo e, em vez de copiar tudo do quadro, agora têm aulas interativas com tecnologia. Mas, claro, ainda tem aqueles momentos tradicionais: festa junina, jogar futebol no intervalo, e a ansiedade de esperar o recreio para comer o lanche da cantina.

Mesmo com todas essas mudanças, a essência da infância permanece a mesma. As crianças continuam curiosas, cheias de energia para explorar e descobrir coisas novas, com aquele entusiasmo típico ao viver experiências diferentes. Só que, atualmente, essa exploração, muitas vezes, acontece no mundo digital. Ainda assim, quando têm a chance, elas adoram brincar ao ar livre, jogar bola ou se aventurar na natureza; é só dar o empurrãozinho certo para resgatarem essa diversão.

Ei, criança do futuro

Nunca deixe de valorizar as coisas simples da vida, como brincar, ler e estar com quem você ama. Continue sonhando e vivendo seus sonhos com coragem, porque você é capaz de tudo. Guarde suas amizades verdadeiras, pois elas são preciosas e vão te acompanhar para sempre. E lembre-se: nunca pare de aprender. A vida é cheia de descobertas incríveis, e cada dia é uma nova chance de crescer. Você tem uma luz única, então brilhe sempre e aproveite a jornada.

CAPÍTULO 1.27

MOLDAR O MUNDO

Wanielly de Queiroz dos Santos

E-mail para contato: waniellysantos071@gmail.com

A infância é uma das etapas mais essenciais da vida, repleta de crescimento, descobertas e aprendizado. É nesse período que as crianças começam a explorar e a entender o mundo ao seu redor, por meio de brincadeiras, criatividade e interações em outras pessoas. Essa fase é fundamental para moldar a personalidade, os valores e as habilidades sociais, emocionais e cognitivas de uma pessoa. Irei contar um pouco sobre a minha infância.

No dia 24 de setembro de 2005, na cidade de Jaguaquara, nasce uma menina. Seu nome era Wanielly e sua história começava ali, marcada por momentos de alegria e simplicidade. Criada pelos avós na pequena cidade de Irajuba, Wanielly vivia entre dois mundos: a acolhedora casa dos avós e as visitas ocasionais à sua mãe em Jaguaquara.

A infância em Irajuba era um palco de aventuras. Todos os dias, ao terminar as tarefas, ela corria para a frente de casa, onde se encontrava com os amigos para brincar de esconde-esconde, pega-pega ou andar de bicicleta. Suas risadas ecoavam pela vizinhança, e cada brincadeira parecia uma nova jornada. Quando estava sozinha, Wanielly mergulhava em um universo criativo: desenhava, pintava e inventava histórias com seus brinquedos. Nesses momentos, sua imaginação era sua maior aliada, permitindo-lhe explorar mundos além do que podia ver.

A casa dos avós era um verdadeiro refúgio. As refeições em família eram recheadas de histórias e risadas. Nas férias, Wanielly e os avós faziam uma emocionante viagem para visitar sua mãe e suas irmãs em Jaguaquara. Lá, o quintal se transformava em um campo de jogos. Com primos e irmãs,

ela jogava bola, corria e brincava de bonecas. Cada dia era uma nova aventura, e as memórias desses momentos ficaram gravadas em seu coração.

Wanielly também adorava assistir a desenhos animados. Entre todos os filmes, os da Barbie eram seus favoritos. Ela aguardava ansiosa os dias de feira, quando sua avó voltava para casa com um novo DVD para sua coleção. A TV Globinho era sua companheira matinal, e ela nunca perdia um episódio. Além disso, “Malhação” e as novelas do SBT eram programas que lhe traziam conforto e inspiração, preenchendo suas noites com sonhos e histórias fascinantes.

Na escola, Wanielly viveu experiências transformadoras. Ela se lembrava vividamente do primeiro dia de aula: o frio na barriga misturado à curiosidade sobre aquele novo ambiente. Foi ali que ela fez seus primeiros amigos fora do círculo familiar e começou a descobrir o prazer de aprender. A leitura, a escrita e as interações com colegas abriram-lhe portas para um mundo cheio de possibilidades.

Com o passar dos anos, Wanielly passou a refletir sobre a criança que foi. Ela se via como alguém cheio de energia e curiosidade, sempre disposto a explorar o desconhecido. Apesar das dificuldades naturais do crescimento, seu brilho nos olhos, diante de cada nova descoberta, mostrava sua essência: um desejo constante de aprender e crescer.

O olhar para a infância hoje

Hoje, ao observar a infância ao seu redor, Wanielly percebe mudanças significativas. A simplicidade das brincadeiras ao ar livre foi, em grande parte, substituída por telas e tecnologias. O ritmo acelerado da vida moderna parece roubar das crianças o tempo de simplesmente serem crianças. Ainda assim, ela acredita na importância de preservar a essência desse período, garantindo que as crianças tenham espaço para explorar o desconhecido, errar, aprender e sonhar, longe das pressões do mundo adulto.

Uma mensagem para o futuro:

Queridas crianças de 2050,

Se vocês estão lendo esta mensagem, saibam que o mundo pode ser tão maravilhoso quanto vocês desejarem. Aproveitem cada momento da infância, pois este é um período único e cheio de magia. Brinquem, riam, façam amigos e não tenham medo de sonhar alto. Lembrem-se de que a curiosidade e a gentileza são qualidades poderosas que podem transformar o mundo.

Cuidem uns dos outros e do planeta que habitam. Cultivem o respeito, o amor e a esperança, pois vocês são o futuro e têm o poder de moldar o mundo em um lugar mais justo e feliz. Nunca percam a essência da infância, pois ela será sempre uma fonte de força e inspiração.

Com carinho,

Uma menina que nunca deixou de sonhar.

CAPÍTULO 1.28

AS VERDADEIRAS CHAVES

Luís Antonio dos Santos Nascimento
E-mail para contato: luis7654siu@gmail.com

O Pequeno Explorador

Era uma vez, em uma enorme comunidade de Salvador-BA chamada Cajazeiras, tão grande que ocupava quase metade da cidade, nasceu um menino chamado Luís Antônio. Nascido em Cajazeiras, ele cresceu em Lauro de Freitas, uma região litorânea e metropolitana de Salvador. Luís era um menino cheio de energia, imaginação e criatividade, sempre buscando novas aventuras. As ruas de Lauro de Freitas eram seu *playground*, onde ele e seus amigos brincavam de esconde-esconde, pega-pega, empinavam pipas e jogavam futebol, mesmo que o talento futebolístico de Luís não fosse dos mais agradáveis de se ver.

Todos os dias, quando saía para brincar, Luís sentia o cheiro da brisa do mar que vinha de longe, do litoral. Vivia imaginando que as ondas carregavam histórias de terras distantes, o que o inspirava a explorar cada canto do seu pequenino mundo. Sequer importava se estava correndo atrás de um amigo ou tentando marcar um gol, sem dúvidas, a diversão era garantida.

Com uma coragem sem limites, ele adorava descobrir novos lugares, criar aventuras e imaginar mundos onde tudo era possível. Certo dia, junto com seus amigos, decidiu explorar uma antiga casa abandonada, que apenas de olhar já causava. Eles, entrando naquele lugar misterioso, com um frio na barriga e grande curiosidade, eles encontraram objetos esquecidos e criaram histórias sobre quem ali morara.

Depois que o sol se pôs, Luís voltou para casa com um sorriso no rosto e muitas histórias para contar. Cada jogo e cada brincadeira lhe

proporcionavam lembranças especiais, que ele sabia que um dia o ajudaria a compreender mais sobre o mundo ao seu redor. Mesmo quando cresceu e as responsabilidades da vida adulta começaram a surgir, ele nunca desistiu da brincadeira, da imaginação e da magia.

Com o passar dos anos, mudou-se para a cidade de Jequié, no interior da Bahia, que lhe trouxe novas oportunidades e experiências. Embora focado na pedagogia, sempre levava consigo as lições que aprendeu em Lauro de Freitas: a importância da amizade, da curiosidade e da diversão. Acredito que essas são as verdadeiras chaves para uma vida plena e feliz.

Dessa forma, Luís Antônio dos Santos Nascimento continuou a sua caminhada da vida, sem deixar de lado o espírito aventureiro da sua infância. Sabendo ele que não importava onde estivesse, poderia encontrar beleza e alegria nas pequenas coisas do dia a dia.

Lembrem-se de que a verdadeira magia se encontra nas pequenas coisas do cotidiano. Nas brincadeiras com os amigos, nas histórias contadas pelos avós e nas risadas compartilhadas. Aprenda a valorizar cada momento vivido porque são essas memórias que moldarão o seu futuro.

Fiquem curiosos, explorem o mundo ao seu redor e nunca parem de se divertir. A educação é a chave para abrir novas portas, e o saber é a maior riqueza que se pode conquistar. E lembrem-se do mais importante ainda: sejam gentis uns com os outros e sempre compartilhem suas histórias.

CAPÍTULO 1.29

PEQUENOS GESTOS

Taiala Santos Barreto

E-mail para contato: tay_barreto-jesus@hotmail.com

A festa da Infância

A infância é uma fase de alegria, bagunça e descobertas, repleta de sonhos e desafios. É uma fase única e muito especial, marcada por muitas experiências que constituem a vida das crianças. Nesse tempo, ela tem o direito de brincar, aprender e ser protegida das responsabilidades e perigos da vida adulta. As experiências vividas na primeira infância impactam toda a vida, por isso é crucial permitir que as crianças vivam plenamente seu momento de “ser criança”. De acordo com a professora Mônica, chefe do PED, devemos “maximizar o futuro bem-estar”, pois, durante os primeiros anos, elas têm uma facilidade notável para se adaptar a diferentes ambientes e adquirir novos conhecimentos.

Nasci e cresci em Jequié, Bahia, onde vivi momentos marcantes ao longo da minha vida. Durante as férias, costumava ficar na casa dos meus avós na zona rural de Maracás, um lugar que eu adorava. Minha família sempre ia lá em tempos de festa. Minha infância foi muito ativa, pois no bairro onde eu morava, havia muitas crianças com que eu podia brincar. Sou a segunda filha de três, e minha irmã mais velha e eu sempre nos divertíamos juntas.

Na minha primeira infância, sempre fui uma criança ativa que adorava brincar. Entrei para a pré-escola aos três anos e, nas primeiras semanas, foi difícil ficar sozinha, mas logo amava passar o tempo com meus colegas. Permaneci nessa escolinha por três anos antes de iniciar o ensino fundamental. Tinha uma amiga e vizinha muito próxima; brincávamos todas as tardes e nos divertimos muito, e foi assim por muitos anos. Sempre

fazíamos de conta que éramos “donas de casa” no quintal da casa dela e que tínhamos filhos, além de termos amigos imaginários chamados “Kéti” e “Quino”. Infelizmente, por motivos familiares, ela teve que se mudar da rua onde eu morava.

Eu sempre tive alguma amiguinha. Quando não era na rua onde morava, era na igreja. Eu, meus irmãos e minha mãe éramos cristãos evangélicos, o que facilitava o cultivo de novas amizades. Na igreja, minhas amigas eram Jéssica, Stefane e Yasmim. Todos os sábados, nós nos reuníamos na casa da nossa líder para participar da célula, uma reunião em que estudávamos a Bíblia. Íamos e voltávamos juntas, e na volta, divertíamos com a bicicleta de uma delas. Eu pedalava, uma ia no guidão e outra, no colchonete da bicicleta, descendo uma ladeira bem rápido. Para nós, aquelas aventuras eram uma alegria sem fim.

Meu aniversário de quatro anos foi muito marcante para mim, pois foi uma festa de princesa que pedi muito aos meus pais. O tema foi Cinderela, e eles fizeram de tudo para me fazer feliz. Lembro-me de cada detalhe dessa festa: a decoração, os convidados, meu vestido e a alegria de ver todas as pessoas que eu amava reunidas para comemorar meu aniversário tão esperado. Meu vestidinho era azul bebê de cetim, e eu usei um saltinho prata de princesa, e, nos cabelos, uma tiara brilhante. Foi um dia repleto de emoções e felicidade. Convidei muitas crianças, incluindo primos, vizinhos e filhos das amigas da minha mãe. Foi um momento muito divertido: brincamos, corremos e comemos bastante. Uma curiosidade sobre mim naquele dia é que eu achava que todos os convidados tinham que levar presentes. Não conseguia imaginar que alguém entrasse na festa sem um presente nas mãos, até que minha tia me explicou que não precisava ser assim. Essa história é contada até hoje, e todos riem quando lembram que eu questioneei uma convidada sobre o motivo de ela não ter trazido presentes.

Meu aniversário de sete anos foi outro momento muito marcante na

minha vida. Nesse dia, saí para a escola como qualquer outro dia normal. Ao chegar em casa, minha mãe não me deixou entrar, pois estava preparando uma festa surpresa para mim. Passei o dia na casa da minha avó e, à noite, ao voltar para casa, fui surpreendida. Foi um dos melhores dias da minha vida, uma festa simples, mas feita com muito amor por minha mãe e minha tia. Até hoje, lembro-me de todos os detalhes: a roupa que amei, meu penteado e cada pequeno detalhe que tornou aquele dia tão especial.

Aniversários sempre foram datas muito importantes para mim. Lembro-me de uma surpresa que fizeram para minha mãe quando eu era bem pequena. Disseram-me que eu não poderia contar a ela, pois seria uma festa surpresa. Guardei esse segredo por dias, e isso marcou muito minha infância. Foi encantador planejar uma festa para alguém que amamos e ver a surpresa no rosto dela. Minha mãe ficou radiante ao descobrir que, mesmo tão pequena, eu consegui manter o segredo. A festa foi organizada por suas amigas e aconteceu em nossa casa. Para que ela não desconfiasse de nada, foi um grande desafio para mim na época.

Quando eu era um pouco maior, por volta dos dez anos, eu e meus vizinhos costumávamos ficar até tarde da noite brincando na rua. Éramos dois meninos e seis meninas. Brincávamos de todos os tipos de jogos, mas os que mais gostávamos eram baleado, sete cacos e polícia e ladrão. Ficávamos no meio da rua até nossas mães nos chamarem. Se elas deixassem, passávamos a madrugada inteira brincando, pois nossa disposição nunca acabava; sempre queríamos brincar mais um pouco.

Esses acontecimentos foram muito divertidos e marcaram minha infância. As amizades que fiz naquela época eu as mantenho até hoje. Foram brincadeiras puras, nas quais nos divertíamos da melhor forma possível.

Ao parar e refletir sobre as histórias contadas, percebo que fui uma criança muito feliz e vivi uma infância verdadeira. Aproveitei cada momento, entregando-me totalmente às experiências que moldaram minha vida.

Na minha infância, atuei como um verdadeiro ator social. A sociologia da infância nos ajuda a redefinir o lugar social da criança, destacando que o desenvolvimento social é crucial para a construção do conhecimento. Portanto, é fundamental potencializar as habilidades sociais, que são essenciais para interações saudáveis.

As crianças precisam fazer e manter amizades, comunicar-se e resolver problemas. Elas devem aprender a se impor quando necessário, mas sempre respeitando os outros. Além disso, é importante que a criança expresse seus sentimentos, reconhecendo seu lugar na cultura, assim como as pessoas de outras idades.

Vocês são o futuro da nossa nação, a esperança que dará continuidade ao que construímos hoje. Sejam pessoas que cultivam o amor, e o respeito pela vida e pelo próximo, espalhando o que há de melhor em vocês. Lembrem-se: pequenos gestos de bondade têm o poder de transformar o mundo. Vocês são e sempre serão a mudança que desejam ver. Nunca se esqueçam: vocês podem ser tudo o que quiserem ser.

CAPÍTULO 1.30

ONLINE VERSUS OFFLINE

Gabriel Silva Conceição dos Santos

E-mail para contato: gabrielsilvac Santos@gmail.com

Infância de Gabriel

Na minha infância, tive a oportunidade de vivenciar momentos que, por mais simples que pareçam, foram muito especiais e marcantes para mim. Ficar conversando e rindo na porta da casa dos colegas, as raras saídas para brincar na rua depois das 18h, e as idas para uma rua pouco movimentada, a qual chamávamos de campinho, para jogar bola. Nesses momentos, nosso vizinho, um senhor de idade, sentir raiva de meras crianças que transformavam a frente de sua casa em um campo de futebol. Como lembranças, ficaram as marcas de raladuras espalhadas pelo corpo e a saudade dentro de nossos corações.

Por ser filho único, eu nunca tive a presença de um irmão dentro de casa, mas tinha a companhia dos meus primos que moravam ao lado e também da garotada da rua, todos sempre por perto. Lembro-me de quando ficávamos esperando todo mundo voltar da escola ou do reforço escolar para podermos nos reunir e brincar até as mães nos gritarem para voltarmos para casa. Lembro-me de que os melhores momentos eram nos finais de semana, pois tínhamos muito tempo livre para nos divertir brincando de bola, andando de bicicleta, correndo, pulando, ou apenas para conversarmos e ficarmos rindo um do outro.

Na escola, as experiências também foram boas, por mais que, na época, tínhamos a impressão de que era um lugar chato, ficávamos ansiosos para a volta às aulas. Lembro que ficava cheirando os materiais e as fardas novas que meus pais compravam, aquela ansiedade para saber como que seria na série nova, tudo diferente, mas que acabava sendo tudo igual todos os

anos, mas sempre com um sentimento diferente.

Uma vez estávamos brincando de pega-pega na escola e, em um determinado momento, uma coleguinha e eu nos chocamos, e o dente dela, que estava mole, acabou caindo. Se eu fosse dentista, aquela teria sido a minha primeira extração.

Ao lembrar a criança que fui, tenho orgulho de dizer que eu era uma criança feliz, curiosa, e com um espírito aventureiro, embora ao mesmo tempo fosse muito medroso. Sempre busquei e vivi grandes aventuras junto com os amigos. Era uma criança que sempre falava pelos cotovelos, que não gostava de ver ninguém triste ou deixado de lado, uma criança muito parceira e amorosa, traços esses que fazem parte de mim até hoje.

Na maioria das vezes, meus amigos e eu brincávamos na rua, e as brincadeiras variavam: pega-pega, esconde-esconde, futebol, gude ou apenas ficávamos conversando e rindo. Quando eu estava em casa, tinha meus brinquedos e meu videogame, e brincava muito com meu boneco do Max Steel. Tive vários, porque meu pai viajava muito para Salvador e, na maioria das vezes, trazia um novo para mim. Sempre fui apaixonado por videogames também, uma paixão que mantenho até hoje. Às vezes, para não brincar sozinho, eu chamava meus primos e vizinhos para jogar comigo em casa. E é aquela coisa: criança é sinônimo de bagunça e barulho, então minha mãe não gostava muito, mas sempre nos deixava à vontade.

Tenho uma prima que é um mês mais velha que eu, estudamos juntos em todas as séries iniciais, éramos a dupla inseparável. Certo dia, estávamos brincando de correr dentro da casa da nossa tia, e quando a gente chegou perto de uma porta de vidro, ela foi mais rápida e passou pelo lado aberto, enquanto eu avancei de cara no vidro. Na hora foi desesperador, tenho a cicatriz até hoje no queixo, mas é uma marca que me faz lembrar, com alegria, das nossas aventuras.

Sempre fui uma criança muito ativa e comunicativa, disposta a querer

aprender coisas novas, não só eu, mas todo o meu grupo de amigos. Éramos todos dispostos a conhecer o novo, por isso sempre tínhamos algo diferente para fazer. Sem contar o fato de que éramos extremamente criativos. Uma vez inventamos a história de que uma casa da nossa rua, onde não morava ninguém, era mal-assombrada. Mesmo sabendo que tudo não passava de algo criado por nós, ficamos com medo de chegar perto dela por um bom tempo.

Em resumo, minha infância foi um período da minha vida extremamente enriquecedora, repleto de fatos que carrego com muita saudade. Obviamente, a realidade que vivi quando criança não é a mesma dos dias atuais. Hoje temos disponível muita tecnologia, que nos conecta uns com os outros através das telas. No entanto, para as crianças do futuro, a mensagem que eu deixo é: vivam o *online*, mas aproveitem e curtam bastante o *offline*, pois é no *off* que vivemos as melhores experiências.

CAPÍTULO 1.31

GRATIDÃO E LEVEZA

Lara Reis Bittencourt

E-mail para contato: larabittencourt12345@gmail.com

Nasci em 6 de junho de 2006, na cidade de Jequié, um pedaço acolhedor do interior baiano, situado no sudeste do estado. Essa cidade, com suas ruas familiares e memórias calorosas, é o lugar onde cresci e formei minhas primeiras lembranças. Sou a filha do meio de três irmãos: uma irmã mais velha e um irmão mais novo. Meu pai é funcionário público, com ensino superior concluído, e minha mãe, funcionária do setor privado, também é formada. Hoje, moro com minha avó materna, mas meus pais e irmãos estão sempre próximos, tanto fisicamente quanto emocionalmente.

Dona Lu e a Casa do Chamego

Minha criação esteve profundamente entrelaçada com os cuidados e o amor de minha avó materna, Dona Lu. Minha mãe me teve jovem, aos 22 anos, durante seu casamento com meu pai. A rotina de trabalho de ambos os deixava com pouco tempo, e foi minha avó quem assumiu o papel central na minha infância. Ela me criou com muito carinho, cercando-me de proteção e afeto. Por oito anos, fui a caçula da família e recebi doses extras de atenção, algo que moldou minha visão de mundo com ternura e acolhimento.

As Primeiras Lições

Minha jornada escolar começou cedo, aos dois anos e meio, em uma escola particular chamada “Maria das Vitórias”. Eu adorava aquele lugar. Das brincadeiras na quadra ao lanche coletivo, passando pelas plantações de feijão e pelas fantasias que eu vestia em uma sala especial, tudo era mágico para mim. À tarde, fazia *ballet*, e ainda me lembro do cuidado da minha avó ao pentear meus cabelos e prendê-los em um coque. Dançar era minha atividade

favorita, uma forma de expressar a alegria que transbordava da infância.

Aos quatro anos, mudei para o Colégio Social, onde passei todo o ensino fundamental. Foi lá que aprendi a ler, com seis anos, sob a orientação da Pró Célia, uma professora cheia de carinho. Na escola, também fiz amizades que levo até hoje. Sorte de quem guarda amigos desse período, e eu sou uma dessas sortudas.

O Mar e as Histórias de Sereia

Minhas memórias mais preciosas estão na praia. Minha família materna fazia viagens frequentes para Serra Grande, na praia do Sargi. A casa onde ficávamos, era acolhedora, havia três quartos, e um deles era só para mim e minhas primas. Nossos dias eram cheios de aventuras, como o dia em que um cachorro nos perseguiu na areia, e minha prima acabou caindo, deixando uma marca que ela carrega até hoje. Depois das brincadeiras no mar, voltávamos para casa e jogávamos dominó, uma tradição simples e deliciosa.

O mar sempre foi o meu refúgio. A psicologia pode explicar isso como uma associação de estímulos positivos, mas prefiro acreditar que é um presente divino. Durante toda a infância, eu acreditava que minha mãe era uma sereia, o que, de certa forma, fazia de mim uma também. Até hoje, o mar é meu lugar de cura, onde sinto que todos os males se dissolvem nas ondas.

Famílias e Novos Começos

Quando eu tinha seis anos, meus pais se separaram, e minha convivência com meus avós paternos se intensificou. Minha irmã e eu passávamos os finais de semana na casa deles, sempre recebidas com macarrão alho e óleo, nosso prato preferido. Meu avô Elísio, de saudosa memória, mimava-nos com trocados para sorvetes e doces e nos incentivava

a brincar até tarde da noite. Ele também nos ensinou lições valiosas: a importância da independência, da educação e da união familiar.

Meu pai, por sua vez, foi meu porto seguro e meu primeiro exemplo de amor genuíno. Durante minha infância, ele estava sempre presente para segurar minha mão em momentos de medo, como nas visitas ao médico. E, quando menos esperávamos, ele me deu um novo irmão, o grande amor da minha vida. Com isso, aprendi com ele que irmãos são para sempre, e que laços familiares devem ser nutridos com carinho e respeito.

A Essência da Infância

Revisitando essas memórias, percebo que a essência da criança que fui ainda vive em mim. Ainda carrego os sonhos, as brincadeiras e a capacidade de me encantar com as pequenas coisas. Minha infância foi um período de alegria, marcado por pessoas incríveis que me ensinaram a sonhar e a encontrar novos significados para a vida.

Essas memórias afetivas deixaram um legado profundo, preparando-me para os desafios do futuro com resiliência e empatia. Crescer em um ambiente de amor e cuidado me tornou a pessoa que sou hoje, pronta para encarar o mundo com gratidão e leveza. Essa é a mensagem que deixo.

CAPÍTULO 1.32

O QUE REALMENTE FICA

Maurício de Assis Borges

E-mail para contato: mauricioassis303@gmail.com

A infância de Maurício aconteceu na cidade de Jaguaquara, no interior da Bahia, cresceu em um bairro onde a rua era cercada por casas, rua com paralelepípedos e com uma área enorme, onde podia brincar livremente. Minha casa não tinha muito espaço para brincar, mas era um lugar acolhedor, passava horas brincando na rua. Era uma época em que a tecnologia ainda engatinhava na vida das pessoas, e as brincadeiras ao ar livre e o contato com a natureza eram parte essencial da rotina. O tempo parecia passar mais devagar, e as crianças tinham a liberdade de explorar, brincar e se aventurar.

Cresci cercado de amor e carinho, sendo muito mimado por minha mãe, vó e minhas tias. Embora não tivesse a presença do meu pai durante meu crescimento, isso foi algo que, até uma certa idade, mexia muito comigo. Com o tempo, fui entendendo a situação e parei de me importar com isso. A relação com minha família foi afetuosa e próxima, contudo, com o passar dos anos, essa atenção teve que ser dividida, pois chegava uma nova irmã. Com cinco anos, fui promovido a irmão mais velho.

Meu dia a dia era simples, mas recheado de grandes aventuras. Durante a semana, ia à escola pela tarde e, pela manhã, brincava com meus primos e amigos do bairro. Minhas brincadeiras favoritas eram andar de bicicleta, esconde-esconde, pega-pega, polícia e ladrão, futebol, baleado, carrinho de rolimã e entre outras brincadeiras. Aos sábados, costumava ir à feira livre pela manhã com minha tia e meus primos, era maior alegria ir juntos. Tínhamos várias tradições de família, inclusive nos reunir aos domingos à tarde na casa da nossa vó.

Comecei a estudar com três anos de idade, a escola se chamava Balão

Mágico. Lembro-me de todas as brincadeiras e de alguns colegas de classe quando lá estudei. Na escola, eu me destacava por ser muito curioso e participativo. Estudei em várias outras escolas também, onde fui alfabetizado e cursei da 1ª a 4ª séries.

Minha infância foi rica de amizades. Tinha um grupo de amigos com quem eu brincava diariamente, formando um laço que durou anos. Minha melhor amiga se chamava Karol, foi minha companheira inseparável, e meus primos. Passávamos horas inventando histórias e explorando a rua da nossa vizinhança. Algumas amigas me ensinaram não só o valor da confiança e da lealdade, mas também me proporcionaram diversão e cumplicidade.

Eu adorava assistir aos desenhos animados da época que passavam na televisão pela manhã e era fã dos Simpsons e dos filmes da Disney, que alimentavam minha imaginação. Meu brinquedo favorito eram os carros da Hot Wheels, com os quais criava várias garagens com lama e pedras para fingir que era um estacionamento. Além disso, costumava ouvir com frequência as músicas dos DVDs que ganhava das minhas tias, músicas essas, que eram apreciadas pelos mais velhos também.

Um dos momentos mais marcantes da minha infância era as viagens de férias, quando íamos às praias, shoppings, andávamos de trem, e visitávamos vários pontos turísticos de Salvador. Outro momento inesquecível foram meus aniversários, porque me enchiam de presentes, e também eram inesquecíveis os aniversários dos meus primos.

Relembrar a criança que fui, evoca, também, um sentimento de agradecimento pelas vivências e lições que essa etapa da vida me proporcionou. Cada passo dado, cada erro que cometi e cada vitória que alcancei fazem parte de uma jornada que me conduziu até o momento atual. Há uma beleza em perceber como essas experiências moldaram minha visão de mundo e contribuíram para a personalidade que desenvolvi. Quando olho para a criança que fui, sou envolvido por um sentimento de afeto e

introspecção. Sinto que a essência daquela criança ainda está presente em mim, lembrando-me da relevância de preservar a curiosidade, a imaginação e a habilidade de me deslumbrar com o universo à minha volta.

Atualmente, a infância é influenciada por inovações tecnológicas e transformações culturais notáveis. As crianças dispõem de uma vasta gama de recursos educativos e de lazer, que lhes oferecem novas formas de aprendizado e de interação social. Contudo, essa realidade também impõe novos desafios, como a necessidade de equilibrar o tempo dedicado ao mundo digital com atividades físicas e o efeito das redes sociais no desenvolvimento emocional.

Sei que vocês vivem em um mundo que só consigo imaginar, repleto de descobertas e mudanças que transformaram tudo o que conhecemos. Espero que tenhamos herdado não apenas uma tecnologia avançada, mas também um planeta mais justo, mais saudável e cheio de amor.

Por mais incrível que o futuro seja, não se esqueçam das coisas simples que tornam a vida bonita. Aproveitem o cheiro da terra depois da chuva, sintam o calor do sol no rosto, contemplem o céu estrelado. Valorizem o riso dos amigos, o conforto de um abraço e a alegria de estar perto de quem vocês amam. Esses momentos, pequenos e preciosos, são o que realmente ficam conosco.

Lembre-se de que cada um de vocês tem o poder de construir um futuro melhor. Sejam curiosos, questionem, não aceitem injustiças. Cultivem a responsabilidade e o respeito em cada ação. Vocês vão afeiçoar o mundo com suas escolhas, e eu torço para que ele esteja cheio de paz e respeito.

Sonhem grande, sejam corajosos e gentis. Que a vida de vocês seja repleta de alegria e propósito, e que encontrem sua própria forma de fazer a diferença em seu meio.

Com muito carinho e esperança, nós, do passado.

CAPÍTULO 1.33

O QUE RESTARÁ DE SUA INFÂNCIA

Jádila Bruna Oliveira Santos

E-mail para contato: jadilaoliveira@gmail.com

Às 5h da manhã de uma terça-feira qualquer, nascia uma menina. Essa menina não foi esperada ou planejada, podemos dizer que foi obra do acaso ou, caso prefira algo mais místico, chamemos de obra do destino.

Ela foi a primeira criança de sua família, então sua infância foi repleta de todas as regalias que uma família de baixa renda poderia oferecer. E falando em regalias, como falar dessa menina sem falar de seu avô Joel Souza Oliveira. Quando ele soube da gravidez de sua filha primogênita, zangou-se, bateu o pé no chão e disse: “Onde já se viu? Uma menina tão nova e já grávida?”. No entanto, o relato que se ouve na família, é de que nunca houve brilho tão intenso no olhar daquele homem quanto no dia em que segurou sua neta pela primeira vez em seus braços.

Desde pequena, ela tinha interesse pelas histórias e lorotas dos mais velhos. Certa vez, ela estava na roça de sua tia-avó, e logo se iniciou a rodinha de histórias, contaram-lhe um mito horripilante a respeito de brincar com sombras. Naquela noite, a pobre garotinha teve seu pior pesadelo; entre sombras confusas e medo, pela primeira vez, urinou na cama. Ainda nessa viagem, encantou-se por uma roseira florida e tal amor, persiste até os dias atuais.

Outra lembrança muito importante foi em um sábado do Dia das Crianças, pois suas cinco tias se reuniram para brincar de Barbie com ela. Sentaram-se no passeio de casa, estenderam uma toalha bonita no chão, fizeram suco de acerola recém-colhida e um bolo de massa pronta que estava meio solado.

Tudo muda na história quando aparecem dois novos “personagens”,

seu irmão: Deivid e sua prima, Ana Livia.

Como você deve imaginar, ser a primeira criança da família é algo solitário, logo a notícia de uma irmã, trouxe alegria e êxtase à vida da nossa menina. No dia 08/01, recebeu a notícia de que havia nascido, mas ela não havia aceitado o fato de que sua tão esperada irmã, era, na verdade, um irmão! A menina bateu os pés e chorou copiosamente, mas o que se poderia fazer? Assim, meio a contragosto, foi promovida a irmã mais velha. Toda calma e quietude da menina, foram arrasadas pelo furacão Deivid. Ele era fofo, mas havia tomado seu colo! Como ela poderia aceitar isso?

Todavia, no ano seguinte, ela foi agraciada com o presente mais doce de toda a sua existência: Ana Livia. Desde o momento em que soube da existência da prima, a vida de nossa pequena protagonista mudou completamente. Participou de todas as etapas: escolha do nome, compra de roupinhas, viu os primeiros passos, os primeiros dentinhos... Quão feliz estava por ter uma irmã, ainda que fosse uma “irmã emprestada”!

Contudo, como sabemos, a vida não é fácil. Ser a irmã mais velha lhe trouxe alguns desafios, tais como: cuidar do furacão Deivid, ensinar-lhe suas tarefas etc. Em um momento de descuido, o moleque pulou a janela e bateu de cabeça no chão. Tudo isso para jogar futebol. Ah, como era chato, ver aquele molequinho, ladrão de colo, escutando as mesmas músicas que ela e mexendo em seus livros; ao fazer isso ele a atingia com mais força do que uma facada. E por falar em livros, (essa é uma parte interessante, atente-se.) com dez anos, ganhou um celular. Era o máximo: pegava rádio, tinha o jogo da cobrinha e era seu maior tesouro. Por essa introdução, você consegue imaginar o quanto essa pisciana sofreu quando seu celular quebrou. Instantaneamente, viu-se nas profundezas do desespero: o que ela faria sem seu celular? Vagueando pela casa, encontrou um livro: “A árvore que dava dinheiro”. Título interessante, devemos admitir, principalmente para uma criança que estava maquinando meios para comprar outro telefone. Abriu as

páginas sem muito interesse e sem seguir nenhuma ordem. Sim, caro leitor, ela lia capítulos aleatoriamente. Um dia, pensou consigo: “E se houver uma ordem?”. Resolveu ler sequencialmente e ficou encantada pela leitura, amor que também persiste até hoje.

Talvez você esteja se perguntando: “Onde estão os amigos desta criança?”. Sente-se, pois estou prestes a lhe contar sobre o quinteto fantástico da Rua Quatro.

Composto por Júlia, Tailane, Keila, Keily e ela. Brincavam juntas todas as tardes após a escola, mas não pense que as brincadeiras eram diversas, pois tudo o que fugisse do “brincar de casinha” era seguindo por um sonoro “psssssiu” das mães. No entanto, isso não quer dizer que elas não se divertiam a seu próprio modo, pois inventavam línguas para conversar secretamente, criavam histórias para suas bonecas com tamanha criatividade que deveria ser estudada, brincavam de amarelinha, sentavam-se embaixo de um pé de manga que havia na rua, dividiam seus lanches e faziam tranças no cabelo uma da outra. O quinteto se desfez após Júlia ter sido violentada por um dos nossos vizinhos e, desde então, nossos pais não nos deixavam mais brincar na rua.

Um belo dia, nossa protagonista recebeu uma notícia que tirou seu chão: sua mãe estava se mudando para o Espírito Santo e não a levaria. Ela tentou de todas as formas convencê-la do contrário; fez cartinhas, chorou, fez birra e até greve de fome, mas quem disse que adiantou? Lá se fora a mãe, deixando nossa menina de coração partido. E você acredita que a distância é uma coisa tão estranha que despertou uma saudade tão imensa de Deivid? Ver seus livros arrumados e não se preocupar com o que seu furacão estava fazendo, trouxeram à menina consciência da falta que o pestinha faz. Escrevia cartas à mãe, e em todas ela pedia: “Por favor, não bata no Deivid”.

Essa foi a pior fase de sua infância. Vocês se lembram do Joel, o avô dela? Nesse período, ele sofreu de um problema no fígado causado pelo

excesso de bebidas alcoólicas e foi levado ao hospital entre a vida e a morte. Ver seu herói, o homem mais forte do mundo, deitado em uma maca, com o olhar perdido no vazio, fê-la entender o que era o verdadeiro amor, pois, naquele momento, ela pediu a Deus que os trocasse de lugar, mesmo que isso custasse morrer no lugar de seu amado painho. Contudo, ser o homem mais forte do mundo tem suas vantagens. Não é que o velho se levantou? Largou a bebida e mudou a vida totalmente, tornando-se a melhor pessoa do mundo, na visão de sua neta.

Entretanto, nem só de tempestades se vive a vida, não é mesmo? Entre trancos e barrancos, ela se apaixonou mais uma vez, agora, pela música. Mais especificamente pela Banda Calypso. Os mais próximos dela contam que em sua lista de coisas para fazer antes de morrer, ir a um show da Joelma está nela. E, caso você esteja se perguntando, é óbvio que ela sabe a coreografia de “Cavalo Manco”.

Assim, apaixonada pela arte, meio avoada e com uma vontade enorme de conhecer o mundo, ela foi crescendo. Quando estava no quarto ano, apaixonou-se outra vez. Agora pela educação física. Sueli Cardoso Cafezeiro Del Rey era criativa, engraçada, atenciosa e, graças a Deus, sua professora. Cada desafio proposto por Sueli era devorado, feito em uma tarde ou talvez até menos. A forma como Sueli se portava em sala era tão encantadora e envolvente, que independente do que estava sendo ensinado, todos estavam prestando atenção. Bem, quase todos. Nessa época, também se apresentou um interesse por linguagens, por causa de um kit da Turma da Mônica que ensinava Libras, mas essa paixão, diferentemente das outras, foi guardada “na geladeira” por um tempo. Ainda nesse período, conheceu o preconceito. Sua vizinha, mulher magra, de aparência cansada e costas curvas, levava-a para a escola, mas após comentários negativos de suas colegas, passou a sentir vergonha de ser vista com quem tanto lhe cuidava e acolhia. E, por falar em comentários, entremos no tema cabelo. Sua avó,

carinhosamente chamada de mainha, fazia maria chiquinha em seu cabelo e enfeitava-as com os laços coloridos que ela adorava, mas, após ouvir que já era mocinha demais para isso, pediu à avó que não fizesse mais. Como não sabia cuidar do cabelo sozinha, sua autoestima despencou, entretanto, é assunto para outro dia.

Caro leitor, antes de findar minha fala, gostaria de lhes dizer algo: NÃO PONHAM NOMES DIFÍCEIS EM SEUS FILHOS. A nossa pobre protagonista sofreu por anos a fio com o fato de que ninguém sabia escrever seu nome. Em cada primeiro dia de aula do ensino fundamental corrigia seus professores em alto e bom tom: “é Jádila, olha o acento ali!”. Foi chamada de Jádila tantas vezes que passou a odiar seu nome, que traz um significado tão bonito quanto um pôr do sol.

Hoje em dia, vejo que muitos de vocês, crianças, precisam de mais equilíbrio. Brinquem na rua, ouçam músicas infantis, subam em árvores e sejam crianças. A tecnologia pode ser uma aliada, mas não sejam escravos dessa ferramenta poderosíssima. Um dia, vocês sentirão falta dessa parte da vida, de suas professoras exigentes, da hora de voltar para casa, da sua mãe controlando o seu tempo no celular e até desses colegas de classe chatos. Acreditem em mim. Criem memórias boas, pois um dia, isso será tudo o que restará da sua infância.

E agora, dê-me mais dois minutinhos de atenção.

Caras crianças,

As vejo com muita esperança.

Não se deixem levar pela tecnologia.

Brinquem, arrisquem-se e vivam a vida!

A vida além das telas pode ser assustadora

Mas também é bela!

Cápsulas do Tempo

E não pensem que sou contra,
Porém já estive nas duas pontas.

Eu sei que vocês podem ir à lua
Mas não se esqueçam de brincar na rua.
Eu sei que vocês podem avançar
Mas não tenham medo de se sujar.

Esse tempo vai passar rápido,
Lembra quando caem os raios?
O segredo está no equilíbrio.
Confio em vocês para criar um futuro bonito.

CAPÍTULO 1.34 EXPERIÊNCIAS

Daniely de Oliveira Pinheiro

E-mail para contato: oliveiradanielly520@gmail.com

Infância de Daniely: família, resiliência e amor

Neste texto, busco registrar e refletir sobre os momentos significativos da minha infância, analisando-os com a minha perspectiva atual. Parafraseando Mia Couto (2015), a infância não é apenas um tempo ou uma coleção de memórias; é uma janela que, aberta ou fechada, continua a habitar em cada um de nós. Portanto, não posso simplesmente considerar minha infância como algo pertencente ao passado; ela ainda vive em mim. Assim, registrarei diferentes fases da minha infância, até os dias de hoje e refletindo como essas experiências continuam a influenciar minha vida.

Meu nome é Daniely, nasci em Itagi, no dia 29 de julho de 2003, às 7 horas da manhã. Sou filha de Guiomar e João Batista. Ambos os meus pais trabalham como artistas até os dias de hoje, então, a arte sempre esteve presente em minha vida, desde muito nova eu amava desenhar e pintar, sempre fui uma criança extremamente curiosa, falante e criativa.

Meus pais me matricularam na pré-escola quando eu tinha apenas três anos, em uma escola infantil particular chamada Moranguinho. Foi lá que fui alfabetizada, embora, devido à minha idade, não pudesse avançar para a primeira série imediatamente. Assim, passei três anos no “prezinho”, passando o último ano em uma escola infantil pública da minha cidade. Tenho muitas memórias desse período especial da minha vida. Minha lembrança mais antiga remete à noite anterior ao meu primeiro dia de aula; recordo-me do domingo à noite em que, a caminho da igreja, conversei, animadamente, com minha mãe sobre como estava empolgada para começar na escola. No dia seguinte, vesti um suéter cor de mostarda e uma saia jeans

curtinha, enquanto minha pasta escolar era rosa.

Ao chegar à escola, a professora me ofereceu massinha e escolhi a de cor branca. Como disse anteriormente, a arte sempre foi um aspecto importante da minha vida. Certo momento na escolinha, houve um concurso em que todas as crianças deveriam fazer um desenho. O desenho mais bonito estamparia a nova farda da escola. Para minha alegria e surpresa, meu desenho foi o ganhador! Apesar de hoje em dia eu ser mais familiarizada com as artes performáticas, esse reconhecimento reforçou ainda mais meu amor pela expressão artística.

Nesse meio tempo, a minha irmã Karinne nasceu. Lembro-me, claramente, do dia em que minha mãe me contou que eu teria uma irmãzinha. Chorei muito naquele momento e disse a ela que só aceitaria se tivesse dois bebês — um para mim e outro para ela! É claro que isso estava além do controle da minha mãe, então tive que me contentar com apenas uma irmãzinha. No dia em que minha irmã nasceu, meus pais foram para o hospital e eu tive de ficar em casa. Meu pai veio mais tarde para ficar comigo, pois eu não estava conseguindo dormir. E, no dia seguinte, minha mãe chegou com a minha irmãzinha Karinne, companheira de boa parte da minha vida. A relação entre nós sempre foi marcada por altos e baixos; brigávamos bastante — especialmente eu com ela — mas éramos inseparáveis. Aonde quer que eu fosse, ela sempre estava lá comigo e, em uma vida repleta de altos e baixos, ela era a constante.

A infância de cada um de nós é marcada por momentos que moldam nossa identidade e nos acompanham ao longo da vida. Para muitos, esses momentos estão profundamente ligados a lugares especiais, como a roça do avô. No meu caso, as férias e feriados eram sinônimos de aventuras na propriedade do meu avô João Paixão, onde vivi experiências que se tornaram inesquecíveis.

Durante minha infância, a roça era um ponto de encontro para a

família. A casa do meu tio Gilson era sempre cheia de piadas, música e histórias tudo isso se somava à simplicidade acolhedora da casa de taipa construída pelo meu avô. Cada visita era uma nova oportunidade para criar memórias. Longe da agitação da cidade e da conectividade da internet, aquele lugar se transformou em um verdadeiro refúgio. A falta de energia elétrica não era um obstáculo; pelo contrário, era uma chance de reconectar-se com a natureza.

Brincar na terra, subir em árvores e nadar na represa eram atividades que preenchiam nossos dias de uma forma que a tecnologia nunca poderia substituir.

Outro pilar das minhas lembranças é minha avó falecida Saturnina, carinhosamente conhecida como Marota. Ela personificava o amor incondicional que só as avós sabem oferecer. Com seu dom em crochê e costura, sempre tinha algo feito à mão ornando sua casa, tornando-a ainda mais aconchegante. As reuniões familiares aos domingos eram marcadas com um almoço preparado por ela que reunia todos em torno da mesa. Não há nada mais reconfortante do que o cheiro da comida caseira de uma avó; isso transcende qualquer classe social ou região. Ainda é estranho chegar àquela casa e não a encontrar, ainda é estranho não ouvir a sua voz, a sua risada, ainda é estranho não sentir o seu cheiro, ainda é estranho não saborear mais o seu tempero e o pior de tudo, é estranho saber que eu nunca mais vou ter aquele abraço apertado novamente. As minhas memórias da roça do meu avô e do amor da minha avó são tesouros imortais que guardo comigo.

Cada visita à roça é uma oportunidade de reviver essas lembranças. Paralelo a isso, a experiência do divórcio dos meus pais também é um marco crucial. No meu caso, o divórcio não foi a causa do meu abalo emocional, mas as consequências dele e as mudanças que se seguiram tiveram um impacto profundo em minha vida.

Em 2012, minha irmã Karinne e eu nos mudamos pela primeira vez

para São Paulo. Naquela época, éramos apenas duas meninas tentando entender o tumulto emocional que nos cercava. A saudade do nosso pai era insuportável. Então, após um breve período em São Paulo, decidimos voltar para Itagi. Essa transição foi apenas o início de uma série de mudanças que moldariam nossa infância. O ambiente familiar estava em constante transformação, especialmente com a chegada do nosso irmão mais novo, Murillo, filho da minha mãe, mas que sempre será o meu bebê. A diferença de dez anos de idade entre nós, fez-me assumir um papel de cuidadora desde cedo, criando uma dinâmica única em nossa relação.

Após a chegada de Murillo, nosso caçula, minha irmã e eu nos mudamos novamente com nossa mãe, dessa vez para Indaiatuba, uma cidade no interior de São Paulo. Minha adaptação à nova escola foi positiva; ao contrário de Karinne, que não se sentiu à vontade na nova cidade. Essas mudanças constantes – mudando da casa da mãe para a do pai e vice-versa várias vezes – criaram um ambiente instável que dificultou minha percepção de pertencimento.

Cada mudança era acompanhada por uma sensação de perda e desorientação. A falta de um lar fixo afetou não apenas minha identidade, mas também minha capacidade de formar laços duradouros com os lugares e pessoas ao meu redor. A busca por um espaço que eu pudesse chamar de “minha casa” tornou-se uma jornada complexa e emocional.

Atualmente, após anos de terapia para lidar com essas questões, retornei a morar com meu pai, mas agora sem Karinne ao meu lado. Isso trouxe à tona reflexões profundas sobre o que significa ter um lar verdadeiro. Apesar dos progressos feitos na busca por compreensão e aceitação de minha história familiar, a pergunta persiste: Algum dia terei um lar onde realmente me sinta pertencente?

O divórcio dos meus pais não foi apenas uma separação; foi o início de uma série de eventos que moldaram minhas relações familiares e minha

percepção de lar e identidade. A busca por pertencimento é uma jornada contínua, marcada por desafios e descobertas que nos ensinam sobre amor, resiliência e o significado real de casa.

Essas memórias moldaram quem sou hoje: uma pessoa apaixonada pela arte e profundamente conectada aos laços familiares. Cada experiência vivida se tornou um capítulo importante da minha história, influenciando meu caminho até hoje. Por meio dessas experiências de infância, o conceito de “lar” foi ressignificado para mim e, hoje, percebo que vai além das paredes físicas; envolve sentimentos de segurança, amor e aceitação. Reconheço que cada passo nessa jornada é fundamental para entender não apenas onde pertencço, mas quem sou.

Para as crianças de 2050

Deixo a seguinte mensagem: valorizem cada momento com a família, cultivem a criatividade, cuidem da natureza e sejam fontes de amor e aceitação. Lembrem-se de que a vida é cheia de altos e baixos, mas cada experiência é uma lição valiosa. Sejam vocês mesmos, sem medo de serem diferentes, e sonhem alto! Seu lar é onde seu coração se sente seguro e amado.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mía. **Tradutor de chuvas**. Portugal: Ed. Caminho, 2015. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_sobre_infancia/. Acesso em: 21 set. 2024.

Cápsula do Tempo II

PPGE Unimais



CAPÍTULO 2.1

O FUTURO É BRILHANTE

Maria de Fátima Macedo Silva

E-mail para contato: macedomafatima@gmail.com

Minha infância foi verdadeiramente mágica, repleta de momentos de pura alegria. Foi um carrossel de descobertas e aventuras, no qual a imaginação não tinha limites. As brincadeiras de casinhas e de bonecas eram as minhas preferidas, pois, em um mundo miniatura, eram criadas histórias encantadoras, com personagens cheios de vidas e emoções. Cada boneca era uma amiga especial, com quem dividia segredos e sonhos. Além das brincadeiras em casa, eu adorava explorar o mundo ao ar livre. Corria pelos campos, subia em árvores, inventava jogos com os amigos e passava horas fazendo estradinhas para passar com os carrinhos feitos de sabugo de milho, mamão e outros materiais, sem contar os jogos de beto, pique-esconde. A rua e a natureza era nosso *playground*, um lugar onde a felicidade era contagiante.

Minha casa era um refúgio acolhedor, onde a família se reunia para momentos especiais. As noites eram marcadas por histórias contadas por meus pais, que levavam nossa imaginação a lugares fantásticos ou assustadores. O amor e o carinho que recebia de meus pais em casa foram a base para uma infância feliz e saudável. Apesar da idade avançada de meus pais, nunca me faltou nada. Eu era a caçula de doze irmãos, a mais mimada, e dormia no colo de papai até adormecer profundamente. Nas noites frias, era acolhida nos braços quentinhos de mamãe, enquanto papai adormecia em um sono tranquilo.

Até meus oito anos de idade, eu dividia a cama com meus pais, era uma cama grande e confortável. As férias, embora não fôssemos para lugares distantes, eram sempre muito especiais. Íamos para fazenda, um lugar mágico onde podíamos explorar a natureza à vontade.

As lembranças da minha infância continuam aquecendo meu coração, servindo de fonte de inspiração e felicidade na minha vida adulta.

A infância de hoje é fascinante, cheia de oportunidades e desafios. Hoje as crianças têm acesso às tecnologias e às informações que eram inimagináveis há décadas. Elas podem conversar com amigos que se mudaram para lugares distantes, do outro lado do mundo. Aprender qualquer coisa com um toque e se divertir com jogos e conteúdos digitais impressionantes. Mas, infelizmente, não têm mais as brincadeiras ao ar livre, e isso prejudica o desenvolvimento social e emocional delas. A infância ainda é um período de magia e descobertas, o equilíbrio entre o mundo digital e o mundo real é essencial para as crianças crescerem saudáveis e felizes.

Para as crianças do futuro,

eu diria para não perderem a magia de serem crianças. O mundo está em constante evolução, mas muitas coisas não mudam, como a importância da curiosidade, a alegria das descobertas e o valor da amizade.

Acreditem nos seus sonhos, sejam gentis uns com os outros e nunca se esqueçam de brincar, rir e amar. O futuro é brilhante, e vocês são a luz que o ilumina.

CAPÍTULO 2.2

O QUE VALE MAIS QUE OURO?

Maria Angélica Ferreira de Moura

E-mail para contato: angelicagyn2014@gmail.com

Lembrar-me de minha infância é uma gostosura; é como recordar-me do aconchego de avó e avô. Lembro-me do almoço que minha avó fazia no fogão à lenha, de sentar-me no colo do meu avô e ficar mexendo em sua orelha, enquanto ele ria e achava graça. As brincadeiras na porta de casa, todos os dias incluíam queimada, bete, pega-pega e cai no poço.

Quando criança, gostava muito de ir ao quintal da casa da minha avó, que era enorme para mim. Era como uma fazenda; lá havia todos os tipos de árvores frutíferas. Gostava de subir no pé de cajueiro para comer os cajus mais bonitos e, depois, pulava lá de cima com o guarda-chuva. Quando era época de mangas, havia vários pés e espécies diferentes, e eu ficava escolhendo as mais bonitas, vermelhas e mais altas para derrubar com paus ou pedras. Lembro-me ainda de pular o muro da vizinha para pegar goiaba, e quando ela percebia que alguém havia invadido seu quintal, era uma gritaria sem fim e uma correria junto com meus primos. O engraçado é que a gente só queria fazer mesmo traquinagem; isso era os que os mais velhos falavam: crianças traquinas. Com uma amiga de infância, brincava muito com pedrinhas; pegava uma, duas, três e assim continuava, o quanto suas mãos conseguiam segurar; a que não conseguia mais pedras segurar, passava a vez para a outra.

Relembrar minha infância é novamente reviver um momento feliz da minha vida; também me traz uma certa nostalgia, mas não é triste, e sim alegre e gratificante. Com meus primos corríamos para o córrego que ficava no fundo do quintal, lá tirávamos as sandálias para ficarmos descalços na água fria, e procurarmos os girinos; eu me encantava com eles.

Gostava muito de subir em árvores, mas certa vez subindo na árvore da entrada da casa de uma vizinha, caí no asfalto quebrando meus dois braços.

Na época de retornar à escola, minha amiga copiava as tarefas e ia para ser aluna ouvinte. Quando iniciei meus estudos, estava com sete anos; o uniforme era uma camisa branca com o emblema da escola bordado em um bolsinho, uma saia linda, marrom e toda drapeada. No primeiro ano do primário, as carteirinhas eram compartimentadas, e duas crianças sentavam-se na mesma mesa. Lembro-me de achar a escola enorme, e em um evento em comemoração ao Dia dos Indígenas, fui premiada por estar por estar mais bem fantasiada. Como prêmio, ganhei um caderno novo, lápis e borracha.

Tinha algumas amigas, vizinhas da minha avó, que passeavam de carro todos os finais de semana, e sempre me chamavam ir com elas. Íamos para as fazendas de amigos, e comíamos aquele almoço caipira de fazenda, a dona da casa pegava o frango do cercado para fazer no fogão à lenha.

Os pais hoje se esqueceram de como viveram suas infâncias. Sei que querem o melhor para seus filhos, mas o balé, o karatê e a natação não podem anular as brincadeiras de crianças, as diversões, as gargalhadas. As amizades de infância são fortes e enriquecedoras. Representam as primeiras aprendizagens com significado para uma criança, seus vizinhos e amigos nos tornam pessoas melhores.

As crianças hoje brincam sozinhas em seus quartos fechados e escuros; seus brinquedos são o computador e celular, e seus amigos estão a distância, *on-line*. Elas estão perdendo o contato mais íntimo, as risadas e as gargalhadas. Esse contato com o próximo faz parte do crescimento de uma criança, o diálogo, as brincadeiras são essenciais.

Crianças do ano de 2050,

aproveitem a sua infância com seus amiguinhos, sejam felizes, pois cada época tem seu tempo próprio. Não permitam que sua criança interior se

aparte de você, seja feliz com sua família, com seus pais e irmãos. Façam boas amizades, pois amigos verdadeiros são um tesouro e valem mais do que ouro.

CAPÍTULO 2.3

ORGULHO

Walquiria Maria Rodrigues

E-mail para contato: walquiriamariar@gmail.com

Posso dividir minha infância em três fases, pois foram acontecimentos que me deixaram marcas distintas e repletas de um emaranhado de bons sentimentos. Sou a terceira filha de oito irmãos, sendo um falecido. Tudo começou há 56 anos.

Quando me entendi por “gente” e o que trago na minha memória remontam a partir dos meus três anos de idade. Sempre fui peralta e os obstáculos eram enfrentados com coragem por mim. Meus tios sempre gostavam de cantar aquela música, não me lembro do nome do cantor, mas era assim: “Você é doida demais...”. Mas, pensando hoje, com certeza, eu tinha muita coragem! Tenho remota lembrança de escalar, aos três anos, a prateleira de minha mãe para pegar uma faca que ela guardava na última tábua. Eu subia e descia tranquilamente.

Em minhas peraltices, lembro-me de que me escondi atrás da casa, pois me achei de ser cabeleireira e fiz um risco daqueles na minha cabeça, sendo necessário raspá-la.

A casa em que morávamos pertencia ao meu avô e, lá, vivi os melhores anos da minha vida enquanto criança. Ficava na zona rural do município de Orizona, em Goiás.

Os banhos de córrego eram os melhores! Meu pai levava a gente para tomar banho no ribeirão. Eram maravilhosos aqueles momentos! Foram únicos para mim, pois íamos: meu pai, meu primo meus irmãos e eu, “já éramos quatro”, juntamente com minha mãe. Ela aproveitava para lavar nossas roupas.

No quintal da casa, havia um enorme pé de amora, e meu pai fez um

balanço nele. e a gente brincava muito, balançava bastante. Mas, um dia, meu irmão mais novo — que devia ter uns dois anos naquela época — foi colocado no balanço pelo meu primo, que o empurrava. Havia uma cisterna ao lado, e quase meu irmão caiu dentro dela. Foi um susto horrível. Depois do incidente, meu pai tirou o balanço. Nessa mesma época, apareceu, em nossa casa, um gato amarelo e meio rajado, e eu coloquei o nome nele de Naum. Eu gostava muito dele! Mas acho que meu pai deu um “jeito” nele. Sei que sumiu, e eu ficava olhando no infinito para ver se ele voltava, mas nunca mais apareceu; até hoje me lembro dele com muita saudade. Acho que é por isso que me apego muito aos bichanos.

Lembro-me direitinho de meu pai me carregando no colo, quando íamos à corruptela para passear. Lá era muito bom! Tinha a “venda” e, meu pai comprava balinhas para nós.

O segundo momento da minha infância se desenrolou como um turbilhão de acontecimentos também marcantes. Mudamo-nos para Anápolis, e lá foi um sofrimento. Eu ainda não estudava. Nessa época, meu irmão contraiu pneumonia e não resistiu. Vivemos um período de muita dificuldade, e quase não me lembro dos momentos felizes. Outra situação ruim foi quando minha irmã mais velha caiu em uma vala, daquelas que fazem para rede pluvial, e quase morreu afogada. Passamos muita necessidade nesse período. No entanto, a memória boa que trago dessa época é a da minha mãe, todos os dias, rezando o terço.

Onde morávamos de aluguel, o pessoal tinha uma padaria e sempre jogava fora o pão que sobrava do outro lado do muro. E, quando éramos crianças, íamos até lá para achar algo que pudéssemos comer. Lembro-me bem, porque um dia comi um desses pães e ele estava mofado e isso ficou tão forte em mim, que até hoje tenho um enorme problema com isso. Quando sinto o cheiro de algum pão que está mofando, logo me vêm à memória aquele momento e as rezas de minha mãe.

Não sei por que, mas não consigo me lembrar do meu pai próximo a nós. Sei que neste período ele se desesperou e se embrenhou nas bebidas tornando ainda mais difícil nossa vida.

Minha vó vendo nossa dificuldade, ofereceu-nos uma casa próxima à fazenda dela, e voltamos para a região onde eu nasci e, nessa época, já éramos oito filhos.

No terceiro momento da minha infância, já com sete anos, nós nos mudamos para uma fazenda próxima de Goiânia. Meu pai, acreditando em uma vida melhor para mim, mandou-me para a casa de uns parentes para morar e “trabalhar”. Foi um período muito ruim. Lembro-me que no primeiro dia de aula eu chorei muito, pois queria estar perto de minha mãe. Lembro-me também da primeira vez que li a história de “Chapeuzinho Vermelho”. Ela foi apresentada em um projetor, e isso ficou muito marcado em minha mente.

Aos nove anos, trabalhando em outra casa, o meu primeiro salário foi para o meu pai tirar carteira de motorista e, essa foi a profissão dele até sua morte.

Vejo que a infância é o melhor período da vida, e as crianças estão perdendo essa fase tão importante, pois muitas estão presas às babás eletrônicas e deixando de realizar atividades primordiais ao seu desenvolvimento, principalmente as brincadeiras. Observamos que as crianças estão cada vez mais precoces, preocupando-se, muito cedo, com o cotidiano dos adultos.

Pequenos seres humanos,

vivam a melhor fase de suas vidas! Tenham orgulho de serem crianças!

CAPÍTULO 2.4

CONTATO CALOROSO

Lilian Paula Vieira

E-mail para contato: profa.liliapaula@gmail.com

Ah ... Das muitas coisas do meu tempo de criança,
Guardo vivo ainda na lembrança...
Quando eu brincava com minhas primas e minha irmã,
Seja de cozinhadinha, debaixo do pé de jabuticaba,
Ou com a manguinha, que caía ou pegávamos com a mão,
Para virar um animalzinho com pés e mãos de gravetos.
Por muitas vezes, tínhamos o chão, a terra, como nosso caderno e o lápis era
qualquer pedaço de pau ou gravetos.
O que não faltava mesmo,
Era muita imaginação.
E a cada criação, uma experiência sem explicação,
Que só quem teve essa vivência, compreende essa sensação.
Uma infância raiz,
Que até era vermelha a ponta do meu nariz.
Tempinho bom e que deixou cicatriz,
Mas olhando para trás,
Fez-me e me faz muito feliz.
Nos dias atuais, muitas crianças não têm essa oportunidade,
Mas quando tiverem, aproveitem que vai ser só felicidade.
Hoje o convívio é na cidade,
Com muita tecnologia e tudo tem que ter agilidade.
Falta o contato com a natureza, um contato afetuoso e que mexa com o seu
coração.
Deixe um pouco essa frieza das telas e venha participar dessa emoção.

Espero que em 2050, todas as crianças tenham mais contato com natureza,
Encante-se e preserve suas belezas.
Que o contato físico seja caloroso,
Como o esquentar em uma fogueira em um dia chuvoso.

CAPÍTULO 2.5

SABEDORIA

Maura de Oliveira Lima de Freitas

E-mail para contato: mauraoliveiralimaf@gmail.com

Minha infância foi uma época de muita simplicidade e de muito convívio afetivo com a família e a vizinhança. Cresci em uma cidade do interior, em meio às brincadeiras de rua com outras crianças e primos, além do contato caloroso com meus avós, tios e primos maternos, que era puro amor e proteção.

Diverti-me muito nas brincadeiras de rua, onde as ruas e os quintais eram os lugares preferidos para essas atividades. Brincávamos de boneca e casinha, usávamos brinquedos artesanais, líamos gibis e colecionávamos álbuns de figurinhas e de papel de carta. Na tevê assistia aos programas de auditório, meus favoritos eram A “Turma do Balão Mágico”, “Silvio Santos” e “Mara Maravilha”. Também amava os desenhos animados dos Smurfs e Os Flintstones, e não perdia nenhum episódio da série do “Sítio do Pica Pau Amarelo”.

A infância atualmente é um pouco diferente do que era há algumas décadas, penso que devido ao avanço da tecnologia e às mudanças sociais ocorridas, as famílias têm um menor número de filhos e as mães trabalham fora de casa.

As crianças, desde muito cedo, têm acesso a dispositivos eletrônicos, recebem muita informação e entretenimento, e muitas brincadeiras ocorrem no mundo virtual.

Queridas crianças de 2050

Vocês vivem também em um mundo fantástico, no qual a tecnologia e a ciência alcançaram estágios inimagináveis que não havia no meu tempo.

Cápsulas do Tempo

Aproveitem cada descoberta, mas nunca deixem de valorizar o contato humano, valorizem as amizades e o amor da família. Lembrem-se de que o conhecimento é um tesouro, mas a sabedoria, que vem com o tempo e a experiência, é o que realmente ilumina a vida. Sejam curiosas, empáticas e comprometidas em viver e construir um futuro ainda melhor. Aproveitem cada dia, brinquem, riam, e aprendam com o mundo ao seu redor. Sejam gentis e nunca parem de sonhar.

Com carinho, de sua amiga Maura.

CAPÍTULO 2.6

O QUE HÁ DE BOM

Alessandra Cabral da Silva

E-mail para contato: alessandracabral@aluno.facmais.edu.br

A minha infância foi na fazenda. Era repleta de brincadeiras e aventuras, o dia todo, todos os dias. Certo dia, ansiosa para aprender mais, eu decidi fugir de casa para ir até a escola rural, que ficava a alguns quilômetros dali. Sem avisar ninguém, saí de fininho, sentindo a emoção e o medo ao atravessar o vau sozinha, mas fui. A vontade de estudar era maior do que o meu medo.

Tão pequena que ainda era, eu não compreendia por que minhas duas irmãs iam estudar e eu não. Quando cheguei à escola, suada, raquítica e assustada, pensei que levaria uma bronca das professoras, mas fui recebida de forma carinhosa, talvez, para não me assustarem e eu fugir dali, até que alguém da família me encontrasse. Foi a primeira vez que senti fazendo algo importante, e que levaria para vida toda, para além da fazenda. E, assim, sou e vivo até hoje, sempre atrás de conquistar meus sonhos, por mais distantes que pareçam.

A infância atualmente também é cheia de desafios, porém, é rica de oportunidades e recursos que garantem experiências únicas, enriquecedoras e inesquecíveis.

Espero que tenham um mundo de paz, amor e respeito. Continuem sendo curiosas, corajosas e façam tudo para manter o mundo do jeito que está, porque ele é maravilhooso... não deixem que o estraguem; apenas valorizem, crianças. E lutem para potencializar o que já é bom.

Abraços,

E espero encontrá-las bem e felizes. Até 2050!

CAPÍTULO 2.7

O QUE VOCÊ ESCOLHE?

Elisângela Campos Silva Honório

E-mail para contato: elis.honorio@uol.com.br

Nesse instante, ao escrever sobre minha infância, muitas lembranças vieram à tona...

Minha memória afetiva tem cheiro, sabor, brincadeiras, aventuras e alegria.

Ao sentir o cheirinho de alecrim, poejo, hortelã e outras ervas medicinais, aquele chá gostoso, feito por minha amada avó Maria, faz-me fechar os olhos e lembrar-me da horta da minha avozinha. É como viajar no tempo, a saudade bate e eu respiro profundo...

Da fazenda onde minha tia morava, recordo muitas alegrias. Lá passei a melhor fase da minha infância. Ela ainda não tinha filhos, eu era considerada como sua filha. Saíamos à tardinha para cuidar da roça, molhar as hortaliças, ver se alguma melancia estava no ponto, eu ajudava e, ao mesmo tempo, brincava. Era maravilhoso!

A casa era simples, paredes de pau a pique, telhado de palha, chão batido, minha tia jogava água, e ficava tão fresquinho.

No fundo do quintal, tinha um córrego, nele minha tia e eu, lavávamos as roupas e as vasilhas; depois da tarefa cumprida, chegava a melhor parte: tomar banho naquela água limpinha. Eu não sabia nadar, mas minha tia me colocava nas costas e atravessávamos para lá e para cá. E o meu tio, onde estava? Na roça carpindo e cuidando do gado. Ele também era muito carinhoso e atencioso.

Lembro-me de quando somente nós três íamos pescar. Meu tio se embrenhava no mato, como dizia ele, e arrumava um lugar para acamparmos. Não me esqueço da cena de uma dessas aventuras, quando atravessei o rio

de canoa; ele era largo e tinha muita água, mas lá estava eu, sem nenhum medo. E quando meu tio pegou um peixe elétrico, fiquei muito curiosa, queria até pegar. Imaginem, sem nenhum juízo! Mas criança tem isso, não é?

Voltando ao assunto, nesse dia meu tio armou as redes para dormirmos ao ar livre, embaixo de árvores frondosas. Uma aventura e tanto!

Agora, quero falar dos sabores que me vêm à memória afetiva: quando estou comendo maxixe, pepino, retorno ao passado, não tem como esquecer, daquele tempero que só ela sabe fazer.

São tantas lembranças... Minha tia era professora na fazenda e também a merendeira. Enquanto as crianças estavam no intervalo brincando, ela terminava de preparar a merenda. A escola era de pau a pique, dava para enxergar o lado de fora; tudo muito simples, mas todos aprendiam com alegria, explorando a natureza e investigando-a. Pegávamos gravetos, tocávamos nos troncos, e sentíamos a textura e o cheiro. Lembro-me de que, ao chegar à idade escolar e ter que ir estudar na cidade, eu não tive dificuldade, pois eu já sabia ler e traçar as vogais com letra cursiva.

E as histórias lidas e inventadas que minha tia contava me faziam viajar eu imaginava os lugares e me teletransportava, como se não estivesse ali. Eu não morava com a minha tia, mas ficava alguns meses com ela, quando tive que ir para escola, na cidade, eu já estava com sete anos de idade, então, só podia visitá-la férias. Ansiosa, eu ficava marcando no calendário os dias que faltavam para que ela me levasse para a fazenda.

Outra fase da minha infância que também foi inesquecível foi com minha irmã e meu irmão. Brincávamos de toquinhos que meu irmão buscava na marcenaria e inventávamos de tudo: casinha, carro, móveis em miniatura. Brincávamos na rua com os vizinhos de pega-pega, bete, esconde-esconde, não havia nenhum perigo, pois meus pais ficavam na porta conversando com os outros pais. Até nos chamarem para entrar em casa, pois já era hora de criança dormir. Não me recordo da hora, mas sei que já era noite.

Não posso me esquecer de contar sobre as aventuras com meus primos e primas no quintal da casa de nossa avó Maria. Brincávamos de casinha e comidinha de verdade. As mais velhas já sabiam cozinhar e os primos construíam o fogão com alguns tijolos e acendiam o fogo. Ninguém se machucava, era uma festa.

Enfim, muitas lembranças, recordações que estavam um pouco adormecidas, mas jamais esquecidas.

São tempos diferentes quando penso nas minhas descobertas e em tudo que experienciei, na vida simples, sem tecnologia, sem muito luxo, amando a natureza. Hoje, as crianças vivem novos tempos, em um universo vasto de informações que as levam a serem imediatistas, mas também curiosas, algo nato delas mesmas, mas com ferramentas que impulsionam a investigação e o saber; embora sem muita direção. Cabe aos pais saberem lidar com esse novo tempo com essa tecnologia que veio para ficar. Sabemos que os pais estão cada vez mais ocupados e me coloco, também neste grupo. Sendo assim, vejo que cabe a nós pais, redirecionarmos essa infância, de pisar na terra, subir em árvores, acampar, brincar, sair das telas, viver um pouco na natureza. Os pais devem ter tempo de qualidade com seus filhos para que estes possam ter belas memórias afetivas, lembrando-se das brincadeiras na casa dos avós e dos momentos com os pais no parque de diversões. Enfim, pais presentes e participativos: o importante não é a quantidade de tempo, mas a qualidade desse tempo com os filhos.

Crianças, hoje escrevo a vocês em um momento em que a infância se transformou em um parque tecnológico, entre quatro paredes. Então, deixo-lhes um recado: abram as portas desse parque fechado, brinquem ao ar livre, de pega-pega, esconde-esconde, riam, conversem com seus colegas, joguem bola no campo, subam em árvores, comam frutas tiradas do próprio pomar. Divirtam-se, pois o tempo passa rápido demais. A infância se vai, e suas memórias afetivas? Serão feitas em quatro paredes? O que você escolhe?

Escolha ser criança e experienciem todas essas aventuras.

CAPÍTULO 2.8

O LEGADO DOS ANCESTRAIS

Betânia Aparecida Gonçalves de Deus

E-mail para contato: betaniaaparecidagoncalves@gmail.com

Nascida em 1987, tive uma infância muito feliz, em um pequeno vilarejo onde brincávamos nas ruas de brincadeiras populares como porta-bandeiras, pega-pega, jogo de queimada, batata quente, bete, casinha de bonecas, amarelinha que desenhávamos no chão das ruas sem asfalto, também brincadeiras de roda, corrente humana, além de fazer a roda das crianças da vizinhança para contar histórias. Foi uma infância com muitos amigos, a população da comunidade era toda conhecida e as crianças podiam viver livremente, acolhidas e cuidadas por todos. No vilarejo de Auriverde, no município de Crixás, no interior de Goiás, só havia apenas uma escola, e era nesse lugar tão acolhedor onde todas as crianças (não muitas) estudavam, e foi nesse ambiente, Escola, que depois passou a ser chamado Colégio Estadual Jurandir Cardoso Dias, que iniciei meus primeiros passos escolares com quatro anos de idade e trilhei todo o meu caminho escolar até concluir o colegial.

Minha infância não tinha tecnologia disponível, não tínhamos nem televisão, mas brincávamos ao ar livre, éramos muito felizes e sabíamos aproveitar os detalhes da natureza. Uma espiga de milho, em desenvolvimento, virava uma linda boneca de cabelos loiros, os maxixes que cultivávamos, às beiras das ruas, eram os gados e os porcos das nossas fazendas de brinquedo, os galhos das árvores, eram nossos balanços, e o rio que passava pelo povoado, era um lugar onde pegávamos piabas com a peneira, enquanto nossas mães lavavam as roupas. Corríamos na chuva e até brincávamos de escorregar na enxurrada, nem por isso adoecíamos, o vento, que hoje incomoda, servia para empinarmos nossas pipas e disputarmos qual

subia mais alto, até que a linha de algumas arrebentava e suas pipas voavam pelos ares, levando a felicidade da infância de um lugar até outro que nem aparecia no mapa do Brasil.

Enfim, melhor infância não poderia ter. Aprendi, sim, a trabalhar, a ajudar meus pais nos afazeres domésticos e também ajudava a minha mãe na limpeza da escola onde ela trabalhava e eu estudava. Houve um tempo da minha infância que ajudava meu pai a vender pamonha, mas, tinha muito tempo para brincar. Tinha muitos amigos, e os brinquedos eram infinitos porque vinham da natureza; nossa imaginação era insuperável. Queria eu poder compartilhar a minha infância, ou pelo menos parte dela, com meus filhos e meus alunos, porque tive uma infância realmente FELIZ.

A infância dos dias atuais está superlotada de tecnologia: tablets, celulares e jogos. Há crianças que não conhecem seus vizinhos. Pouco se vê crianças nas praças e nos parquinhos brincando juntas. Geralmente, mesmo estando nesses ambientes, notamos que essas crianças estão com seus brinquedos individuais, e muitas vezes são tecnológicos, o que, para mim, desenvolve o antissocialismo e o individualismo, gera adultos depressivos e, o pior, bloqueia o sistema de criatividade da criança, uma vez que tudo o que ela pensa, a tecnologia faz por ela.

Crianças de 2050

Vocês que estão lendo esta cápsula agora, certamente nem estão utilizando o mesmo método que eu utilizei para escrever, digo isso porque estou lhes escrevendo com 37 anos de idade e, na minha infância, não tinha os recursos que tenho hoje; minha infância foi totalmente diferente da infância das crianças de hoje (2024), então, eu não consigo imaginar ao certo como é a infância de vocês, mas sei se estarão envolvidas por um mundo científico e tecnológico; bem provavelmente meus bisnetos estarão nessa geração, e o que posso deixar para eles e para todas as crianças dessa geração

de 2050 é que a tecnologia e a ciência são algo magnífico, sim. Sei que vocês não conseguem se imaginar sem esses recursos, mas lembrem-se de que não há nada mais magnífico do que o que há dentro de vocês, a sua essência, a sabedoria deixada por seus ancestrais, o respeito ao outro, um aperto de mão, um abraço... não deixem que o mundo tecnológico roube isso de vocês. Somos seres humanos e fomos feitos à semelhança de Deus; essa é a nossa essência e é o mais belo que existe em nós.

CAPÍTULO 2.9

UMA INFÂNCIA AO AR LIVRE

Fernanda de Melo Monteiro Fantini

E-mail para contato: neninhammm@gmail.com

Tive uma infância muito feliz. Fui criada em Cuiabá, MT, essa cidade me proporcionou uma infância cheia de boas memórias. Todos os finais de semana meus pais me levavam para Chapada dos Guimarães. Era um momento mágico. Tomar banho de rio, subir nas árvores, comer frutas, escutar boas histórias, pular de cachoeiras, aventurar. Lembro que brincávamos na rua, eram tantas as brincadeiras que perdíamos a hora de voltar para casa.

Acho que toda infância, independente da época, tem a sua magia. Entretanto, é evidente que as crianças de hoje estão muito ligadas às tecnologias e talvez venham perdendo a beleza das brincadeiras simples, ingênuas.

Crianças do futuro,

Espero que vocês possam viver a magia de ainda brincar na rua, de subir em árvores, tomar banho de rio, conectarem-se com seu eu interior e que as novas tecnologias não tenham tomado todo o tempo de vocês, retirando a magia da infância ao ar livre.

CAPÍTULO 2.10

APRENDER COM OS MAIS VELHOS

Flaviane Daniela Araújo Matias Lacerda
E-mail para contato: flavianematias@hotmail.com

Minha infância foi cheia de momentos mágicos, foi um período repleto de risadas, aventuras e descobertas. Cresci nas décadas de 80 e 90, em um tempo em que a diversão estava nas pequenas coisas do dia a dia. Lembro-me das tardes ensolaradas brincando de bola de gude, soltando pipa e esconde-esconde com os amigos. As brincadeiras, como jogar betes, amarelinha e pular corda, faziam nossos dias parecerem eternos. E quem não se lembra da alegria de banhar na chuva ou andar de bicicleta pelas ruas do bairro? Também adorava descer ladeira abaixo em meu carrinho de rolimã, sentindo a adrenalina da velocidade!

Essas experiências criaram memórias incríveis, e a sensação de que o dia nunca ia acabar era constante. Voltava para casa apenas quando minha mãe me chamava, muitas vezes já ao entardecer, com a certeza de que o dia tinha sido cheio de diversão. Em uma época sem telas e distrações digitais, nossa única diversão era brincar na rua, explorando cada canto e criando nossas próprias aventuras.

Hoje, vejo a infância de uma maneira diferente. As crianças parecem estar mais conectadas à tecnologia do que nunca, com tabletes e *smartphones* sempre à mão. Embora isso traga muitas vantagens, como acesso à informação e ao entretenimento, sinto falta da simplicidade das brincadeiras ao ar livre e das interações face a face. A infância é um período crucial para o desenvolvimento social e emocional, e espero que as crianças atuais possam encontrar um equilíbrio entre o virtual e o mundo real.

Para as crianças do futuro que encontrarem esta cápsula em 2050

Deixo-lhes uma mensagem: Brinquem muito! Aproveitem cada momento da infância, pois esses anos são preciosos. Aprendam com os mais velhos, explorem o mundo ao seu redor e nunca deixem de sonhar. O futuro é de vocês, então façam dele um lugar incrível!

CAPÍTULO 2.11

ETAPA INCRÍVEL

Leandra Maria Porfírio

E-mail para contato: marialeandra716@gmail.com

Minha infância foi maravilhosa. Eu a vivi na fazenda, vida simples, não tinha tudo, mas também não me faltava nada. Andava pelo cerrado, sentia o cheiro do mato, observava o orvalho e o ninho dos pássaros de manhã, comia frutos que encontrava pelo caminho como gabioba, milho de grilo, mangaba, guapeva, guamirim, pitanga, veludo entre outros.

Não queria que o tempo fosse embora, pois sabia que estava vivendo o momento mais incrível da vida. Uma das coisas de que eu mais gostava era passear na casa da vovó Nana, onde era muito bem acolhida e convivia com meus primos queridos. Passava dias lá com ela e com meus padrinhos. A minha preciosa família era composta por meus pais, pessoas muito trabalhadoras e honestas, duas filhas e dois filhos. Desde pequena já ajudava nas atividades de casa, eu amava estudar debaixo das árvores, e brincar então, nem se fale. Vivi a intensa liberdade de correr nos quintais, andar nas nascentes, correr atrás de filhotes de saracura só pela curiosidade de ver o bicho mais de perto.

Como foi maravilhoso fazer casinha debaixo do tambu, podíamos ser quem a gente quisesse. Na brincadeira do faz de conta, eu tinha televisão, aparelho de telefone, energia elétrica, pois na realidade ainda não tinha alcançado este sonho. Mas, na verdade, não trocaria aquela experiência por nada.

Durante a noite de lua cheia, íamos a pé visitar nossos vizinhos, ora participar das festas juninas, pagode, conversar e fazer arroz com galinha, cada família doava um frango. Todos se divertiam muito, contavam causos, sorriam, dançavam, ali ninguém conhecia tristeza e nem preocupação.

Atualmente, a infância é vivida com muita rapidez, poucas vezes com apreciação da mata e do cheiro das flores, além de muita tecnologia e correria dos pais e da sociedade. Porém, o que torna a vida das crianças incrível é a descoberta, a inocência e o coração cheio de amor, isso não muda em nenhum momento da história. São seres extraordinários, verdadeiras professoras na escola da alegria: a simplicidade e a sinceridade.

Queridas crianças

Amo muito vocês, independentemente de qualquer fase da história, ser criança é a etapa mais incrível da vida. Brinquem, pulem, sejam muito felizes, corram, andem de bicicleta porque viver é muito legal. Sejam educadas, gentis, espertas, curiosas e respeitem as pessoas, sejam obedientes aos seus pais, pois eles as amam muito.

CAPÍTULO 2.12

CUIDEM UNS DOS OUTROS

Karla Janaina de Souza Brito Pires

E-mail para contato: karlajanaina@aluno.facmais.edu.br

Posso considerar que minha infância foi feliz e simples, regada por muito amor e zelo não só dos meus pais, mas por todos nossos familiares. Na fazenda do meu avô materno, vivemos os tenros anos, minhas duas irmãs, meu primo e eu. Havia muitas brincadeiras e aventuras características do meio rural (banho de rio, esconde-esconde ao entardecer, correr atrás dos animais...).

Os anos foram passando e surgiu a novidade que tanto aguardávamos: ir para a Escola, isso já aos sete anos. Na verdade, era o Grupo Escolar Multisseriado. Tudo era novidade. Minha irmã mais velha já havia iniciado o processo de alfabetização, li pequenos textos, a meu ver super exibida, pois era a ajudante do professor e, achando-se a tal, queria sempre me “ensinar”. Concluo, saudosamente, que esses foram os melhores anos da minha vida: a liberdade do campo, os aromas e os sons.

No alto dos meus nove anos, nós nos mudamos para a cidade e uma nova rotina se iniciou. Escolas, pessoas e ritmos diferentes, além de que a infância dava sinais de ausência para dar espaço ao universo mágico da adolescência.

Naturalmente, a infância dos dias atuais possui características próprias dessa era e, evidentemente, aos nossos olhos, não tão boa quanto foi a nossa. De fato, mudanças ocorrem, novidades surgem, agradam a uns e desagradam a outros. A mim, incomoda muito o fato de muitos pais não vivenciarem de forma mais ativa esta fase tão primorosa e, como as demais, ela não volta! Em outro ponto, analisamos as crianças que muitas vezes são terceirizadas a escolas, avós, bisavós ou babás que são pessoas aleatórias,

totalmente sem vínculo, tanto afetivo quanto cultural com aquela família.

Sendo assim, percebemos que muitas infâncias são amputadas ou deformadas, marcadas por situações de violência e abandono ou minimizadas, de forma que essas crianças se tornam miniadultos prematuramente.

Mesmo diante de tantos problemas que vivenciamos na atualidade, cabe a nós zelarmos pelo belo e puro dessa fase. Uma vez que, em breve, essas crianças de hoje serão os adultos que cuidarão das crianças que virão.

Olá, futuro! Eu vos falo do ano de 2024

Espero fraternalmente que tudo esteja bem, tanto com nossas crianças, quanto com os adultos deste ano de 2050.

Gostaria de dizer a vocês que hoje, vivemos em um mundo de muitas contradições. Enquanto uns cuidam da natureza ou uns dos outros, temos pessoas que fazem o contrário. Destroem o meio ambiente e relações. Portanto, digo a vocês, amados, cuidem uns dos outros, da natureza e não se afastem jamais de DEUS!

Sejam felizes, leves e aproveitem suas famílias.

CAPÍTULO 2.13

MEMÓRIA AFETUOSA

Bruna Caponi Borba

E-mail para contato: brunacaponi@aluno.facmais.edu.br

Minha infância foi marcada por uma rotina focada na educação e no comprometimento com os estudos. Meus pais, mesmo sem formação acadêmica, sempre incentivaram nossos estudos e nos proporcionaram as melhores oportunidades para aprender e crescer. Meu irmão mais velho era o exemplo a ser seguido, sempre sendo o melhor aluno da sala e me motivando a também me dedicar aos estudos.

Quando não estava na escola, passava grande parte do tempo na casa da minha avó materna. Ela é e sempre foi uma figura importante na minha vida, ajudando-nos com as tarefas escolares e nos levando para atividades extracurriculares, como aulas de balé e inglês. Minha avó era bastante cuidadosa e não permitia brincadeiras de rua, o que limitava um pouco as minhas opções de entretenimento. No entanto, meu irmão sempre encontrava maneiras criativas de nos divertir, seja com videogames educativos ou brincadeiras planejadas dentro de casa.

Nas férias escolares, a rotina mudava um pouco. Eu tinha a oportunidade de me reunir com primos que moravam em cidades do interior, o que nos permitia brincar de maneira mais livre e socializar de forma mais autêntica. Esses momentos de diversão e liberdade eram muito especiais e ficaram marcados em minhas lembranças como os melhores momentos da infância.

Atualmente, vejo a infância de uma maneira um pouco diferente do que era no passado. Percebo que muitos pais acabam terceirizando a educação de seus filhos para as escolas, atribuindo às instituições de ensino a responsabilidade de educar, e aos recursos midiáticos a responsabilidade de

ocupar o tempo das crianças. Além disso, há uma tendência de buscar diagnósticos para qualquer comportamento considerado fora do padrão, o que pode acabar engessando a experiência de crescimento e desenvolvimento das crianças.

Com o acesso ilimitado às informações rápidas, as crianças muitas vezes não têm mais o tempo e a oportunidade de desfrutar de brincadeiras que promovem o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional de forma integral. As brincadeiras coletivas, que são fundamentais para o aprendizado social e emocional, acabam sendo deixadas de lado em detrimento de atividades mais individualistas.

Além disso, percebo que as crianças estão cada vez menos estabelecendo vínculos afetivos profundos com familiares, amigos e vizinhos. O contato humano e a interação social estão sendo substituídos, em muitos casos, por telas e dispositivos eletrônicos, o que pode impactar negativamente no desenvolvimento emocional e na capacidade de estabelecer relacionamentos saudáveis.

Em resumo, a infância atualmente apresenta desafios e mudanças significativas em relação ao passado, o que nos faz refletir sobre como podemos resgatar e valorizar aspectos essenciais para o pleno desenvolvimento das crianças, como o contato com a natureza, o brincar livre e o fortalecimento de vínculos afetivos.

Queridas crianças de 2050

Espero que vocês tenham a oportunidade de vivenciar uma infância cheia de brincadeiras ao ar livre, momentos de conexão com a natureza e interações significativas com seus familiares, amigos e vizinhos. Que possam explorar, experimentar e aprender de forma leve e divertida, sem a pressão excessiva por resultados e desempenho. Que a busca pela tecnologia e informação não substitua a importância do contato humano, do afeto e do

Cápsulas do Tempo

tempo de qualidade juntos. Que possam desfrutar de uma infância equilibrada, que estimule o desenvolvimento integral e saudável de vocês. Que a lembrança dessa fase especial da vida seja marcada por sorrisos, descobertas e memórias afetuosas.

Com carinho.

CAPÍTULO 2.14

O VENTO EM SEU ROSTO

Waldomira Jesus do Amaral Santos

E-mail para contato: waldomira.amaral@gmail.com

Minha infância foi, sem dúvida, uma verdadeira infância raiz. Nasci em Goiânia, mas antes de completar um ano de idade, meu pai nos levou para Xinguara, uma pequena cidade no sul do Pará, onde vivi até meus 18 anos. Ali, eu e meus irmãos fomos criados da melhor forma que nossos pais podiam nos proporcionar, em um lugar onde as simplicidades do dia a dia se tornaram o cenário das nossas maiores aventuras.

Nossa diversão estava nas ruas, onde passávamos as tardes brincando de pega-pega, bandeirinha, salve latinha e tantas outras brincadeiras que inventávamos com o que tínhamos à mão. Não precisávamos de muito – apenas nossos amigos, o vento no rosto e a liberdade de correr livremente. Eram tardes que se transformavam em lembranças eternas, cada risada e cada corrida enraizadas nas calçadas e ruas de terra batida.

As férias eram sagradas. Passávamos todo o período na casa da minha avó ou da minha madrinha, que moravam na roça. Naquela época, as férias pareciam durar uma eternidade – meses inteiros! Era o nosso tempo de descanso, mas também de muito aprendizado e diversão. Na roça, a vida tinha outro ritmo, outro cheiro, outras cores. Nós, crianças da cidade, mergulhávamos naquele mundo rural com o coração aberto para tudo o que viesse. Ajudávamos a tirar o leite, apartávamos os bezerros, íamos ao pasto buscar macaúba para alimentar os porcos, andávamos a cavalo e explorávamos cada pedaço daquela terra como verdadeiros aventureiros.

Lembro-me especialmente das colheitas de pequi, que crescia em árvores enormes na mata fechada. Meu avô segurava a sacola, e nós, éramos

encarregados de pegar os frutos. Mas precisávamos ser rápidos e cuidadosos, porque, se um pequi caísse na cabeça, não seria nada bom!

E assim foram meus anos de infância, recheados de aventuras e de uma liberdade que hoje é só saudade. Foi uma época simples e, ao mesmo tempo, cheia de significado. O contato com a natureza, e a convivência em família e com a comunidade me ensinaram lições que levo até hoje. São memórias de uma vida livre, sem tantas preocupações, em que as maiores riquezas eram os momentos vividos.

Comparando minha infância com a das crianças de hoje, percebo o quanto o mundo mudou. Antes, nossa diversão acontecia ao ar livre, com brincadeiras como pega-pega, bandeirinha e salve latinha. As ruas eram um espaço de encontros e aventuras, onde amizades se formavam sem esforço e as tardes passavam voando. Agora, vejo que a infância está cada vez mais ligada às telas – tablets, celulares e videogames que ocupam a vida das crianças desde muito cedo. As brincadeiras que eram simples e livres deram lugar aos jogos virtuais, e o que antes era o cenário das nossas descobertas, a rua, transformou-se em um ambiente virtual.

As férias também mudaram. No meu tempo, significavam dias inteiros na casa dos avós ou das madrinhas, cheios de atividades na roça ou em lugares onde a natureza era o palco da nossa diversão. Eu ajudava a tirar o leite, colhia frutas no pé e corria no campo. Hoje, as férias são mais curtas e cheias de compromissos planejados, como visitas a shoppings ou parques temáticos, atividades sempre supervisionadas. A liberdade de explorar lugares por conta própria, de subir em árvores ou correr pela mata, é cada vez mais rara, substituída por passeios organizados que limitam a conexão das crianças com o ambiente natural.

Essa mudança reflete também as preocupações dos pais, que, por motivos de segurança e adaptação aos tempos modernos, eles se veem obrigados a proteger as crianças de uma maneira que as nossas famílias não

precisavam se preocupar. Os riscos de hoje parecem maiores, e a pressão para que as crianças desenvolvam habilidades digitais e acadêmicas cedo as mantém cada vez mais confinadas em um ambiente controlado.

Embora as crianças de hoje tenham acesso a muito mais informações e tecnologias, algo essencial se perdeu nesse caminho: as experiências de liberdade e descobertas que vinham ao ar livre, a diversão simples de ajudar nas tarefas da roça, o prazer de subir em árvores e de sujar os pés na terra. Hoje, o aprendizado acontece entre quatro paredes, com o mundo filtrado por telas e dispositivos, o que limita o contato com a natureza e a vivência de descobertas reais.

Talvez nosso desafio agora seja lembrar às crianças da importância de viver o mundo fora das telas, de encontrar alegria nas coisas simples e de ter a liberdade para explorar o mundo ao seu redor. Porque é nessas pequenas aventuras que a infância realmente acontece – e é nelas que estão as lembranças que levamos para toda a vida.

Queridas crianças de 2050

Eu sou da época em que as brincadeiras eram feitas no sol e andávamos descalços. Meu mundo estava cheio de aventuras simples como pega-pega, bandeiras, salvar a lata. A felicidade veio muito facilmente para nós, porque só uma boa companhia e um espaço aberto eram tudo o que realmente precisávamos. Férias significavam apenas quilômetros de campo puro e, depois, passar dias lá; ajudando meus avós a “fazerem” coisas como tirar leite, colher frutas e nozes na floresta. Era uma vida liberada, perto da natureza, onde cada dia trazia alguma nova descoberta.

Hoje, em 2024, as crianças vivem de forma muito diferente. A tecnologia mudou tudo - de um jogo jogado em telas ao que as crianças fazem com o tempo agora, cada vez mais gasto em jogos digitais e mídias sociais. Antes tão conectada com o mundo ao nosso redor, a infância agora parece

cada vez mais fechada - mas ainda acredito que um pouco disso, dessa liberdade, dessa conexão com a natureza, pode ser preservada mesmo com a mudança dos anos.

Confio que, de agora em diante, vocês aprenderão a misturar as maravilhas da tecnologia com o charme das experiências da vida real. Que vocês nunca parem de sentir o vento em seus rostos, explorando o mundo com seus próprios pés. Afinal, a essência da infância é a liberdade de descobrir, brincar e sonhar, e encontrar alegria nas coisas simples.

Com carinho,

Uma amiga do passado.

CAPÍTULO 2.15

VIVER O PRESENTE

Eliney Pereira Souto

E-mail para contato: elineysouto@hotmail.com

Minha infância foi profundamente ligada à vida no campo. Nascido e criado na roça, sempre estive cercado por paisagens rurais, onde o ritmo da vida era determinado pela natureza e pelo trabalho árduo na fazenda. Meus pais, agricultores, sempre moraram em fazendas, e isso moldou minha visão de mundo desde cedo. O acesso à educação era um desafio constante, já que a infraestrutura nas áreas rurais era bastante precária. Eu estudava em uma escola rural, em uma sala multisseriada, onde alunos de diversas idades e séries eram agrupados em uma mesma sala de aula. Isso exigia que aprendêssemos uns com os outros, já que os professores tinham que dividir a atenção entre vários níveis de ensino ao mesmo tempo.

Além disso, vivi minha infância em uma época em que as tecnologias digitais ainda não haviam chegado à nossa realidade. Não havia celulares, internet, nem a enxurrada de informações que as crianças de hoje têm à disposição. A vida era mais simples e mais limitada, mas, ao mesmo tempo, havia uma grande liberdade para brincar ao ar livre, explorar a natureza e vivenciar o cotidiano da roça de forma intensa. O tempo livre era preenchido com brincadeiras tradicionais, convivência familiar e com a comunidade, além do contato direto com os animais e a terra. Era uma infância diferente da atual, com menos distrações e mais simplicidade, mas que me trouxe muitos aprendizados valiosos sobre trabalho, resiliência e o valor das pequenas coisas.

Hoje, a infância é muito diferente da que eu vivi. A juventude atual está imersa na era digital, na qual a tecnologia desempenha um papel central na vida das crianças e adolescentes. A maioria deles já nasce cercada por dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores, e isso

molda profundamente sua forma de interagir com o mundo. O acesso à internet oferece um fluxo constante de informações e entretenimento, que, por um lado, pode ser positivo ao expandir os horizontes e facilitar o aprendizado. No entanto, por outro lado, essa hiperconectividade muitas vezes leva a um distanciamento das interações familiares e da vida comunitária.

Antigamente, as brincadeiras eram mais coletivas, feitas ao ar livre, e o convívio com a família era constante, principalmente nas áreas rurais. Hoje, é cada vez mais comum ver jovens passando horas em redes sociais ou jogos online, muitas vezes sozinhos em seus quartos, o que pode acabar enfraquecendo os laços familiares e diminuindo a qualidade do tempo que passam juntos.

Além disso, o excesso de informações e estímulos digitais também gera uma pressão muito maior sobre as crianças. Elas são expostas a padrões de comportamento e consumo desde muito cedo, o que pode trazer ansiedade e uma sensação de competição. Ao mesmo tempo, o contato com a natureza e com atividades mais simples, como as brincadeiras de rua, têm se tornado raro. Isso faz com que a infância moderna, embora rica em recursos tecnológicos, seja muitas vezes mais solitária e menos ligada às experiências familiares e comunitárias que eram comuns antigamente.

Em resumo, percebo que a infância atual tem vantagens inegáveis em termos de acesso à informação e a oportunidades de aprendizado, mas também apresenta desafios importantes, especialmente no que se refere ao equilíbrio entre a vida digital e o fortalecimento das relações familiares e comunitárias, que são essenciais para o desenvolvimento emocional e social de uma criança.

Para as crianças de 2050

Minha mensagem é: nunca percam a conexão com o que é real. A

tecnologia será, sem dúvida, uma parte essencial de suas vidas, e ela pode abrir portas incríveis para o conhecimento e a inovação. No entanto, lembrem-se de que viver plenamente vai muito além das telas. A vida acontece nas interações com as pessoas, no contato com a natureza, nas experiências fora do mundo digital. Aproveitem a tecnologia como uma ferramenta, mas não deixem que ela substitua a riqueza de viver o presente, sentir o mundo ao seu redor e cultivar laços verdadeiros com os outros. Viver de verdade importa muito mais.

Cápsula do Tempo III

PPGREC UESB



CAPÍTULO 3.1

ALEGRIA DE SER CRIANÇA

Paula Maria da Silva Chaves

E-mail para contato: chavespaulamaria@gmail.com

A minha infância foi cheia de brincadeiras na rua com meus primos, que moravam na mesma rua e sempre me protegiam. Inicialmente, eu era filha única e só os tinha para brincar em todas as tardes. Geralmente, as brincadeiras giravam em torno de andar de bicicleta, de jogar amarelinha e de descer uma ladeira de motinha. Era uma adrenalina muito boa.

Eu era uma menina alegre, que andava pela casa com lápis e caderno nas mãos fazendo pequenos rabiscos e dizendo que queria ser professora. Aos cinco anos de idade, mudei de casa, e, nesse novo local, fiz vínculos com uma amiga chamada Andréia, com a qual passei a minha infância brincando muito de boneca, de tico-tico, de casinha, utilizando itens de cozinha da minha mãe (feijão, arroz de verdade), de escolinha e ainda nos reuníamos com outras crianças da rua. Como em frente de casa havia um mato, a vizinha acabou limpando uma parte e construindo uma casinha onde brincávamos todos os dias.

A minha infância foi marcada por momentos de brincadeiras ao ar livre e por muita interação social. Vivenciei uma infância alegre e ativa, repleta de vínculos afetivos com familiares e amigos. As brincadeiras giravam em torno de atividades que estimulavam a criatividade, a autonomia e o senso de comunidade. A mudança de ambiente, aos cinco anos, trouxe-me novas experiências, reforçando o valor do brincar coletivo. A construção da casinha, a utilização de itens reais nas brincadeiras e o envolvimento com outras crianças da vizinhança indicam uma infância rica em imaginação, colaboração e desenvolvimento de habilidades sociais.

Atualmente, a infância, no meu ponto de vista, tem sido bastante

influenciada pela tecnologia, com muitas crianças passando grande parte do tempo em ambientes digitais, jogando videogames, assistindo a vídeos ou interagindo nas redes sociais. As brincadeiras ao ar livre, embora ainda presentes, são menos frequentes do que nas gerações anteriores. Muitas crianças têm menos contato direto com vizinhos e amigos na rua, principalmente nas áreas urbanas, devido às preocupações com a segurança e às mudanças no estilo de vida. Em vez disso, o lazer tende a ser mais supervisionado, com atividades programadas, como aulas de esportes ou música, ocupando o tempo livre. No entanto, também há um movimento de retorno ao brincar tradicional em algumas famílias e comunidades, com ênfase na importância do desenvolvimento social e emocional que essas atividades proporcionam.

Queridas crianças de 2050

Espero que o mundo tenha se tornado um lugar onde vocês possam ser livres para sonhar e explorar todos os lugares, onde as brincadeiras ainda sejam parte essencial de quem vocês são. Lembrem-se sempre de valorizar o simples: a risada com amigos, o toque da terra nas mãos, o prazer de correr sob o sol. Que a tecnologia seja uma aliada, mas que jamais apague a beleza do mundo ao seu redor.

Que vocês nunca percam a curiosidade, o amor pela natureza e o poder da imaginação. O futuro é de vocês, mas a alegria de ser criança é eterna.

Com carinho,

Alguém do passado que ainda acredita na magia de ser criança.

CAPÍTULO 3.2

DIVERSÃO SAUDÁVEL

Gabriel de Jesus das Neves

E-mail para contato: 2024m0056@uesb.edu.br

A infância foi um período de muitas brincadeiras e diversão para mim, e guardo boas lembranças dos momentos que vivi. Os momentos que mais me marcaram positivamente foram vivenciados durante as férias que passava na Ilha de Maré, local de nascimento da minha mãe, onde moravam inúmeros parentes da minha família materna. Ao longo de quase três meses de férias por ano, costumava brincar bastante em contato com a natureza, percorrendo as praias e a regiões de mata, juntamente com os amigos e primos que também veraneavam ou moravam na ilha. Apesar de gostar bastante dos momentos vivenciados na minha infância, desde muito cedo também sentia o desejo de crescer e poder ter mais autonomia e liberdade. Embora tenha recordações muito boas daquele período também me senti realizado ao alcançar a fase adulta.

Acredito que, nos dias atuais, as crianças vivenciam a infância de um modo bastante diferente em relação à minha época, já que o avanço tecnológico possibilitou o desenvolvimento de novas formas de brincar e de interagir, como, por exemplo, através de aparelhos de videogame, celulares, computadores e do próprio uso da internet, além dos recursos dela decorrentes, como as redes sociais e diversos aplicativos. Nesse novo cenário, entendo que as crianças têm estado cada vez mais isoladas e distantes umas das outras, deixando de vivenciar experiências que considero importantes para o desenvolvimento pessoal, como brincadeiras em grupo e atividades coletivas que possibilitam não só a melhora da saúde física, mas também o cultivo de habilidades e competências que serão fundamentais na fase adulta, a exemplo da capacidade de se socializar e de conviver com pessoas diversas.

Espero que, no futuro, as crianças consigam vivenciar uma realidade na qual possam desfrutar de brincadeiras em grupo e interagir de forma proveitosa durante toda a infância e, que consigam aprender e se desenvolver enquanto pessoas, adquirindo conhecimento não só através dos ambientes escolares, mas também por meio do contato com os amigos e colegas, e a partir disso desenvolverem valências que lhes permitam se tornar adultos mais felizes e empáticos.

Assim, como mensagem para as crianças do futuro,
digo-lhes que: brinquem bastante, corram, subam em árvores, joguem-se na lama, tomem banho de chuva, divirtam-se de maneira saudável e aproveitem bastante esse momento da vida para que ele seja lembrado sempre de forma alegre e saudosa.

CAPÍTULO 3.3

MOMENTOS DO PASSADO

Ivana Meira Silva de Carvalho

E-mail para contato: ivanacarvalhoms@gmail.com

É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Crianças têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Adélia Prado

Ao refletir sobre minha infância, percebo que as lembranças que mais valorizo começaram a partir dos meus cinco anos. Antes disso, as memórias se tornam evasivas, quase inacessíveis. Porém, o que eu recordo é repleto de afeto, descobertas, encontros, aventuras e travessuras. São memórias tecidas por sons, cheiros e sensações que moldaram minha essência.

Lembro-me do aconchego da minha casa simples na roça, com seu fogão à lenha vermelha, o chão de cimento e um imenso quintal de chão batido. Nesse espaço, árvores de “canjoão” nos ofereciam sombra e diversão, em uma dessas árvores meu pai instalou um balanço, onde eu e meus irmãos disputávamos as nossas vezes de uso. No fundo do quintal, plantávamos melancias e maracujás, e o maior espaço era o da fazenda de bois feita com abacates e gravetos que meu irmão montou. Ali, também criávamos condomínios para nossas bonecas e brincávamos com primos e primas, pois cada uma tinha a sua casa de boneca demarcada com muros de giz no chão.

A tarde toda brincávamos, e, às vezes, brigávamos também, pois não queríamos o fazendeiro se metendo com brincadeiras de boneca e, neste

mesmo dia de brincadeira, como diz a canção, éramos heróis e vilões em nossas próprias histórias.

Quando a noite chegava, eu me sentia chateada. O dia era sempre pequeno demais para tantas brincadeiras e travessuras. Porém, havia momentos especiais quando a família se reunia em torno de um candeeiro, e meus pais contavam histórias após o jantar. Eu observava da cama, com uma meia claridade persistente na cozinha, ouvindo as vozes tranquilas deles conversando sobre o dia a dia. Um rádio de pilha sintonizado na Rádio Globo preenchia o ambiente, e eu esperava que o locutor falasse menos e tocasse mais músicas, até que o sono chegasse. Logo adormecia e, pela manhã, ao acordar sentia o aroma de café e cuscuz invadir meu quarto.

Tinha um despertador que eu particularmente odiava: um barulhento passarinho de meu pai, que ficava na gaiola na cozinha. Era um canarinho que me despertava antes da hora, assobiando muito alto e cantarolando. Ele, conformado ao seu destino de cantar mesmo enjaulado, e eu, inconformada por não poder lhe dar a liberdade merecida. Porém, não era só por dó, o desejo de ver livre o passarinho, dar-me-ia um acordar silencioso como eu gostava.

Assim que acordava, já programava as tarefas do dia. Depois da escola, era hora de brincar. Ai que chato! Havia as tarefas de casa que eu precisava cumprir, pois mainha sempre dizia: “Primeiro a obrigação, depois a diversão!”. Contudo, isso nunca nos impediu de nos divertirmos. Eu adorava brincar debaixo de um enorme umbuzeiro que ainda existe na casa da minha avó Maria. Eram brincadeiras variadas, de casinha a pique-pega, capitão e o famoso “tatatá”, que era um brinquedo de garrafa cheio de terra, muito utilizado em minha infância.

Ao lado do umbuzeiro havia um pé de goiaba. Embora as melhores ficassem sempre no alto, isso não era problema, eu escalava até consegui-las, e depois ouvia minha avó reclamando para eu descer, advertindo-me que, se

caísse do alto, quebraria o braço. Próximo à goiabeira, ficava o campo de futebol, um “carecão” que chamávamos de campo de futebol de meu avô Virgílio. Este era o único lugar de lazer de toda a comunidade e promovia o encontro de crianças e adultos todas as tardes.

Entretanto, quando não estava na casa da avó Maria, estava na casa da vovó Almerinda e do vovô Cassiano. Minha avó era uma figura única, sempre levando os netos para passear e fazendo o melhor cuscuz: amarelinho e amanteigado, saboroso como a felicidade.

Quando chovia e eu estava na casa da vovó, corria para tomar banho de chuva, enquanto meu avô reclamava, lançando seu chapéu, esbravejando de forma divertida. Às vezes, tomava o chapéu de suas mãos, e sua careca ficava aparente e vovô me dizia: “Dê cá meu chapéu!”. Logo ia para o quarto tocar seu cavaquinho, sempre a mesma melodia e as canções que ele mesmo compunha; era um grande compositor. Após a chuva, nós nos reuníamos perto do fogão à lenha, onde minha avó assava espigas de milho nas brasas, e o cheiro do milho misturava-se ao da terra molhada, enquanto eu esperava a chuva passar para voltar para casa.

Outro momento memorável eram as noites sem energia. Era nessas horas que primos, tios e vizinhos se reuniam na calçada da avó Maria para contar causos de assombração e, às vezes, cantar ao som do violão do meu tio João. As risadas e a música nos acompanhavam até altas horas da noite. Esses episódios de alegria e simplicidade marcaram uma infância que não conheceu celular, *Wi-Fi* nem brinquedos descartáveis. A tecnologia mais avançada eram orelhões, telefones públicos. Porém, era uma infância vivida intensamente, com brincadeiras, quedas e banhos de rio escondidos.

Hoje, ao observar a infância das crianças deste mundo globalizado, percebo um contraste inquietante. Muitas crianças estão aprisionadas entre paredes e telas, excessivamente protegidas, sem o contato direto com a natureza e a convivência familiar afetuosa que eu vivi. Elas estão cercadas de

brinquedos tecnológicos que se acumulam em seus quartos, muitas vezes infelizes e frustradas com a vida.

Agora, ao pensar nas crianças que virão em 2050, sinto a urgência de lhes deixar uma mensagem.

Para vocês, pequenos viajantes do futuro

Lembrem-se de que a felicidade está nas pequenas coisas. Brinquem no chão de terra, andem descalços, sentem-se à sombra de uma árvore e voem nas suas fantasias. Não se deixem aprisionar pelos limites impostos pelas telas e pela necessidade de controle. A inocência e a curiosidade são tesouros que vocês devem proteger.

Inspirem-se na natureza ao seu redor, como eu fiz, e nunca deixem de explorar o mundo que se desvela gratuitamente diante de vocês. Criem histórias de vida que sejam repletas de risos e aventuras. E quando ouvirem o som de um cavaquinho distante, que vocês se lembrem das suas raízes e da beleza imensurável da infância. A vida é breve, mas as memórias que construímos têm o potencial de viver para sempre. Façam delas as melhores possíveis.

Por isso, pais, ensinem aos seus filhos valores como simplicidade, lealdade, respeito e caráter. Crianças, brinquem, brinquem muito, pois a infância é um tesouro que não volta. É essencial que as crianças tenham a liberdade de explorar, de se sujar e de criar memórias afetivas que ficarão com elas para sempre.

Por fim, fico imaginando se houvesse uma possibilidade de transportar as crianças de hoje para visitar os melhores momentos de ser criança dos anos passados, mergulhar nas travessuras felizes para lhes causar inveja e resgatar esse tempo que foi perdido. Tenho a felicidade de ter tido uma infância feliz, por isso relembro com saudade a minha infância querida, um tempo que os anos da vida não trazem mais.

CAPÍTULO 3.4

CONSELHOS DOS MAIS VELHOS

Grasiela Ramos de Oliveira

E-mail para contato: grasiela.taio@gmail.com

Na minha infância, tenho muitas recordações, mais as que mais me marcaram foram as vivenciadas na casa da minha avó materna, quando minhas primas moravam lá e minha irmã e eu também ficávamos para minha mãe trabalhar. Assim, a minha avó cuidava das netas para as filhas trabalharem fora.

A casa da minha avó sempre foi cheia de gente, em razão de ela ter um restaurante de comida caseira em sua própria casa. No fundo da casa, havia um pé de chuchu bem grande, no qual brincávamos o dia inteiro enquanto os adultos trabalhavam no restaurante ou fora. Minha irmã, minhas primas e eu brincávamos de cozinhadinha, casinha, mãe e filha, para isso as primas mais velhas construía um fogão com tijolos e mexiam com fogo para cozinhar o arroz, feijão e tomate que a nossa avó nos dava para brincar. A comida ficava com gosto de fumaça. Nós também fazíamos sucos de folha de chuchu e bolos de terra. Para nós, era uma diversão passar as manhãs e as tardes no fundo da casa brincado muito com diferentes brincadeiras. Quando não brincávamos de casinha, pegávamos os litros de óleo de alumínio que a nossa avó jogava no corredor da casa para confeccionarmos um brinquedo, no qual amarrávamos cordas e andávamos em cima da lata, como fosse um tamanco alto. Também fazíamos competições de tapetes de papel de balas, para isso procurávamos papel de bala pela rua, pregávamos ponta com ponta para confeccionar um tapete, e quem fizesse um tapete maior era o vencedor da brincadeira.

São tantas lembranças quando criança que me emociono e reconheço que fui muito feliz por conviver com minhas primas; ao mesmo

tempo em que brincávamos, brigávamos também, mas nada que um aperto de mão, um abraço e um pedido de desculpa, que a minha mãe obrigava a gente a dar, para voltarmos a brincar sem mágoas. Acredito que minha irmã, minhas primas e eu tivemos uma infância inesquecível, com muitas lembranças prazerosas que guardaremos para sempre em nossa memória. Com certeza, quando nos lembrarmos desse tempo, logo transparecerá um sorriso em nossos rostos e uma saudade no coração.

A infância hoje é muito diferente, as crianças estão utilizando muito a tecnologia para passar o tempo com celulares, computador, videogames e televisão. Elas não brincam mais de bola, elástico, pega-pega, esconde-esconde e boca de forno. Só querem ficar nas telas.

Por isso, gostaria de deixar uma mensagem às crianças do futuro e para meus sobrinhos Anne e Pedro: aproveitem a infância como aproveitei um dia, com muitas brincadeiras e rodeada de crianças para brincar, brincadeiras essas que marcaram a minha infância e me proporcionaram memórias afetivas. Crianças, aproveitem a infância, essa fase passa muito rápido. Não queiram crescer logo, aproveitem cada fase da sua vida, escutem e conversem com seus avôs e avós, mães e pais, tias e tios, pessoas essas que possuem muito conhecimento e experiências da vida, pessoas que querem apenas seu bem, seu bem-estar e que não querem que vocês passem pelas mesmas dificuldades que eles passaram um dia. Por isso valorizem mais seus entes queridos, atentem-se aos conselhos dos mais velhos, para que assim vocês tenham uma boa infância que lhe traga boas lembranças.

CAPÍTULO 3.5

DESAFIOS E MARAVILHAS

Edinalva Sandra de Jesus dos Santos

E-mail para contato: edinalvasandradejesus@gmail.com

Foi em novembro de 1981 que cheguei a este mundo, embora essa parte, claro, não me lembre. Sou a terceira de seis irmãos que minha mãe teria ao longo da vida. Nasci na zona rural de Mutuípe, uma pequena cidade situada no vale do Jiquiriçá, no estado da Bahia.

Minha família morava sempre em fazendas de cacauicultores, pois não possuíamos nossas próprias terras. Meu pai trabalhava como administrador de fazendas, e onde ele trabalhava, nós também vivíamos. Nossa família era isolada, sem parentes próximos, já que meus pais tinham migrado de outra região. Alguns parentes eu só conheci quando já era adulta.

Com tantos irmãos, nossas brincadeiras eram sempre improvisadas com o que a natureza nos oferecia. Subíamos em árvores para colher frutas, cavalgávamos, nadávamos em rios e barragens, e, ao mesmo tempo, ajudávamos nos afazeres da roça e da casa. Apesar da vida simples, éramos felizes com o que tínhamos.

A educação era o único caminho para nos abrir novas oportunidades. Comecei a estudar aos sete anos, na alfabetização. A escola ficava longe, e tínhamos que andar bastante para chegar até lá. Quando chovia, levávamos roupas extras na sacola para trocar ao chegarmos. Estudei em uma escola multisseriada, onde crianças mais velhas praticavam bullying, o que muitas vezes tornava o ambiente difícil. Mesmo assim, conseguíamos encontrar alegria em meio a tantas dificuldades.

Aos nove anos, mudei-me para a cidade para morar com meus padrinhos. Essa era minha oportunidade de continuar os estudos e mudar o rumo da minha vida. Na casa deles, já havia duas crianças, e logo chegaria

mais uma. Todas nós, hoje, tornamo-nos mulheres fortes e resilientes. Naquele novo lar, além de estudar, eu ajudava nos afazeres domésticos e, junto com minha irmã, vendíamos salgados na praça da cidade. Entre o trabalho e a responsabilidade, ainda encontrávamos maneiras de nos divertir.

Alguns meses depois, já na década de 1990, meus padrinhos abriram um bar. Passamos a frequentá-lo e a ajudar no negócio. No entanto, foi nesse ambiente que, aos nove anos, fui vítima de violência sexual, um trauma que me marcou profundamente. Esse crime brutal e cruel estendeu-se por um longo tempo, e como tantas vítimas, o medo e a vergonha me silenciaram. A dor era sufocante, e eu só queria ser resgatada, mas não havia ninguém para enxergar meu sofrimento. Tive que me salvar sozinha, ou melhor, ainda estou me salvando, por meio de terapia contínua, na qual busco resgatar a criança perdida que aprendeu cedo que a infância também pode ser sinônimo de dor. Por muito tempo busquei culpados, mas hoje, busco paz.

Em 2022, o Brasil registrava 1,9 milhão de crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, em situação de trabalho infantil, o que representava 4,9% dessa faixa etária. De acordo com a OMS, a cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são explorados sexualmente no país. A infância no Brasil é frequentemente marcada por diferentes formas de violência, seja para aqueles que querem brincar, mas não podem, ou para os que têm essa oportunidade, mas passam horas diante das telas.

Estamos perdendo momentos preciosos de convivência familiar e a chance de vivermos experiências com diferentes pessoas. Hoje, a infância está inserida em um mundo globalizado, cercado por barreiras, reflexo dos altos índices de violência. Nesse cenário, as telas se tornaram as novas “educadoras”: acalmam, silenciam, mantêm as crianças seguras, mas ao mesmo tempo impõem regras de vida nem sempre adequadas. Muitos pais, sobrecarregados com o trabalho, têm pouco tempo para conviver com seus filhos, o que contribui ainda mais para esse distanciamento.

Queridas crianças do futuro

O mundo que vocês herdam é cheio de desafios e maravilhas. Acreditem sempre no poder da imaginação, do respeito e da união. Vocês têm a força de transformar o planeta em um lugar mais justo e amoroso. Cuidem uns dos outros e da natureza, sejam gentis, corajosos e exerçam o amor e a empatia sempre. Nunca deixem de ser curiosos, de buscar o conhecimento, e, acima de tudo, de brincar bastante. A infância passa rápido, e o que não é vivido, infelizmente, não pode ser recuperado.

CAPÍTULO 3.6

O QUE ESTÁ AO REDOR

Jessika de Oliveira Sousa

E-mail para contato: comkescritora@gmail.com

Eu fui uma criança criada em uma cidade pequena do interior da Bahia, Baixa Grande, filha única durante a infância e levando o título de irmã mais velha só na adolescência, quando o meu irmão chegou. Fui criada com pai e mãe presentes, tive uma infância em que não precisei trabalhar, e minha única obrigação era brincar e estudar. Sinto-me muito privilegiada por isso, mas como nem tudo são flores, alguns momentos ruins também fizeram parte da minha infância, como o suicídio da minha avó paterna e o afastamento do meu avô paterno da família.

Eu tenho algumas lembranças da minha infância, da escola, dos amigos dessa época, e também de momentos com meu diário, quando eu escrevia tudo que via e ouvia, aliás, tudo que me acontecia ficou registrado naquelas páginas. Hoje, olhando para trás, apesar dos trancos e barrancos da caminhada, eu acredito que a minha criança interior está feliz com o esforço que tenho feito para não sucumbir em meio ao sistema e resgatar meus sonhos. Eu brinquei muito de “onoum”, de pique-esconde, sete cacos, baleado. Enfim, foi uma infância muito bem vivida.

Eu consigo perceber uma infância muito diferente da minha, começando pela do meu filho, que é uma criança que não convive com muitos primos, uma rua cheia de crianças com quem brincar. As infâncias hoje são agendadas de acordo com as agendas dos pais, na maioria das vezes, devido ao corre-corre do cotidiano, nossos filhos crescem embaixo dos nossos narizes, mas não conseguimos acompanhar os detalhes de suas vidas. As famílias também são mais reduzidas, as casas não são tão fartas de crianças como eram na minha época, e a partir de então, há um novo modelo de infância em que a construção de memórias é cronometrada. Eu, por exemplo,

busco criar momentos de qualidade com meu filho em que, mas, muitas vezes, é algo também organizado dentro de uma agenda.

Recado: Aproveitem muito essa fase com muitas brincadeiras, pois ela passa depressa, embora pareça clichê, mas não é. Saiam um pouco do celular e aproveitem as pessoas e as coisas ao redor de vocês.

CAPÍTULO 3.7

REALIZAR O EXTRAORDINÁRIO

Cristiane Dias da Silva Froes

E-mail para contato: cristianelucas825@gmail.com

Sou Cristiane Dias da Silva Froes e irei discorrer, nas linhas a seguir, um pouco sobre a minha infância, dizer como observo o processo da infância dos meus filhos, alunos, vizinhos etc., e, por fim, deixar uma mensagem para as crianças através da cápsula do tempo a ser lida no ano de 2050. Antes de começar a visitar as memórias da minha infância, gostaria de fazer um agradecimento especial aos meus queridos pais, José Oliveira da Silva e Maria da Conceição Rodrigues Dias, por me dar de presente dois irmãos maravilhosos, Cristina e José Mario, que são os principais responsáveis por lembranças tão lindas, inventivas, criativas e cheias de alegrias. Sei, meus pais, que ter três filhos consecutivos foi muito difícil. Por sermos de família muito humilde, sempre percebíamos o quanto vocês tentavam equilibrar as contas para nos proporcionar o pão de cada dia e nunca nos deixar passar por privações. Não tínhamos bonecas nem carros de brinquedo, mas para compensar esses bens materiais, faziam balanços nas árvores, confeccionavam carros com latas de óleo de alumínio, faziam casinhas com madeiras e varinhas, ensinavam meu irmão a fazer boizinhos com abacates murchos que caíam do pé e as fazendinhas com pedacinhos de varetinhas.

Boa parte da minha infância se passou na zona rural do município de Maracás-BA, em uma fazenda chamada Baixa Grande, não tínhamos acesso à luz elétrica, as visitas à cidade maracaense eram esporádicas por conta do difícil acesso aos meios de transportes. Meus pais iam toda a semana, intercalando a ida, porque um deles sempre ficava conosco; saíam na sexta-feira e retornavam no sábado, sempre à tardezinha. Confesso que, quando era o dia do meu pai ir para a cidade fazer a feira da semana, fazíamos uma grande festa entre nós, as crianças, para ele não perceber que gostávamos

mais de ficar com nossa mãe. Ela nos levava para a barragem, onde ficávamos pescando bastante tempo, e isso era um dos momentos mais divertidos da nossa infância. Da pesca, da limpeza dos peixes e da degustação era uma alegria sem tamanho. Quando era o dia dela ir para a feira, já mudávamos o comportamento totalmente porque sabíamos que por qualquer erro seríamos castigados.

Em uma dessas viagens para Maracás da nossa mãe, painho nos deixou ir até a casa da vizinha, era um sábado à tarde e já estava próximo da chegada dela, e quando chegamos lá, um saudoso vizinho nos falou:

- A mãe de vocês não virá hoje, vocês sabiam?

Quando já íamos começar a chorar, eu perguntei:

- Oxe, por que mainha não vem hoje?

- Ela foi para o velório de Ana...

Assustada e ansiosa para compreender todo aquele enredo, perguntei novamente:

- Que Ana?

Com muitas gargalhadas, ele me respondeu:

- Anador.

Fazendo referência ao remédio. Foi então que compreendemos que era uma piada, todos começaram a rir. Estavam lá a saudosa mãe dele, dona Jacir e a querida irmã Lúcia, uma amiga muito amada que temos. Meus dois irmãos e eu tivemos a brilhante ideia de fazer essa mesma piada com nosso pai. Lembro-me como se fosse agora, ele estava “lascando” lenha, super cansado e suando, o serviço era exaustivo e ainda estava preocupado com o atraso de mainha, olhava para o horizonte para tentar ouvir o barulho do carro que a trazia e nada ouvia. Resolvemos fazer a brilhante constatação:

- Painho, painho, mainha não vem hoje, ela foi para o velório de Ana.

- Que Ana, menina?

- Anador.

- Espera aí, rebanhos de sujeitos que vocês me pagam! Vou dar uma “corsa” nos três. Vocês me respeitam! Eu aqui preocupado e vocês vêm com piadinha.

Nesse momento, ele estava falando e correndo atrás dos três, partimos para debaixo da cama, e ele não conseguiu nos alcançar. Era o que achávamos na época, mas na verdade ele que não quis nos bater, ele sabia que algum adulto havia nos falado essa piada e, na inocência, propagamos para ele. Só saímos de lá com a chegada da nossa mãe.

Além dos castigos que recebíamos do nosso pai, o que nos fazia preferir ficar com a nossa mãe, ainda havia um fator mais importante: quando era ele quem fazia a feira, em um passe de mágica, sempre sobrava dinheiro para comprar três balinhas para cada um, e quando era nossa mãe, o dinheiro nunca dava.

- Mainha, e as nossas balas?

- O dinheiro não deu para comprar bala.

Quanta tristeza era aquela semana sem degustar nenhuma bala, nenhum doce, nem o pão que gostávamos tanto de comer, ela conseguia comprar. A grande lacuna nas nossas mentes era: se era a mesma quantidade de dinheiro, por que ela não conseguia comprar? Só depois descobrimos que nosso pai sempre se esquecia de algo importante que não poderia faltar e, na verdade, o dinheiro dele nunca sobrava.

Em uma dessas inúmeras aventuras que nos atravessavam na infância, apresento-lhes a mais divertida de todas para os três irmãos em comum acordo.

A derrubada das cercas

Essa história, com certeza, deve ser contextualizada em um capítulo. A fazenda Baixa Grande era um local com grandes elevações latitudinais, a nossa casa ficava na parte baixa, rodeada por pequenos morros e muitas

árvores. Nossos pais relatavam que naquele espaço havia “caipora”, um animal encantado que carregava as crianças para a parte interna da mata e desaparecia com elas. É claro que nunca nos atrevemos a ir até lá.

Hoje sei que era uma grande lenda rural, mas na época acreditávamos nas histórias. Enfim, nesse momento tratarei de outro fato.

Meu pai comprou umas duas cabeças de gado e resolveu fazer uma cerca para proteção dos animais e das pessoas que circulavam naquele espaço. Juntou-se com os amigos e vizinhos e construíram três cercas que chegavam até a barragem. Era uma semana muito chuvosa, e naquele dia específico, não choveu.

Pegamos o grande pneu de trator e o levamos até o alto da ladeira, estava escorregando bastante, o objeto por vezes quase passava por cima das três crianças, era muito pesado, mas conseguimos guiá-los até o topo. Quando chegou ao local desejado, logo abaixo estava a cerca que o meu pai havia feito com muito trabalho. Ele estava tomando banho na barragem e não percebeu a grande travessura que iríamos fazer.

Com um olhar repleto de alegria e imaginação, resolvemos soltar o pneu ladeira abaixo. O objeto desceu em uma velocidade surreal, estava tão veloz que começou a pular. Quando atingiu o meio da ladeira, pegou mais velocidade, e foi aí que minha irmã Cristina começou a gritar:

- A cerca! Ai, meu Deus, a cerca! Vai quebrar, vai quebrar.

Nesse momento, começamos a perceber o que iria acontecer, começamos a gritar:

- A cerca, a cerca, a cerca!

O que tínhamos acabou ocorrendo: o pneu quebrou as três cercas e caiu no fundo da barragem. Meu pai percebeu o estrago e gritou:

- Quando eu chegar em casa, vocês me pagam.

Partimos em disparada para casa, já prevendo o que iria nos acontecer diante dessa grande travessura e não deu outra. Ele chegou em casa

e nos deu um grande corretivo e, mesmo diante do castigo, foi um dos momentos mais marcantes para os três irmãos. Nunca mais avistamos aquele pneu, foi para a parte submersa da água. Tentamos resgatá-lo, mas não encontramos nosso parceiro de alegrias e aventuras. Ainda faltava colocar um irmão por vez, entrar no objeto e descer ladeira abaixo, era esse o nosso plano. Hoje penso como foi bom esse pneu ter desaparecido, antes da grande tragédia anunciada, não iria dar certo descermos ladeira abaixo dentro de um pneu.

Quando falamos sobre o plano para mainha, ela arregalou os olhos e nos explicou o que iria nos acontecer, mostrando-nos o grande perigo que nos reservava. Tudo se atrelava ao livramento divino:

- Foi nossa Senhora que nos livrou desse mal. Ela viu que eram três bichinhos inocentes e não têm maldade nenhuma. Podem saber, foi Nossa Senhora que fez aquele maldito pneu sumir da vista de vocês. E se eu sonhar que vocês estão lá na barragem atrás dele, vocês vão se ver. Agora não é mais com Zé (painho), é comigo! Nunca bati em nenhum dos três, mas dessa vez vocês me pagam.

Ela nunca nos ameaçava, e nesse momento percebemos que seria uma grande loucura a aventura que estávamos planejando fazer. Nunca mais fomos à procura daquele pneu, só nos restaram as boas lembranças que ele nos proporcionou durante o tempo em que o usamos como brinquedo.

O boi que odiava crianças

Entre essas inúmeras aventuras, apresento-lhes a que mais nos abalou emocionalmente. Chegou uma vaca de uma das fazendas do senhor Valdir, o patrão do meu pai, e junto com ela veio um lindo bezerrinho. Encantamo-nos com ele logo no primeiro dia e resolvemos brincar com o filhotinho todos os dias. Naturalmente eram brincadeiras inocentes, sem a noção das conseqüências dos nossos atos, como regularmente acontecia

naquela modesta localidade.

Tivemos um plano de brincar com ele, de ensiná-lo a ficar um boi bravo. Todos os dias, ficávamos de um lado da cerca e ele, do outro, começávamos a fungar e ir para cima dele. E não é que o filhotinho fazia os mesmos gestos que os nossos? Foi crescendo e, sempre que nos avistava, saía correndo com uma expressão de muito ódio, começava a fungar e a querer vir para cima da gente. Continuávamos fazendo os mesmos gestos e ele cada vez mais tornava-se habilidoso nas atitudes. O bezerro foi crescendo e tendo muita aversão a crianças. Meu pai foi percebendo e perguntou o que a gente estava aprontando com o animal. Tivemos que lhe explicar todas as nossas travessuras, ele ficou bastante preocupado e nos proibiu de passar pela estrada que dava acesso livre para o animal não nos machucar. Na estrada não havia cerca, e toda vez que ele percebia que iríamos passar, corria para a estrada e começava a arrastar o pé para trás, querendo vir em nossa direção.

Ele não gostava de crianças, especialmente das crianças que o ensinaram a ficar bravo. O bezerro virou um lindo boi e era conhecido como o “boi que os filhos de Zé de Gaza ensinaram a ficar bravo”. Ele não deixava ninguém passar pela estrada, começou a atacar até os adultos. Um dos nossos vizinhos tinha cinco filhos, que eram nossos melhores amigos, e um deles, que chamávamos “Galeguinho do Zói Azul” foi para nossa casa. O boi estava na parte alta da fazenda, e ele se esqueceu do risco que estava correndo. Quando o “Galeguinho do Zói Azul” estava atravessando, eis que surge no topo da ladeira o boi bravo que desceu em uma velocidade aterrorizante. Todos começaram a gritar:

- Corre, “Galeguinho”, corre pelo amor de Deus.

Era tarde, o boi foi mais veloz. Conseguiu atingir a criança, jogava-a para cima e ia empurrando-a no chão. Machucou bastante o nosso amiguinho, e o ataque só parou porque o animal foi contido pelo meu pai e pelos demais homens.

Nosso amigo teve que ir com urgência para o hospital em Maracás, e ficamos lá com o coração cheio de tristeza e nos sentindo culpados pelo ocorrido, porque sabíamos que éramos os responsáveis por aquele acidente. Muitas perguntas surgiram em nossas mentes, mas principalmente o pensamento: “E se o Galeguinho do Zói Azul morrer? Será por nossa culpa?”.

Levou vários dias para o retorno do nosso amigo, tiraram o boi da fazenda para depois sacrificá-lo, e todos nos culpavam pelo ocorrido. Os vizinhos diziam:

- Esses três meninos parecem que tem uns trens por dentro, não é possível o tanto que aprontam! Não param, só gostam de brincadeiras doidas.

Confesso a vocês que essa história nos abalou emocionalmente e profundamente. Não fizemos com a intensão de machucar ninguém, em especial um amigo tão querido. Quando o “Galeguinho do Zói Azul” chegou, foi uma grande alegria naquela Baixa Grande; o garoto não teve nenhuma seqüela, para nossa sorte.

“Em meu nome, da minha irmã Cristina e do meu irmão José Mario, queremos te pedir desculpa mais uma vez, Jaílson, e de forma oficial, por ter feito você passar por aquele acidente tão impactante e assustador”.

Esse é mais um capítulo da minha infância, que começou com momentos muito divertidos, porque era engraçado para nós ensinarmos o bezerrinho a ficar bravo. No entanto, acabou em tragédia e deixou marcas de tristeza nos três irmãos. Essa nossa atitude poderia terminar em uma tragédia fatal. Não temos mais contato com ele, só com os pais, mas guardamos esse querido amigo em um lugar muito especial em nosso coração. Talvez essa seja a única história da infância que nos aciona tristezas e angústias, e que não conseguimos contar sem sentir uma “sensação de aperto no coração”.

O caminho da escola

As histórias são muitas, mas irei finalizar com esta que é um divisor de águas na vida das três crianças. A partir dela, houve a transição da zona rural para a cidade de Maracás, e aquele encantamento, o jeito inventivo e criativo de ser, foi dando espaço à televisão e ao deslumbre por coisas materiais, como bonecas e carros, além de momentos de brincar sozinhos, sem tempo para compartilhar ideias, planos e sonhos. Mas antes de começar esse novo relato, quero dizer que os melhores momentos da minha vida estão atrelados à minha infância e posso lhes dizer com toda a certeza, “eu tive uma infância perfeita aos meus olhos. Fui uma criança humilde, criativa e inventiva. O mundo era muito mágico, sem acesso ao papai Noel, aliás, o Natal para nós era o nascimento de Jesus, um menino humilde como a gente, que espalhou o amor por onde passou e era o nosso maior exemplo de criança feliz. Pelo menos era isso que a nossa mãe nos ensinava”. O Natal era o símbolo do presépio da casa da minha saudosa e tão amada avó Erotildes, que me ensinou a ter orgulho do que sou e do meu povo negro e quilombola.

A escola ficava em outra região, e da nossa casa até a instituição, levava uma hora andando. As nossas aulas eram no período matutino, às cinco horas da manhã, já estavam todos acordados e nos preparando para ir estudar. Eram de seis a oito crianças que viviam na fazenda, e os pais não podiam levá-las porque tinham que trabalhar. Saímos às seis e quarenta para chegar às oito com tranquilidade. Contudo, a chegada à escola tinha dois acessos: um pela mata fechada, com um caminho estreito, e o outro, pela grande barragem, e confesso que a última opção era a mais perigosa.

Todos os pais proibiram que fôssemos por aquela estrada que dava acesso à barragem, e nossos pais diziam que, se desobedecessem a eles, poderiam colocá-los na cadeia. Mas era irresistível não passar por aquela linda barragem. Toda vez que eles não estavam de longe nos observando, íamos pela estrada da barragem e, quando chegávamos lá, parávamos no açude e começávamos a jogar pedras para ver quem conseguia fazer a pedra saltar

mais vezes. Ficávamos horas fazendo essa brincadeira e chegávamos à escola na hora da merenda, às dez horas. Isso foi acontecendo com muita frequência e, quando chegou o final do ano, minha mãe foi à escola e percebeu que todos os seus três filhos iriam repetir de ano escolar.

Ela ficou muito triste e resolveu se mudar com toda a família para Maracás. Para nos proporcionar um acesso efetivo à escola, que agora a escola estava a três minutos da nossa casa, não tínhamos mais desculpas para as faltas. Mesmo trabalhando muito e quase nunca tendo tempo para nos orientar nas tarefas, nossos pais demonstravam o quanto essa atitude de vir para a cidade foi por nós, visando proporcionar oportunidades de estudar que não tínhamos na Baixa Grande. E como relatei no início deste capítulo, a magia da infância foi se perdendo com a nossa vinda para a cidade. Mas sei que foi a melhor decisão que os meus pais tomaram e, mais uma vez, eu lhes agradeço por sempre nos proporcionarem as melhores coisas que poderíamos alcançar através dos estudos.

A luta dos meus pais nunca foi fácil, para nos proporcionar uma educação acessível. Ao ingressar na cidade de forma definitiva, eles passaram por momentos difíceis e não encontraram trabalhos de imediato, eram trabalhadores rurais dentro de um espaço urbano. Mas vencemos, e hoje sou grata a vocês, José e Maria, meus heróis pais.

A infância hoje

Ao olhar para as inúmeras aventuras que vivi na minha infância, sinto que os tempos mudaram radicalmente. A infância de hoje está profundamente ligada às redes sociais e a socialização das crianças frequentemente se torna superficial. Isso se deve, em grande parte, à superproteção imposta por muitos pais e responsáveis, que, sem perceber, restringem as experiências reais e as interações com vizinhos, amigos do bairro e colegas. É essencial que incentivemos as crianças a se conectarem com o mundo ao seu redor, promovendo momentos de desconexão das

redes sociais. A convivência com o outro é fundamental para o desenvolvimento emocional e social, e devemos criar oportunidades para que esses laços sejam fortalecidos através do contato direto.

Queridas crianças do futuro

Amadas crianças do amanhã, caso estejam lendo esta mensagem, isso indica que o tempo realmente avançou e que tudo está em contínua mudança. Neste momento, em 2024, vivemos em um mundo repleto de desafios e belezas, e é com otimismo que nos dirigimos a vocês. Primeiramente, queremos que saibam que temos grandes sonhos para o futuro. Cada um de vocês desempenha um papel essencial nesse sonho. Vocês possuem a capacidade de transformar o mundo em um lugar melhor. Questões como o meio ambiente, a paz, a inclusão e a tecnologia nos preocupam, mas, ao mesmo tempo, motivam-nos. Esperamos que tenham encontrado formas criativas e inovadoras de lidar com os obstáculos que enfrentamos em nosso tempo. Nunca se esqueçam de valorizar a amizade e a empatia. O amor e o respeito pelas diferenças são essenciais para construir um futuro harmonioso. Aprendam com as experiências do passado e utilizem a sabedoria adquirida. Por último, nunca deixem de sonhar e de buscar novos conhecimentos. Cada descoberta representa uma nova oportunidade, e acreditamos que vocês têm a capacidade de realizar o extraordinário.

CAPÍTULO 3.8

CUIDADO COM A ACADEMIA

Iuri Nascimento Souza

E-mail para contato: iurisouza23@hotmail.com

Minha infância foi marcada por uma rotina que mesclava responsabilidades e diversão, sempre sob o olhar carinhoso e atento dos meus avós, que me criaram desde o nascimento. A partir dos sete anos, comecei a trabalhar meio período no mercado do meu tio, equilibrando esse trabalho com as minhas obrigações escolares. Meu tempo restante era dedicado ao que eu mais amava: brincar com meus amigos na rua.

A rua era o meu espaço de liberdade e diversão. Lá, eu vivia intensamente, mergulhando em uma infinidade de brincadeiras que marcavam minha infância: jogávamos bola, soltávamos pipa, brincávamos de sete cacos, baleado, piões e pedalávamos nossas bicicletas. O tempo livre também era preenchido com pega-pega, esconde-esconde, congeladinho, estrelinha na cancela, morto-vivo e papai e mamãe. Essas atividades eram mais do que simples passatempos; eram a essência da minha alegria e do meu crescimento.

Apesar do carinho da minha avó, que frequentemente tentava me manter dentro de casa, comprando videogames para me distrair, eu nunca conseguia ficar longe da rua por muito tempo. Lembro-me das vezes em que ela saía para a missa e, para evitar que eu escapasse, trancava as portas e levava a chave. Mas eu sempre encontrava um jeito de burlar suas precauções. Pulava a janela do quarto dela, escalava o muro e passava por cima do portão para me reunir com meus amigos. Ela também nunca me deixava ir para o rio com meus amigos e com as pessoas mais velhas da rua. Chegava o dia de domingo e todos iam se banhar no rio, eu era a única criança que não ia, era como se a rua fosse um deserto naquele momento. Eu sempre fazia um

escândalo e falava que iria fugir de casa.

Certa vez, em um domingo, fui para o rio escondido com os meus amigos. Na volta, a gente pegou ponga em um caminhão, e, em um determinado lugar, eu pulei desse caminhão em movimento e bati a cara do chão, machucando meu queixo (não façam isso!). Diante da situação, os moradores da rua me acudiram e eu fui para casa com o queixo ainda sangrando. Chegando em casa, eu falei para minha avó que eu havia caído jogando bola, porque se ela soubesse a verdade, a surra era certa.

Essa rotina, que alternava entre a escola, o trabalho e a diversão ao ar livre, definia minha vida. Cada dia era uma nova aventura, cada momento na rua era uma chance de criar memórias inesquecíveis. Minha infância foi uma época de aprendizado, amizade e alegria, marcada por simplicidade.

A infância atualmente

A infância hoje é uma fase cheia de complexidades e mudanças rápidas, moldada por tecnologias digitais e questões socioeconômicas. As crianças estão crescendo em um ambiente digitalizado, o que traz tanto oportunidades quanto desafios, como o acesso à informação e o impacto na socialização e na saúde mental. De um lado, a tecnologia proporciona amplo acesso ao conhecimento, tornando mais fácil o processo de aprendizagem e a conexão com diversas culturas e conceitos. Ferramentas educacionais, jogos interativos e materiais online podem incentivar o desenvolvimento da criatividade e habilidades técnicas desde a infância.

Por outro lado, existem pontos negativos. A comunicação pessoal está se tornando cada vez mais escassa, o que pode impactar negativamente a aquisição de competências sociais e emocionais. As atividades ao ar livre, que promoviam a colaboração, resolução de problemas e empatia, estão sendo trocadas por momentos solitários diante de dispositivos eletrônicos. Além disso, a exposição excessiva a dispositivos digitais pode impactar a

saúde mental das crianças, levando a problemas como ansiedade, problemas de visão e transtornos de atenção. O conteúdo online, nem sempre adequado à idade, pode criar expectativas irreais e distorções sobre o mundo, o que pode ser especialmente prejudicial para o desenvolvimento.

Antigamente, as ruas eram o principal espaço de convivência e brincadeiras. As crianças passavam horas ao ar livre, correndo, jogando bola, bonecas, subindo em árvores e inventando suas próprias diversões com brinquedos construídos por elas mesmas. Esses momentos não só estimulavam a criatividade, mas também fortaleciam os laços comunitários, o senso de pertencimento e a interação social. Era uma infância marcada pela simplicidade, pela liberdade de exploração e por uma proximidade com a natureza.

Vale ponderar também que, a pressão por desempenho escolar e a agenda cheia de atividades extracurriculares contribuem para uma infância mais estruturada e menos espontânea. As crianças têm menos tempo para o ócio criativo e para explorar o mundo de forma autônoma.

Queridas crianças de 2050

Quando vocês lerem esta mensagem, o mundo terá mudado de maneira que hoje não conseguimos imaginar. Mas há algo que sempre permanecerá: a beleza da vida que vocês carregam dentro de si.

Vocês são o fruto das esperanças e dos sonhos que plantamos aqui, em 2024. Mesmo que os desafios sejam grandes, nunca se esqueçam de que vocês são fortes, resilientes e capazes de criar um mundo mais justo, mais gentil e mais amoroso. Valorizem a sabedoria dos mais velhos, mas também confiem na força que nasce de seus corações.

Que vocês encontrem nas pequenas coisas a grandeza da vida – o sorriso de um amigo, o abraço de quem ama, o brilho das estrelas no céu. Que nunca percam a curiosidade, a alegria de aprender e o desejo de construir

pontes, em vez de muros.

O futuro está em suas mãos. Lembrem-se de que cada gesto de bondade, cada ideia compartilhada, cada sonho perseguido pode transformar o mundo. E que, acima de tudo, o amor é o que nos torna humanos, o que nos conecta, mesmo quando as distâncias parecem grandes.

Estamos aqui, acreditando em vocês. E, onde quer que estejamos em 2050, saibam que estamos torcendo para que o mundo que construírem seja cheio de luz, esperança e amor. E para acabar, se vocês forem fazer mestrado um dia, cuidado com a academia, ela não é tão boazinha assim.

Com carinho e confiança no futuro,

Alguém de 2024.

CAPÍTULO 3.9

FERRAMENTAS QUE VOCÊ PRECISARÁ

Lidiane Almeida Silva

E-mail para contato: lidynpf3@hotmail.com

A minha infância perpassou por diversos momentos em que uma criança saudável e feliz poderia viver. O sentido de felicidade aqui não significa estar em condições financeiras de alto padrão, mas, estar rodeada de pessoas amadas e queridas que, a todo momento, acolheram-me e me protegeram. São poucas as memórias que carrego até os meus oito anos, mas dessas poucas que trago, elas vêm recheadas de muito carinho e dedicação pelos meus pais e irmãos que me amaram, protegeram e cuidaram da melhor maneira que eles podiam, fazendo de mim uma pessoa cada vez mais humana, com valores extintos na geração atual, respeito, obediência, verdade e honestidade aprendi desde criança.

Viver a infância é algo incrível, os sonhos e as construções de ideias são uma fantástica fábrica de realizações. Desde o brincar de comadre e compadre com os irmãos no fundo do quintal, de baleado na porta de casa com os vizinhos, bandeirinha, bola de meias e de papel, pega-pega, esconde-esconde, bonecas de pano, de meia, guiador, boca de forno, capitão, até o carrinho de rolimã. Ah, que saudade essas memórias me trazem! Sendo assim, fui uma criança que aproveitou bastante a infância, as vivências que tive fizeram de mim a pessoa adulta que hoje sou, valorizando o brincar, a ingenuidade e perspicácia infantil.

Infelizmente, na atualidade, a infância está sendo trocada. Os pais não têm mais tempo e paciência para brincarem com seus filhos, que passam horas em frente a telas, seja do computador, tablete ou celular, acessando jogos e assuntos que muitas vezes aceleram ou dificultam o seu desenvolvimento psíquico e intelectual. Uma geração que está sendo formada

por filhos únicos, torna-se cada vez mais isolada, algumas crianças até se tornam egoístas. Quando não criadas e educadas por babás ou creches, são expostas precocemente às telas e redes sociais. Com isso, a infância está sendo vivenciada atualmente de maneira muito isolada, sem o contato, a vivência e as trocas humanas. As brincadeiras tidas como de rua com outros colegas já não existem, também por falta de segurança, hoje são trocadas por brinquedos que o *marketing* oferece, fortalecendo o capitalismo.

Precisamos urgentemente cuidar dessa geração de infância que serão os descendentes. É preciso embutir nessas crianças o hábito de brincar e viver uma das etapas cruciais para o desenvolvimento pleno do ser humano, e para que isso aconteça, nós, enquanto adultos, precisamos incentivar e motivar as crianças, resgatando brincadeiras, músicas e modelos que propiciem uma infância memorável. Não podemos deixar que essa geração se quebre por conta da tecnologia e do mundo digital, devemos agregar a tecnologia para favorecer uma infância saudável.

Querida criança

Aproveite para brincar! Não se importe se o joelho ralar, sujar-se ou até mesmo se a roupa branca manchar. Nada disso importa. O que verdadeiramente importa é que você viva, intensamente esta fase da infância que jamais voltará. Se você não aproveitar agora, lá na frente sentirá muita falta de não ter corrido, arranhado-se, ter andado descalço, brincado na chuva, e de não ter muitas histórias arteiras para contar. Lembre-se sempre da obediência e do respeito ao papai, à mamãe e às pessoas adultas, Ah! E a verdade sempre contar, essas são ferramentas que você sempre vai precisar, porque desde criança, esses valores são imprescindíveis. Não fique presa à tecnologia e ao mundo digital, brinque e divirta-se muito. Desejo que você seja muito feliz e que não quebre esta corrente de viver a infância com intensidade e muita ludicidade. Seja feliz!

CAPÍTULO 3.10

VIVER POETICAMENTE

José Raimundo Carvalho

E-mail para contato: raicarvalho50@yahoo.com.br

A doce e dura infância na fazenda Piabas

Ainda sinto o cheiro quente do perfume do sol que tingiu o lençol de pano de saco que minha mãe lavou com água da cor de ferrugem, apanhada do riacho que cortava a roça da gente. Com sabão de massa, lavava tudo cuidadosamente em uma bacia de zinco e deixava esses lençóis secarem na cerca de arames farpados durante um tórrido verão, que exalava os cheiros das flores dos gravatás, das macambiras, das mangueiras e dos cajueiros no bioma caatinga que nos cercava. Ao me cobrir com esse lençol, os cheiros de sol me faziam sentir aconchego, conforto e leveza delicada sobre o meu corpo franzino, deitado na cama, logo após o anoitecer na roça, onde eu nasci e morava.

Mas como descrever o cheiro do sol? Tinha cores com um cheiro que até hoje eu não sei descrever. Tinha texturas do carinho das mãos perfumadas de minha mãe, que ao me cobrirem com esse lençol, conseguia sentir as cores perfumadas do sol.

Ah, ainda me lembro do garrancho nas mãos firmes de minha mãe a rabiscar os alfabetos maiúsculo e minúsculo na areia branca do terreiro de nossa casa — precisamente na Fazenda Piabas, no município de Biritinga, Bahia. Nós não tínhamos papel nem lápis para escrever. E essa aula era dada perante o testemunho das manhãs frescas, por causa das árvores que rodeavam a nossa casa de taipa de chão batido. Minha mãe, embora semianalfabeta, desenhou as letras na areia para que eu pudesse ir para a escola com alguma noção. Havia apenas uma turma multisseriada na escola Rubem Nogueira, localizada na Fazenda Cassuá, na casa da minha primeira

professora Paulina Araújo. Com sete anos, eu já pude ir para essa escola, com o privilégio de ser alfabetizado por minha mãe. Ia andando logo cedinho, todos os dias, com colegas e primos vizinhos.

Ainda me lembro da pipa amarela que eu mesmo fiz com papel de seda e taliscas de palha de coco. Fazia a festa ao empinar essa pipa, que contrastava com um límpido céu azul no final da tarde. Ah, me recordo dos carros feitos com lata de óleo de comida da marca Salada, com pneus de sandálias havaianas velhas. Os carros (caminhão, jipe, trator) que eu fazia tinham quase todos os detalhes de um carro de verdade, com os feixes de molas feitos de pedaços de zinco para facilitar o deslizar dos carros na pista cheia de curvas, feita com areia e barro no terreiro de casa.

Fiz muitas arapucas para pegar passarinho, muitas “inchós” para pegar preás, gaiolas para criar pássaros, feitas com pedaços de manaíba (caule de mandioca) e fechadas com taliscas da palha dos pés de coco que tínhamos na roça da gente. Fiz peteca com sabugo de milho, bola de meia, mesa de sinuca para jogar com bola de gude. E minha mãe me ensinou a costurar com agulha e linha para remendar as roupas desgastadas pelo tempo de uso. Brinquei de bola, subi em pé de coco, de manga e de caju para pegar os frutos e comer ou chupar. Vendi mangas, quiabos, cocos e cana-de-açúcar na tradicional feira livre no dia de quarta-feira na cidade de Biritinga.

Tomei muitos banhos de lagoa, de açude e de riacho que cortava a nossa roça, onde a gente aproveitava e pegava água todas as manhãs, bem cedinho. Ali mesmo, nós enchíamos os potes de barro com água coada num pequeno tecido de pano de saco, o qual ficava cheio de bichinhos chamados de “cabeça de prego”, muito parecidos com o *Aedes aegypti*. Usávamos essa água sem filtrar e sem ferver para beber, fazer comida e tomar banhos em bacias, pois não tínhamos banheiro.

As plantações de feijão e milho em épocas de inverno, em terra fresca pelas chuvas de inverno, eram aradas com arado guiado por um

homem, com tração de dois bois. Meu pai cavava as fileiras de buracos na terra recém-arada, e nós — eu, minha mãe e meus dois irmãos — íamos jogando as sementes de feijão chita fina e cobrindo as sementes semeadas, jogando a terra com um dos pés. Trabalhávamos até antes do meio-dia, porque à tarde íamos estudar no ginásio na cidade.

Depois de alguns dias, o feijão já crescido, nós íamos limpar com enxada as plantas daninhas em toda a plantação de feijão já florescido. A colheita era árdua e trabalhosa. Era sempre no mês de setembro, em pleno sol quente. Meu pai reunia vários homens e mulheres da redondeza para fazer a bata de feijão. Os homens com cacetes de madeira nas mãos. Todos batiam no mesmo ritmo nas vagens do feijão já seco, e os caroços saíam das vagens com as pancadas. Os corpos pareciam dançar no mesmo gingado. Os estilhaços das vagens viravam só palhas secas. Os homens, todos com chapéus de palha, suados, empurravam as vagens com um dos pés para juntar as que se espalhavam com as firmes pancadas dos cacetes. Era um ritmo seguido de cantigas, com vozes masculinas em sintonia com as pancadas dos cacetes, as vozes, as vagens se debulhando, as sementes se aglomerando no chão duro, que meu pai limpava muito antes dos homens chegarem, que já achavam os feijões em vagens, todo empilhado, esperando ser colhido. Meu pai, minha mãe e nós, filhos, dávamos um duro danado, porque trabalhar na roça é brabo. Sol muito quente nas cabeças dos homens, protegidas com chapéus, e as mulheres, com lenços amarrados, vestiam saias por cima das calças que cobriam suas pernas para proteção de arranhões. As sementes eram beatadas (peneiradas) com urupembas, e, com o movimento braçal, o vento separava as palhas das sementes que eram colocadas nos sacos.

Todos trabalhavam, cantavam, comiam, bebiam um gole de cachaça, riam, tagarelavam, faziam planos, contavam causos, davam pausa e, quando o pôr do sol anunciava o fim do dia, corpos completamente cansados, suados e empoeirados davam o dia como proveitoso. Não sei quantos sacos meu pai

colhia, mas vendia algumas sacas muito barato, guardava para comer durante o ano todo e já separava as sementes para a próxima plantação. Ficou em mim o cheiro de tudo: do feijão sendo debulhado, peneirado e ensacado!

Os cheiros do feijão todo florado, das espigas de milho e dos pendões das flores amareladas. Os cheiros dessas espigas de milho, que eram chamadas de bonecas, tinham cabelos avermelhados nas suas extremidades. Cheiros da água do riacho, com águas correntes, com cores enferrujadas e vários peixinhos (piabas) a correr livremente, fáceis de pescar com cestos para depois comermos com torradas no óleo ou toucinho em panelas de barro no fogão a lenha.

Ah, as famosas noites de São João e São Pedro, repletas de fogueiras acesas nas frentes das casas das pessoas da Fazenda Piabas, que hoje é chamada de Povoado ou Comunidade. Eram muitos foguetes estourados e cheiro do bolo de puba que minha mãe fazia com tanto sacrifício. Meu Deus do céu, quanta labuta, quanto sofrimento, quanto trabalho, quanto sacrifício!

Não tínhamos banheiro. Fazíamos nossas necessidades no mato e nos limpávamos com folhas de malva, verdinhas, macias e cheirosas. As noites de lua eram encantadas, brincávamos de roda, cantando:

Eu morava na areia

— Sereia!

Mudei-me para o Sertão

— Sereia!

Aprendi a namorar

— Sereia!

Com um aperto de mão

— Ó Sereiá!

E minha mãe cantava para a gente aprender a canção Banda de Chico

Buarque:

Estava à toa na vida

O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Tocando coisas de amor. (Buarque, 1966)

E meu pai aboiava, pois era vaqueiro de profissão. Soube depois da morte dele que, quando aboiava, tangendo gado de Minas Gerais a Sergipe, as mulheres choravam emocionadas ao ouvir!

Ah, as noites de ladainhas no dia 1º de novembro, Dia de Todos os Santos! Dona Sofia, Dona Teté e outras mulheres ficavam sentadas no chão batido ao redor do oratório, com as imagens barrocas de Nossa Senhora de Belém — uma das padroeiras da cidade — entre outras imagens enfeitadas com velas acesas e várias flores de jasmim manga, nas cores branca e rosa, que eu e minha irmã pegávamos na roça para enfeitar o altar.

Os cheiros das velas acesas, da luz do candeeiro com o aroma de gás e o perfume dos jasmims se misturavam, perfumando toda a sala da casa de taipa, com seu chão batido e pouca claridade. Esses perfumes se misturavam com as muitas vozes dos homens e mulheres convidados para a noite de reza. Nada era servido, apenas uma xícara de café que era plantado, colhido, torrado e moído por nós e por minha mãe. Os aromas enfeitavam aquela noite tão sagrada, bonita e simbólica, uma tradição dos meus avós maternos, Marcelino de Boa e Florença Teixeira, já falecidos na época.

Ah, saudades de Mãe Júlia, nossa mãe que ajudou no parto dos filhos de Dona Lindaura (Lora) e seu Arlindo Vaqueiro! Era uma mulher negra, baixa e um pouco gorda, que dormia em nossa casa durante as medonhas noites de trovoadas, enquanto meu pai estava distante, trabalhando na fazenda de Pedro Correia — um homem negro, rico, ruim e avarento.

E tinha seu Antônio de Belinha, nosso vizinho rezador, que me rezava para Espinhela Caída, Sol e Sereno, Quebranto, Dores de Cabeça e Mal Olhado, além de fazer adivinhações. As mulheres vizinhas faziam “loiças” de barro tirado da beirada de uma várzea próxima: panelas,

frigideiras, potes, porrões e os tão esperados brinquedos de lapinha — bois, vacas, cavalos e cobras. Tudo era feito do barro que comprávamos para enfeitar os presépios que minha irmã e eu armávamos num cantinho da casa. Celebrávamos com muita alegria e devoção durante o Natal, e não queríamos desarrumá-lo após o Dia de Reis, pois queríamos ter a lapinha armada o ano inteiro.

Não passávamos fome, pois quem mora na roça não passa fome, há muitas frutas, água de riacho para beber, além do banho de chuva e das brincadeiras que nos entretêm fazendo-nos esquecer até de comer. Tive uma infância rica em criatividade, inocência, alegria e, principalmente, muitas brincadeiras com brinquedos feitos por mim mesmo. Porém, não tínhamos dinheiro para comprar sapatos ou roupas; usávamos roupas dos primos que moravam em Serrinha. Os aboios do meu pai, as batas de feijão com suas cantigas, as ladainhas nas noites de reza, as mulheres peneirando o feijão, as brincadeiras de roda em noites de lua cheia, as pipas amarelas no céu azul, o alfabeto desenhado no terreiro, os desenhos na areia e os badogues faziam parte do meu cotidiano. Da minha mãe, sempre ouvi uma frase que não me saiu da memória: “Meu fio, a minha avó foi pega no mato a dente de cachorro.”. E da minha avó paterna, Dona Hermínia Pereira dos Anjos, a história de que sua mãe era indígena, também pega no mato.

Da minha cidade, Biritinga — um nome indígena que significa “Biri” (cana) e “Tinga” (branca) — ouvi apenas isso durante toda a minha infância. Depois disso, só silêncio. Nada se ouviu, nada se comentou ou se comenta. As escolas, igrejas e outras repartições nada sabem. Mas, com certeza, os índios Biritinga habitaram a região e deram o nome à cidade. E, sem dúvida, minha descendência indígena está impregnada nesse silêncio, o que me faz buscar comprovações dos meus ancestrais. Sei que meu futuro se constrói sobre os alicerces da nossa ancestralidade, um caminho sempre desenhado pelos depoimentos da minha mãe e da minha avó.

É esse caminho que eu traço, pois é nessa caminhada que pulsa e lateja meu coração, conferindo-me pulsações de bonitezas. Mas o que mais me marca até hoje é a percepção de minha mãe como pedagoga, que, mesmo não sendo letrada, ensinou-me as lições que as flores exercem com muita sabedoria. Hoje, sei que as flores são minhas pedagogas, e com elas, minha vida tem outras cores e outros perfumes que me iluminam, dando prumo à minha vida e me ensinando a viver poeticamente. **Vivam poeticamente.**

CAPÍTULO 3.11

O QUANTO SOMOS FRÁGEIS

Agna Santos Amparo

E-mail para contato: agnamparo@gmail.com

Narrativas de Infância

Querida criança do futuro, meu nome é Agna Santos Amparo, estou no ano de 2024. Nasci no ano de 1980, sou filha do segundo casamento de meu pai. Do primeiro casamento, meu pai tinha doze filhos. A minha mãe era quarenta e dois anos mais jovem do que meu pai e era da idade da filha caçula dele quando se casaram. No segundo casamento, meu pai teve mais dois filhos: meu irmão e eu.

Embora eu tenha nascido no ano de 1980, fui criada do mesmo jeito que meu pai criou os demais filhos dele. Não tínhamos aniversário, porque ele nunca tinha feito aniversários para os demais filhos, eu, enquanto menina, não podia andar de bicicleta, nem montar em animal em pelo, ou sequer trepar em árvores, coisa que eu adorava fazer quando ele não estava por perto. Eu era um adulto em miniatura, andava sempre com vestidos cheios de renda, tinha que ficar sempre sentada próximo da minha mãe, porque ele sendo evangélico acreditava que assim eu deveria me comportar. Na igreja, eu tinha sempre que cantar ou participar das apresentações, mas sempre com as cobranças de um adulto e não as de uma criança.

Meu pai era um homem muito respeitado, lembro-me dele fazer rimas com a política da cidade, sempre com liberdade para atacar a todos, nunca deu apoio a nenhum candidato e brincava sempre com a temática da política. Era um fazendeiro do cacau, e por ter uma condição financeira melhor em sua família, acabou abrigando uma pessoa para estudar. Eu tinha apenas quatro anos de idade, quando fui abusada por essa pessoa. Eu tinha um irmão mais velho, do primeiro casamento do meu pai, que por ser

portador de demência, morava conosco. Por sorte o meu irmão viu a cena desse abuso que sofri, e chamou o meu pai. O meu pai pediu que dessem uma surra nesse rapaz e sumissem com ele, porque se o visse não sabia o que seria capaz de fazer com ele. Contudo, apesar da cidade ser pequena, um município de Ibirapitanga, chamado Itamarati, que não chegava a ter dois mil habitantes na época, foi fácil abafar as línguas fofoqueiras, com o discurso que o meu irmão tinha demência e que era coisa da cabeça dele.

Acho que por um recurso de defesa o meu cérebro não se recordava de nada disso, até quando fiz doze anos de idade que um sobrinho meu, perguntou a minha mãe se ela tinha notícias desse rapaz, e no momento que falou o nome do homem que havia me abusado quando era criança, meu cérebro relembrou de tudo como um gatilho. Comecei a ter crises de ansiedade, sonhar com o ocorrido, mas quando tentava conversar sobre isso com a minha mãe, ela dizia que não tinha acontecido nada e foi conversa desse meu irmão demente.

Comecei a investigar e, durante esse processo, uma sobrinha me contou tudo o que havia acontecido. Acabei culpando a minha mãe por não ter cuidado de mim e por ter permitido que isso acontecesse. No entanto, eu acabei entendendo que ela vivia cheia de demanda, gerenciando uma casa que vivia o tempo todo muito cheia de gente, entre filhos e netos do meu pai, e que tinha que estar a serviço de todos o tempo todo, para garantir que não faltasse comida e oferecer uma recepção impecável, para não ouvir falatórios sobre ela. Infelizmente, não importava o que ela fizesse para agradar, sempre falariam dela. Hoje, entendo que ela fez o que pôde, mas não conseguiu impedir esse episódio fatídico da minha vida.

Quando completei catorze anos de idade, o meu pai faleceu, e tudo ficou ainda pior. Os filhos dele tiraram tudo o que a minha mãe tinha, restando apenas uma casa no município de Itamari-BA e uma roça com cacau e gado. Contudo, o cacau e o gado, haviam sido vendidos, deixando minha

mãe apenas com o que sobrou. A minha mãe não herdou nada e abriu mão desse direito para conseguir ter paz.

Apesar da morte do meu pai, os assédios na minha família não paravam. Minha mãe sempre quis manter-nos próximos da família, e eu sempre era assediada por um dos netos do meu pai, que, a qualquer oportunidade, tentava me beijar à força e me apalpar. Cada vez mais, eu já não conseguia contar mais nada para minha mãe e tentava me proteger sozinha. Contudo, o sofrimento não foi apenas meu. O meu irmão mais velho, sempre muito apático, conseguia se manter longe da família trancando-se no quarto sempre que alguém chegava. Seu refúgio eram os livros. Quando eu finalmente entendi isso, comecei a fazer o mesmo; os livros e as leituras tornaram-se meu refúgio, sempre.

Meu irmão sempre se destacou na escola, e minha mãe não pôde pagar escola particular para nós dois. Tivemos que alugar a casa para que ela conseguisse pagar escola apenas para meu irmão, enquanto eu fui morar com uma tia no município de Ibirataia-BA. Meu irmão foi morar na casa de um colega e minha mãe foi morar na roça, onde a água mais próxima ficava a meio quilômetro ladeira abaixo. Tendo que buscá-la com um animal ou com baldes na cabeça, que era o mais comum, na época.

Meu irmão passou em Medicina e eu fui morar na roça com a minha mãe no segundo ano de magistério. Consegui uma vaga para dar aulas em uma escola perto da roça da minha mãe, e todo o dinheiro que ganhava era enviado para o meu irmão todos os meses. Minha mãe também conseguiu o emprego como merendeira e zeladora nessa escola, mas não havia fogão disponível; a merenda era feita em fogão à lenha, o que a fez contrair uma bronquite crônica asmática, que hoje evoluiu para uma embolia pulmonar, por conta da fuligem do fogão à lenha.

O importante é que conseguimos formar meu irmão em Medicina, e eu passei no concurso para professora posteriormente, e aqueles momentos

na roça, sem energia e sem água, foram os melhores momentos de minha vida. Minha família sempre priorizou o amor. Hoje, compreendo como minha mãe foi forte e, apesar de achar que eu sofri muito na infância, tenho certeza de que ela sofreu muito mais do que eu.

Hoje eu sei, que se não fosse por ela, não estaria aqui. Se não fosse meu pai e sua sabedoria em nunca agredir, mas sempre se calar e se afastar, não estaríamos aqui. Somos uma família de verdade: eu, ela e meu irmão. Infelizmente, não consigo considerar os demais filhos de meu pai como irmãos. Acredito que ele não sabia que os filhos seriam desse jeito e que nos deixariam à toa. Por isso, ele não deixou um testamento para nos deixar protegidos financeiramente, porque ele era um homem justo. Hoje, temos aproximação, por conta da minha mãe, que sempre fez questão de nos manter próximos à família de meu pai. E, que apesar de tudo o que aconteceu, tenho irmãos com os quais consigo ter um pouco de carinho, mas acho que esse carinho, é muito mais por respeito à memória do meu pai.

Confesso que não foi fácil escrever essa narrativa, ela ainda me atravessa com muitas lembranças dolorosas e é um gatilho de uma nostalgia de sofrimentos, que, de fato, gostaria muito de esquecer. Por outro lado, sinto-me aliviada como se estivesse livre de algo que me prende e me enfraquece. Hoje tento dar todo o amor que a minha mãe merece, amor que por muito tempo eu lhe neguei. Quanto ao meu pai, sempre tive muito carinho por ele, apesar da idade avançada dele, ele sempre me deu muito amor e me ensinou bons costumes e valores, que infelizmente, alguns de seus filhos e netos não conseguiram absorver.

Por isso crianças do futuro, não confiem em todas as pessoas apenas porque são seus parentes. Desconfiem de tudo que vem muito fácil e valorizem sempre as dificuldades. Amem a sua mãe acima de tudo, lembrem-se de que elas farão tudo por vocês, mas que nem tudo depende apenas dela. Amem o seu pai e vivam cada momento com eles, absorvam cada valor que

Cápsulas do Tempo

eles passarão a vocês, e entendam que nada acontece por acaso, e que só vamos compreender o quanto crescemos e o quanto somos frágeis, quando somos agraciados com os nossos próprios filhos.

POSFÁCIO

Chegamos ao ano de 2050 e nossa Cápsula do Tempo será aberta pelas crianças de hoje – as crianças do futuro. O futuro, essa invenção de tempo humana que nos joga num cenário imaginado e quase sempre tão pouco tangível. Há crianças que ainda brincam. Há núcleos de resistência espalhados pelas cidades que escondem as telas digitais de todas as crianças por algumas horas por dia, ao longo de todas as semanas. Bolinhas de gude, bambolês que fazem barulhinhos, corda, elástico, carrinhos, bonecas, bolas, todos esses brinquedos ficam espalhados livremente nesses núcleos. Pega-pega, esconde-esconde, ciranda, amarelinha, chicotinho queimado, sete cacos, baleado, polícia e ladrão, mamãe mandou são as brincadeiras que se pode brincar, além de todas as outras que a imaginação possa alcançar. Ali a essência da infância desejada se mantém resiliente.

Como nos diz Ailton Krenak: o futuro é ancestral. Se podemos imaginar um futuro, ele só pode ser pensado a partir do que aqui já estava. Fundado a partir da nossa ancestralidade, como no símbolo da filosofia Adinkra no ideograma Sankofa. Um pássaro, com a cabeça voltada para trás nos lembra: volte e apanhe o que ficou para trás.

Esse futuro distópico guarda desejos expressos nas cápsulas do tempo marcadas neste livro, ainda que muitos tenham experienciado em suas infâncias situações em que o afeto não se fez presente. Para as crianças do futuro: o brincar, a presença, a memória.

Sara Braga de Melo Fadigas

Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: sara.fadigas@uesb.edu.br

SOBRE OS(AS) ORGANIZADORES(AS)

Daniel Valério Martins

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán (UIIM), Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca (USAL), Doutor em Educação pela Universidade de Burgos (UBU), Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca (USAL). Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica (MAI) da Universidad de Salamanca (USAL), professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade (PPGET) da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), professor permanente no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica (PPGENEB) do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), Professor visitante no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) e Pesquisador CNPq.

E-mail para contato: jjfadellino@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

Ruan Rocha Mesquita

Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista da CAPES. Bacharel em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Membro do Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural – GSIAIEI e organizador das quatro edições do Congresso Internacional sobre Educação, Língua, Cultura e Territórios (CIELCULTI).

E-mail para contato: rocharuan@live.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753165415346540>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0766-2133>

Ana Carolina Fialho de Abreu

Doutora na Linha de Processos Educacionais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) na Universidade Federal da Bahia (UFBA) com cotutela em Antropologia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM), Peru. Professora no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade

(PPGREC/UESB). É tutora do Programa de Educação Tutorial (PETI) de Direitos Humanos e coordena o Projeto de Pesquisa Pedagogias do Teatro: culturas e saberes da tradição popular na sala de aula da UESB.

E-mail para contato: ana.abreu@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5819844630801911>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-4061>

Marilete Calegari Cardoso

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Psicomotricidade Relacional pela Universidade La Salle – (UNILASALLE-RS). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Letras na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGed/UESB), na Linha 3: Linguagem e Processos de Subjetivação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância (GEPELINF/UESB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade – GEPEL/UFBA. Atualmente, realiza a pesquisa pós doutoral na Universidade Federal de São Carlos – Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-Sorocaba).

E-mail para contato: marilete.cardoso@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3527762185893794>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4088-8249>

O tempo não volta mais, o que volta é a vontade de voltar ao tempo



ISBN: 978-6-58752-744-4



9 786587 527444